



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS**

Isabela Marília Santana Santos

**DESINFORMAÇÃO E CIRCULAÇÃO TEXTUAL:  
CARTOGRAFIA COMUNICÁVEL DA EXTREMA-DIREITA  
BRASILEIRA NA PANDEMIA DA COVID-19**

São Cristóvão/SE  
2024

Isabela Marília Santana Santos

**DESINFORMAÇÃO E CIRCULAÇÃO TEXTUAL:  
CARTOGRAFIA COMUNICÁVEL DA EXTREMA-DIREITA  
BRASILEIRA NA PANDEMIA DA COVID-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Linguagem, usos e tecnologias

Orientadora: Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima

São Cristóvão/SE  
2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237d Santos, Isabela Marília Santana.  
Desinformação e circulação textual: cartografia comunicável da extrema-direita brasileira na pandemia COVID-19 / Isabela Marília Santana Santos; orientadora Geralda de Oliveira Santos Lima. – São Cristóvão, SE, 2025.  
210 f.: il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1.Linguagem e línguas – Aspectos políticos. 2. Desinformação. 3. Comunicação na política. 4. Linguística. 5. COVID-19, Pandemia de, 2020-2023. 6. Análise crítica do discurso. I. Lima, Geralda de Oliveira Santos, orient. II. Título.

CDU 81'272

ISABELA MARÍLIA SANTANA SANTOS

**DESINFORMAÇÃO E CIRCULAÇÃO TEXTUAL:  
CARTOGRAFIA COMUNICÁVEL DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NA PANDEMIA  
DA COVID-19**

Aprovada em: \_28\_/\_02\_/\_2025\_

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras à seguinte Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Presidente

---

Prof. Dr. Flávio Passos Santana  
Universidade de Pernambuco – UPE  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva  
Instituto Federal de Alagoas – IFAL  
Examinador Externo

---

Profa. Dra. Jocelaine Oliveira dos Santos  
Instituto Federal de Sergipe - IFS  
Examinadora Externa

---

Prof. Dr. Sandro Márcio Drumond Alves Marengo  
Universidade Federal de Sergipe – UFS  
Examinador Interno

*Uma mentira contada mil vezes vira verdade?*

*(Paráfrase (transformada em questionamento por grifo meu) da afirmação de Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista)*

*Dedico esta Tese de Doutorado às mulheres da minha família que vieram antes. Em especial, às cinco mulheres que pude conviver (e ainda convivo) e amar: Voinha Lia (in memorian), Tetê, Mainha, Tia Sônia e Tia Selminha. A elas que muitas vezes e por diversas razões tiveram seus pés impedidos de correr e deram luz a filhas com asas (Ijeoma Umebinyou). Eu sou porque vocês foram e são.*

## AGRADECIMENTOS

À minha professora tão amada, Profa. Dra. Geralda Lima, por essa nossa parceria de 15 anos entre orientações e aprendizados constantes sobre a vida e sobre pesquisa científica. Obrigada pelas oportunidades, por acreditar em mim, por me ensinar o que é pesquisa científica, por despertar em mim o interesse pelas nuances do texto, por ser uma referência de mulher na ciência, por ser inspiração.

Às minhas bancas de qualificação e defesa nas pessoas dos ilustres professores doutores, pesquisadores brilhantes, Profa. Dra. Taysa Mércia, Prof. Dr. Flávio Passos, Profa. Dra. Jocelaine Oliveira, Prof. Dr. Sandro Drumond e Prof. Dr. Danillo Silva. Obrigada pelas contribuições e incentivos potentes e por me honrarem com suas participações na minha formação profissional. Em especial a Danillo Silva, por sua contribuição direta e indireta na minha formação acadêmica e no meu desabrochar para uma pesquisa científica engajada com o social e com o político, você é um exemplo de pesquisador e minha inspiração. Como também ao seu grupo de pesquisa Nexus do Instituto Federal de Alagoas, campus Arapiraca, pelas partilhas e trabalhos juntos.

Ao LETTEC, Laboratório de Estudos em Texto e Tecnologia, grupo de pesquisa do qual faço parte desde sua criação em meados de 2010, nas pessoas de sua líder, Profa. Dra. Geralda, e todos os demais pesquisadores, amigos amados responsáveis por trocas acadêmicas grandiosas e potentes, evidenciadas nas tantas pesquisas publicadas e nos nossos debates e conhecimentos partilhados diariamente.

À Universidade Federal de Sergipe, por ser meu universo nesses quase 20 anos de convivência entre graduação, mestrado, professora substituta e doutorado e por me conceder voz, vez, oportunidades, amizades, conhecimento de mundo e intelectual, visões de mundo outras, por me apresentar um universo de possibilidades acadêmicas e de vida, por ser lar.

Ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS) pela dedicação com o futuro da pesquisa em Letras na nossa universidade e pela paciência e oportunidades nessa minha trajetória.

A todas, todes e todos os docentes que me formaram até aqui e que contribuíram em conhecimento e humanidade para a profissional que sou hoje, obrigada por resistirem aos desafios de ser e permanecer professor brasileiro.

Às pessoas que me acompanham e me acompanharam nessa jornada que é a vida, ensinando-me a viver e enchendo-me de amor, esperança, força, amizade, potência, alegria e acolhida: Victoria, Alex, Hemilly, Emerson, Danillo, João Paulo, João Paulo, Emilly, Jamilly, Ygor, Pedro, Jhonata, Thiago, Samuel, Julianne, Marquinhos, Maiane, Carlos Júnior, Marie, Ingrid, Pamela, Monalisa, e meu irmão tão amado Mickael.

E por último, e não menos importante, agradecer e dedicar esta Tese de Doutorado às mulheres da minha família que vieram antes, em especial as que convivi e ainda convivo, minha mãe Rosemary, minha avó Tereza (Tetê), minhas tias Selminha e Sônia e minha bisavó Maria do Carmo (Lia, *in memoriam*). Obrigada por terem sido força, acolhida e amor, em momentos bons e de crise. A minha busca por asas, voz e sonhos é por vocês, por mim e por vocês.

Parem todos os relógios, desliguem o telefone,  
Evitem o latido do cachorro com seu osso suculento,  
Silenciem os pianos e com tambores lentos  
Tragam o caixão, deixem que o luto chore.

Deixem que os aviões voem em círculos altos  
Riscando no céu a mensagem Ele Está Morto,  
Ponham gravatas beges no pescoço dos pombos brancos do chão,  
Deixem que os guardas de trânsito usem luvas pretas de algodão.

Ele era meu Norte, meu Sul, meu Leste e Oeste,  
Minha semana útil e meu domingo inerte,  
Meu meio-dia, minha meia-noite, minha canção, meu papo,  
Achei que o amor fosse para sempre: Eu estava errado.

As estrelas não são necessárias: retirem cada uma delas;  
Empacotem a lua e façam o sol desmanchar;  
Esvaziem o oceano e varram as florestas;  
Pois nada no momento pode algum bem causar.

*(W. H. Auden\_ Funeral Blues, 1936.)*

*(Poema recitado na CPI da Pandemia pelo Senador Fabiano Contarato em homenagem às vítimas da covid-19 em 26 de outubro de 2021)*

## RESUMO

Neste estudo, em uma perspectiva textual-discursiva, apresentamos uma investigação no que concerne ao processo da desinformação – a fim de refletir sobre linguagem e uso, política e tecnologia, e texto e suas práticas socio-discursivas – que a legitime como mecanismo político para a construção discursiva da gestão federal na pandemia da Covid-19. Para tal fim, fizemos o mapeamento de diversos modelos textuais com a finalidade de construir uma cartografia comunicável (BRIGGS, 2005) e apresentar uma amostra que representasse o que foi a comunicação política desinformacional nos anos que sucederam esse evento histórico sanitário no Brasil, considerando o bolsonarismo *on-line* como manifestação de um populismo digital da extrema-direita brasileira (CESARINO, 2020). Com as sociedades pós-digitais (BLOMMAERT, 2020), a interação humana, as práticas sociais e linguísticas e, até mesmo, as instituições, como a instituição política, sofreram mudanças e passaram a integrar uma nova ordem linguística e tecnológica. A política passou a funcionar e a comunicar dentro de uma arquitetura mais sofisticada, com efeitos de sentido bem sinalizados, mais rápidos e imediatos. Desta forma, ao narrar os episódios pandêmicos e as trajetórias assumidas pelos textos ao reconstruir a comunicabilidade bolsonarista pandêmica, interpretando suas entextualizações, enxertias (BAUMAN E BRIGGS, 1990) e sentidos reconstruídos, o nosso objetivo é analisar modelos metapragmáticos bolsonaristas presentes nas interpretações e produções desses eventos textual-discursivos e interativos, trazendo para o foco da discussão a circulação textual, os trajetos textuais, o papel dos processos de recategorização de objetos de discurso como legitimadores das construções textual-interativas, junto com as entextualizações e indexicalidade, do tema estudado – a desinformação. Como nosso ponto de partida é o interesse pelo texto e seus desdobramentos, também refletiremos e almejaremos contribuir com a discussão de que na língua, é possível considerar a questão da linguagem partindo da instabilidade constitutiva das (MONDADA E DUBOIS, 2003) categorias linguísticas para a construção do processo da referenciação textual, fenômeno em constante (re)elaboração discursiva (CAVALCANTE ET AL, 2010), a qual será complementada e ampliada nesta tese pelos estudos de indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976; SILVA, 2014), que transporta os sentidos para um patamar ideológico, político e de poder discursivo, em virtude de uma exigência do corpus político em questão. O percurso teórico-metodológico para a (re) construção dessa cartografia comunicável é seguir as trajetórias de textos sobre as medidas preventivas na pandemia (máscaras, vacinas e a tentativa de “tratamento precoce”) através do método de rastreamento textual (FABRÍCIO, 2014; BOAVENTURA, 2018), o qual consiste em seguir modelos textuais digitais para a geração de dados, focalizando dimensões multifacetadas, linguísticas, políticas, sociais, históricas “e que constituem formas desterritorializadas e multisituadas de compreensão/construção das experiências sociais” (BOAVENTURA, 2018, p. 19). Esta pesquisa almeja contribuir com os estudos em Linguística textual ao reconhecer o texto como processo e não como produto, além de caminhar na direção menos tradicional e mais transformadora sobre teorias da comunicação, linguagem e texto a fim de conseguir dar conta do objeto analisado: a desinformação politicamente engajada, textualmente cartografada e metapragmaticamente orientada.

**Palavras-chave:** Desinformação. Referenciação. Trajetórias Textuais. Pandemia. Discurso Político-Digital.

## ABSTRACT

In this study, from a textual-discursive perspective, we present an investigation into the process of disinformation – in order to reflect on language and use, politics and technology, and text and its socio-discursive practices – that legitimizes it as a political mechanism for the discursive construction of federal management in the Covid-19 pandemic. To this end, we mapped several textual models in order to build a communicable cartography (BRIGGS, 2005) and present a sample that represents what disinformational political communication was in the years that followed this historic health event in Brazil, considering online Bolsonaroism as a manifestation of digital populism of the Brazilian far-right (CESARINO, 2020). With post-digital societies (BLOMMAERT, 2020), human interaction, social and linguistic practices, and even institutions, such as the political institution, have undergone changes and become part of a new linguistic and technological order. Politics began to function and communicate within a more sophisticated architecture, with clearly signaled, faster, and more immediate effects of meaning. Thus, by narrating the pandemic episodes and the trajectories assumed by the texts when reconstructing the pandemic Bolsonaro communicability, interpreting their entextualizations, grafts (BAUMAN AND BRIGGS, 1990), and reconstructed meanings, our objective is to analyze Bolsonaro metapragmatic models present in the interpretations and productions of these textual-discursive and interactive events, bringing to the focus of the discussion the textual circulation, the textual trajectories, the role of the processes of recategorization of discourse objects as legitimizers of the textual-interactive constructions, together with the entextualizations and indexicality, of the studied theme – disinformation. As our starting point is the interest in the text and its developments, we will also reflect and aim to contribute to the discussion that in language, it is possible to consider the issue of language based on the constitutive instability of (MONDADA AND DUBOIS, 2003) linguistic categories for the construction of the process of textual referencing, a phenomenon in constant discursive (re)elaboration (CAVALCANTE ET AL, 2010), which will be complemented and expanded in this thesis by studies of indexicality (SILVERSTEIN, 1976; SILVA, 2014), which transports the meanings to an ideological, political and discursive power level, as required by the political corpus in question. The theoretical-methodological approach for the (re)construction of this communicable cartography is to follow the trajectories of texts on preventive measures during the pandemic (masks, vaccines, and attempts at “early treatment”) through the textual tracking method (FABRÍCIO, 2014; BOAVENTURA, 2018), which consists of following digital textual models to generate data, focusing on multifaceted, linguistic, political, social, and historical dimensions “that constitute deterritorialized and multisituated forms of understanding/constructing social experiences” (BOAVENTURA, 2018, p. 19). This research aims to contribute to studies in Textual Linguistics by recognizing the text as a process and not as a product, in addition to moving in a less traditional and more transformative direction regarding theories of communication, language, and text in order to be able to account for the object analyzed: politically engaged, textually mapped, and metapragmatically oriented disinformation.

**Keywords:** Disinformation. Referencing. Textual Trajectories. Pandemic. Digital-Political Discourse.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 – A DESINFORMAÇÃO E O MODUS OPERANDI PANDÊMICO-BOLSONARISTA</b> .....	19
1.1 UMA NOVA ORDEM PANDÊMICA.....	20
1.2 O MODUS OPERANDI BOLSONARISTA: METAPRAGMÁTICA PANDÊMICA DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA .....	24
1.3 A DESINFORMAÇÃO COMO FENÔMENO TECNOLÓGICO E TEXTUAL.....	28
<b>CAPÍTULO 2 – “UMA INFECÇÃO TEXTUAL”: REFERENCIAÇÃO, TRAJÉTÓRIAS TEXTUAIS E COMUNICABILIDADE</b> .....	37
2.1 INSTABILIDADE E ESTABILIDADE LINGUÍSTICAS: A REFERENCIAÇÃO.....	37
2.2 AS TRAJETÓRIAS TEXTUAIS, A INDEXICALIDADE E A ENXERTIA.....	44
2.3 A COMUNICABILIDADE E AS CARTOGRAFIAS COMUNICÁVEIS.....	49
<b>CAPÍTULO 3 – A HISTÓRIA TEXTUAL DA PANDEMIA: A CARTOGRAFIA COMUNICÁVEL DAS MEDIDAS PREVENTIVAS</b> .....	59
3.1 CRITÉRIOS METODOLÓGICOS: O RASTREAMENTO TEXTUAL.....	59
3.2 A HISTÓRIA DOS DADOS: A CONSTITUIÇÃO DE UM ARQUIVO DE PESQUISA..	62
3.3 ANÁLISES E EPISÓDIOS PANDÊMICOS: RASTREANDO TEXTOS EM TRAJETÓRIAS INFECCIOSAS.....	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	116
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	119
<b>ANEXOS</b> .....	123

## INTRODUÇÃO

Março de 2020 no Brasil. Início da pandemia e meu ingresso no doutorado. Mesmo mês, inúmeras reflexões sobre como seriam nossas vidas a partir daquele momento em que o mundo lutava contra uma doença desconhecida e teríamos que encontrar um meio de minimizar a contaminação. “Gripezinha”, “eu não sou coqueiro”, “superdimensionado”, “vamos todos morrer um dia”, “fantasia”, “resfriadinho”, “chega de frescura, de mimimi”, “brasileiro pula em esgoto e não acontece nada”, “cloroquina e tubaína”, “idiota útil”, “se tomar vacina e virar jacaré”, essas e outras dinâmicas linguísticas tomaram conta das redes sociais, das matérias jornalísticas e da mídia nacional como um todo, elucidando o cenário discursivo pandêmico propagado pelo governo federal e demais figuras públicas e apoiadores de vários níveis e setores da sociedade, misturando poder institucional com trabalho midiático e/ou comunicacional em meio a um momento histórico único, a pandemia do coronavírus do século, a qual veio para marcar e concretizar cisões na forma de se comunicar, na forma de gestões políticas lidarem com seu fazer político discursivo em crises sociais, envolvendo, principalmente, o aspecto da tecnologia. Cenário este que me despertou inquietações individuais, sociais, além de científicas. E, assim, surgido meu interesse pelo fazer político aliado com as preocupações sobre o momento pandêmico que tinha acabado de estourar e nos fazer vivenciar sensações e presenciar ações políticas como antes nunca vistas, além de fazer com que a comunicação digital se aperfeiçoasse e se tornasse central para a comunicação naquele momento de isolamento diante da contaminação sanitária.

Diante deste e de outros cenários, é que passei a pensar nessa tarefa de grande importância e relevância para a produção de conhecimento nos dias atuais – em diversas áreas, sobretudo para a Linguagem – que é refletir sobre as novas práticas sociais, linguísticas e tecnológicas presentes nas sociedades pós-digitais (BLOMMAERT, 2020), além de pensarmos sobre as dinâmicas de funcionamento da comunicação contemporânea. Diante dessa necessidade epistemológica e social, é que olhamos para o fluxo de informações intenso e caótico (os quais, apesar de tudo, são bem orquestrados, evidenciando certa ordem no caos, há uma pragmática no caos, um regime) que estas práticas sociais e tecnológicas nos trouxeram, as quais também marcaram a pandemia da covid-19, configurando um terreno propício para desencontros informacionais, para a desinformação como um todo, pensada aqui por um viés linguístico-textual. Nossa proposta é propor uma interpretação textual para a desinformação, uma amostra textual que simbolize o que aconteceu na pandemia, evento histórico

extremamente decisivo para o futuro da humanidade, com alto impacto discursivo sobre a história humana e exemplo perfeito de como a comunicação e as questões de linguagem são decisivas para os efeitos e impactos nas nossas vidas. Impactos estes desastrosos para nosso País, afinal fomos a segunda nação no mundo com mais mortos pela covid-19, e muito se deve ao desencontro de informações e o pouco caso com as medidas adequadas nessa pandemia.

O espalhamento da desinformação, mais notadamente durante a pandemia, concretizou uma ordem tecnológica e linguística em curso há um bom tempo, mas que só agora, com o advento e os aparatos das redes sociais, é que esse cenário chegou em um nível de caos informacional sem precedentes, tornando-se uma questão a ser refletida por diversos setores da sociedade, configurando também um problema social, em especial para as políticas públicas de saúde e de combate à pandemia do coronavírus.

“Ao lado de sua fúria infecciosa, o coronavírus trouxe uma atenção renovada à ciência.” (AVRITZER, 2020, p.11), e eu acrescentaria atenções renovadas à linguagem, à comunicação política e a tecnologia. E é a partir deste imbróglgio instaurado pela pandemia da covid-19, doença respiratória causada pela contaminação do coronavírus, que surgem as crises de saúde e informacional, além da ausência de estudos sobre a participação da linguagem na produção e na comunicação da emergência sanitária global de Covid-19, motivações bastante relevantes para este estudo.

Esse ponto é uma das principais justificativas para a relevância de um trabalho como este para a Saúde, afinal, será a partir da amostra cartográfica construída aqui nesse trabalho que teremos dimensão do poder da linguagem e da comunicação digital na condução de eventos de saúde, no quanto dinâmicas semiótico-discursivas podem definir os destinos sanitários também, e, conseqüentemente, interferir na saúde, bem-estar e sobrevivência dos indivíduos.

Assim, partindo de uma demanda crescente por reflexões sobre usos linguísticos e tecnologias em face de uma sociedade pós-digital e diante da digitalização do fazer político, surgem emergências de análises epistemológicas para fenômenos como a desinformação e os impactos disso para a descrição da comunicação política, pensando o fazer político como reconfigurado, pois esse *modus operandi* político clássico, atrelado ao consenso e a conciliação de racionalidades, dotado de máximas universais e que objetivava o acordo através de estratégias linguístico-retóricas (SANTANA, 2015)<sup>1</sup>, foi substituído pelo discurso político voltado ao dissenso e a disputas políticas e linguísticas constantes e intermináveis,

---

<sup>1</sup> Esse modelo de discurso político tradicional e voltado ao consenso foi preocupação minha na dissertação do mestrado em 2015.

principalmente depois do formato clássico de vida digital que levamos, além de buscar um embate de forças, uma disputa de poder e a instauração de lógicas de linguagem e semióticas.

E é nesse ponto que destaco mais uma justificativa para este trabalho que é o interesse, desde há alguns anos, pela pesquisa acadêmica preocupada com o fazer político através da linguagem. No meu mestrado (2013 a 2015), o estudo acadêmico em questão se deu em função de observar o discurso político tradicional – aquele transmitido em horário político, o clássico, o polido revestido de máximas universais, no qual eram escolhidas palavras e estratégias retóricas que beiravam o ideal para persuadir o máximo de pessoas independente das suas visões de mundo ou viés ideológico, almejando provocar o consenso através de premissas universais aceitas socialmente – e a influência e os efeitos de sentido que este tipo de comunicação política ocasionava.

Agora, na tese, 10 (dez) anos depois, o interesse pelo fazer político continua, mas com um olhar mais adequado à época. Com as sociedades pós-digitais, as interações humanas, as práticas linguísticas e até mesmo as instituições, como a instituição política, sofreram mudanças e passaram a integrar uma nova ordem linguística e tecnológica. A política, assim, passou a funcionar e a comunicar dentro de uma arquitetura mais sofisticada, com efeitos de sentido mais rápidos. É neste ponto que surge o interesse pelo estudo das práticas linguísticas em questão, do fazer político digital (BLOMMAERT, 2020).

Outra motivação para este tema de pesquisa foi a carência de estudos em Linguística Textual que contemplem novas propostas de interação com texto e de encarar o texto como processo, como movimento e não como produto, além de pensar uma noção alargada de referenciação, que aponta não somente para a forma, mas para os discursos, que indexa ideologias, poder, pressupostos estes que integram algumas das atuais preocupações do nosso grupo de pesquisa LETTEC/Cnpq (Laboratório de estudos em texto e tecnologia), orientado pela professora Geralda Lima, minha orientadora nesta tese, e que marca a nossa formação inicial na pesquisa científica.

Neste estudo, há também a pretensão de contribuir com este campo da Linguística do Texto que tanto nos acolheu e que nos interessa propondo interfaces com alguns pressupostos da Antropologia Linguística, área de origem da própria Linguística Textual, para que possamos reivindicar sua real preocupação com as questões sociais e políticas que toda pesquisa científica deveria se propor a possuir, além da linguagem em uso.

O objetivo geral desta tese consiste em apresentar uma perspectiva textual, uma amostra da desinformação pandêmica que a legitime como fenômeno político na construção discursiva

da pandemia de Covid-19, através do mapeamento de diversos modelos textuais para a construção de uma cartografia comunicável bolsonarista pandêmica.

Para dar forma a esta perspectiva e alcançar o objetivo geral, objetivarei especificamente: (i) Narrar as **trajetórias assumidas pelos artefatos textuais** implicados na produção da desinformação no contexto da pandemia de Covid-19; (ii) Analisar os **modelos metapragmáticos** bolsonaristas e as posições ideológicas projetadas na circulação desses textos; (iii) Investigar o papel dos **processos de referenciação** na construção discursiva e legitimidade do fenômeno político-tecnológico estudado, levando a contribuição da **indexicalidade para os estudos do texto**.

Utilizarei como percurso teórico-metodológico para a (re) construção dessa cartografia comunicável o método de rastreamento textual (FABRÍCIO, 2014; BOAVENTURA, 2018), o qual consiste em seguir modelos textuais digitais para a geração de dados a partir de interações on-line e episódios que repercutem nas redes sociais, a fim de evidenciar a mobilidade de textos e signos em diferentes espaços e tempos e focalizar dimensões multifacetadas, linguísticas, políticas, sociais, históricas “e que constituem formas desterritorializadas e multisituadas de compreensão/construção das experiências sociais” (BOAVENTURA, 2018, p. 19).

Enfim, o trabalho abordará discussões referentes a desinformação, além de relacioná-la com a forma de governar e de construir discursivamente a pandemia da covid-19 pela gestão do governo Bolsonaro, o qual, através de movimentos textuais e mecanismos linguísticos complexos, desestabilizou diversas categorias linguísticas e movimentou diversos modelos de textos e diversas nuances de sentidos, no sentido de seu projeto político, dos seus valores conservadores e com base no negacionismo científico, base que sustenta boa parte dos seus ideais políticos.

Tratarei especificamente da desinformação como fenômeno textual, junto da descrição de algumas reflexões tecnológicas importantes e valorosas para compreendermos o contexto informacional tecnológico pandêmico, além de situar o contexto político temporal, como uma das preocupações centrais desta tese, já que a desinformação será encarada aqui como politicamente motivada e textualmente orientada, atrelada ao negacionismo científico bolsonarista e a sua comunicabilidade projetada.

A dimensão comunicacional, linguística e textual da desinformação é o foco da discussão através do conceito de comunicabilidade, proposto por Charles Briggs (2005). Seus pressupostos serão de enorme valia para compreender e explicar o fenômeno da desinformação, do espalhamento infeccioso de textos (como também do vírus), da disseminação de sentidos e

do movimento e das trajetórias que os modelos textuais percorrem para comunicar, para agir politicamente através da linguagem.

O capítulo 1 – intitulado “Desinformação e o modus operandi pandêmico-bolsonarista” vem situar o contexto histórico, político e sanitário do auge da desinformação pandêmico-bolsonarista durante a pandemia da covid-19 e seus aspectos textuais, linguísticos e tecnológicos, os quais serão as preocupações desta tese.

É um capítulo dividido em três subtópicos, nos quais o primeiro, “Uma nova ordem pandêmica”, traz alguns dados, informações e episódios que situam o leitor sobre o que aconteceu durante a pandemia, mais especificamente em seu auge, nos anos de 2020 e 2021, em relação a contaminados, mortes, como também episódios de descaso da gestão federal em relação às medidas que deveriam ser tomadas, além da falta de respeito contra as vidas brasileiras. O segundo subtópico do capítulo 1, “O modus operandi bolsonarista: metapragmática pandêmica da extrema-direita brasileira”, explica algumas das visões de mundo que a base bolsonarista possui, suas ideologias e seus pressupostos para lidar com questões políticas e morais, mais especificamente com a roupagem discursiva da pandemia. Já no terceiro subtópico, “A desinformação como fenômeno tecnológico e textual” vemos alguns encadeamentos e relações entre os aspectos linguístico-textuais, informacionais e tecnológicos, a fim de demonstrar como são construtores da dimensão discursiva da pandemia, da desinformação e como ficam os textos, o linguístico e o político produzindo e sendo produzidos dentro de uma arquitetura digital, com novos fenômenos e ferramentas digitais retroalimentando essa dinâmica de construção de sentidos.

O capítulo 2, “”Uma infecção textual”: referenciação, trajetórias textuais e comunicabilidade”, preocupa-se em fundamentar – através de três instrumentos teóricos importantes: a referenciação, bastante explorada pelos estudos da Linguística Textual; as trajetórias textuais de Blommaert; e a teoria das cartografias comunicáveis de Briggs – e compreender como a movimentação e/ou circulação textual e as construções de sentidos mobilizados contribuem para a formulação de um projeto comunicacional, de uma comunicabilidade que atinja determinado objetivo político, e como uma teoria se vincula a outra, além de trazer contribuições de umas às outras.

Este capítulo também é dividido em três subtópicos. O primeiro, “Instabilidade e estabilidade linguísticas: a referenciação”, foca na referenciação, processo linguístico de produção, recepção e circulação textual focado na construção e reconstrução de sentidos. Este primeiro subtópico diz respeito a um conteúdo e uma área do conhecimento que marca a minha

origem como pesquisadora e um dos meus principais interesses acadêmicos: observar as nuances do texto, e, por isso, marca o ponto de partida das teorias trazidas. Partir da referenciação para explicar as construções de sentidos dos textos e o observar e analisar os processos de instabilidade e estabilidade de categorias linguísticas é o foco dos meus estudos como pesquisadora, e trazer, através das outras teorias sobre texto trabalhadas, contribuições científicas que expandam a noção de texto e de referenciação, a fim de demonstrar como os textos, além de transportar e construir sentidos, carregam poder e ideologia, como os textos constroem a comunicação humana.

O segundo e o terceiro subtópicos do Capítulo 2, “As trajetórias textuais, a indexicalidade e a enxertia” e “A comunicabilidade e as cartografias comunicáveis”, respectivamente, trazem a fundamentação teórica sobre esses conceitos que abordam as nuances dos textos diante da linguagem em uso e diante o ambiente digital, o qual situa a maior parte da comunicação social nos dias atuais.

O capítulo 2 em sua totalidade, através das fundamentações trazidas, busca problematizar a própria teorização em torno dos estudos do texto, os quais, ao longo do tempo, caminharam na direção de acompanhar as dinâmicas textuais a partir dos espaços e territórios semióticos que circulam, que constroem e reconstroem sentidos e que provocam efeitos diversos nas práticas sociais.

Essa problematização, a que se propõe este estudo, caminha no sentido de alargar a forma como enxergamos o conceito da referenciação, como “uma atividade discursiva em constante reelaboração” (MONDADA E DUBOIS, 2003), mas que, além das palavras e textos referenciam e apontam para conceitos e significantes flutuantes, elas também apontam/indexam ideologias, poder e “significados diversos recuperáveis contextualmente” (BLOMMAERT, 2014, p.4). Alargar a forma como enxergamos os processos de produção, recepção e circulação textual também é interesse desta tese a fim de contribuir com os estudos brasileiros sobre texto. E é através da entextualização, com suas descontextualizações e recontextualizações, que textos e/ou trechos de um texto podem ser materializados em outros textos, em outros contextos, em outros espaços comunicacionais. (BLOMMAERT, 2005)

## **CAPÍTULO 1 – A DESINFORMAÇÃO E O MODUS OPERANDI PANDÊMICO-BOLSONARISTA**

*“Eu não sou coveiro.”*

*(Frase proferida por Jair Bolsonaro, então presidente da República, quando perguntado sobre as mortes pela covid-19 em 20/04/2020)*

A discussão e contribuição linguística a que se propõe esta tese parte de uma investigação sobre os contornos discursivos estabelecidos na gestão da pandemia da covid-19, pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, e sobre seus “efeitos desinformativos” – evidenciados pelas nuances linguísticas – nas bases de apoiadores bolsonaristas – como também sobre os efeitos que essa condução provocou no avanço da pandemia no Brasil.

País este que, por seu potencial geográfico, científico e de estrutura sanitária (foi um dos últimos a ser contaminado e é possuidor de grandes pesquisas científicas na área da Saúde além de ter um Sistema Único de Saúde (SUS) bastante eficaz e bem articulado, etc), tinha condições suficientes de ter desenvolvido uma melhor condução das medidas de saúde e de ter tido melhores investimentos e políticas públicas eficazes que assessorassem a população brasileira, principalmente a mais carente, não fosse – como defenderá esta tese – as questões de linguagem e os discursos negacionistas propagados com propósitos políticos e econômicos pelo clã bolsonarista.

Contextualizar a pandemia, ao elucidar alguns marcos temporais e dados, e trazer alguns pressupostos básicos do modus operandi bolsonarista é importante para entendermos a relação desses dois tópicos (questões de linguagem e discursos negacionistas propagados) e o quanto um influenciou o outro, além de ser importante para entendermos a dinâmica de causa e consequência que o negacionismo científico bolsonarista causou na nossa vida pandêmica. Outro tópico importante que também será comentado neste capítulo diz respeito a relevância da circulação textual na desinformação, trazendo, assim, o texto para o debate central nessa pesquisa, atingindo uma de suas finalidades.

## 1.1 UMA NOVA ORDEM PANDÊMICA

Foi em uma quarta-feira de cinzas do ano de 2020, em 26 de fevereiro – quando o país se preparava para descansar de um dos seus maiores eventos anuais, o Carnaval – que estourou a pandemia da covid-19 no Brasil, com o primeiro caso confirmado em São Paulo (de uma pessoa que tinha acabado de chegar da Europa de viagem) e, em menos de um mês, o Brasil todo já entrava em transmissão comunitária e em sua primeira tentativa de isolamento social.

Ainda não se sabia muito sobre a doença e sobre os cuidados que deveríamos ter, mas já podíamos acompanhar algumas medidas e decisões dos outros governos ao redor do mundo, já que o Brasil foi um dos últimos a ser contaminado, revelando certo privilégio nessa crise sanitária, afinal, tínhamos tempo, caminhos, experiências e exemplos para administrar esse caos na saúde da melhor forma possível. O que, infelizmente, não aconteceu.

Enquanto que alguns governadores e parlamentares progressistas tentavam controlar a disseminação do vírus e propor medidas que gerissem de forma mais eficiente a pandemia e procuravam seguir as orientações mundiais, o presidente da República, Jair Bolsonaro, e seus apoiadores (dentre parlamentares, ministros, militares, médicos e demais profissionais conservadores, cidadão civis, etc) espalhavam desinformação e ataques às determinações sanitárias, nomeando a pandemia de fraude e deslegitimando as medidas preventivas.

Inúmeros foram os episódios em que Bolsonaro minimizou a pandemia e os efeitos da doença: imitou com tom grosseiro e debochado pessoas com falta de ar em duas de suas lives semanais no instagram nas datas de 18 de março e 06 de maio de 2021; defendeu tratamentos e remédios sem eficácia comprovada aliando-se a grandes planos de saúde, como foi o exemplo do kit covid, o qual apareceu inúmeras vezes com a caixa da ivermectina (um dos medicamentos que era pregado pelo bolsonarismo como a cura para a covid-19, doença até então desconhecida) e o escândalo das operadoras de planos de saúde, os quais ocultavam as mortes de pacientes que participavam sem saber de estudo, sem rigor científico, sobre o kit covid; postergou a compra de vacinas e de insumos para a condução da crise sanitária, como o escândalo da pfizer; atacou discursivamente e diversas vezes o uso de máscaras e as vacinas, além das estratégias de isolamento social; promoveu motociatas e grandes aglomerações em meio às mortes e a contaminação altíssima; entrou em conflito com governadores que

procuravam manter as orientações mundiais de saúde, enfim, puro descaso com a preservação da vida da população brasileira.<sup>2</sup>

O bolsonarismo é um movimento político conservador de extrema direita que tomou força a partir da gestão presidencial do seu líder, o ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro (2018-2022). Esse discurso bolsonarista é também marcado por visões de mundo terraplanistas, negacionistas marcado por teorias conspiratórias e “se situa em um campo anticientífico mais acentuado que o trumpismo [...]” (AVRITZER, 2020, p.11).

Segundo Avritzer (2020), desde sua primeira campanha política para presidência, Bolsonaro construiu uma rede eficiente de ataques aos seus adversários e de disseminação desses discursos negacionistas e conservadores. Esta rede conta com o que eles chamam de “gabinete do ódio”, uma espécie de “milícia virtual” responsável por difundir inverdades e discursos de ódio contra determinados grupos sociais, além de deslanchar processos de ratificação aos valores e atitudes do clã Bolsonaro. Esses ataques on-line são conduzidos através de grupos de whatsapp estrategicamente montados, perfis bolsonaristas nas redes sociais, além dos bots, robôs digitais que facilitam o disparo de mensagens.

A polícia federal detalhou o funcionamento desse esquema digital em relatório entregue ao Supremo Tribunal Federal e demonstrou que esse gabinete age contra a democracia e contra a instituições, além de ter sido crucial na disseminação de inverdades na pandemia. Trata-se de uma estrutura que produz conteúdos tendenciosos e promove postagens em diversas mídias digitais. Segundo a delegada do caso, as operações desse gabinete são divididas em quatro etapas: escolha de alvos; preparação dos materiais e definição das tarefas nos grupos e canais digitais; o ataque orquestrado através das publicações dos conteúdos selecionados de uma só vez para que aquela informação inverídica invada e contamine toda a bolha bolsonarista de forma homogênea e rápida; e, por fim, a reverberação, o efeito da multiplicação dessas pautas políticas, com os acréscimos de novos elementos agregados e diversos modelos textuais que agregam e retransmitem aquela ideologia, aquela visão de mundo tendenciosa.

Uma vasta rede de sites e perfis de direita, canais no youtube de apoiadores, personalidades e figuras públicas com grande destaque nas redes sociais, além de grandes empresários também se juntam a estes disparos em massa e acabam configurando um emaranhado muito bem construído e regimentado, através de investimentos grandiosos para promover esse conteúdo gerado. Essas informações estão sob diversas investigações, incluindo

---

<sup>2</sup> Todos esses eventos foram bem documentados e noticiados pela mídia brasileira, sendo fácil de encontrar numa pesquisa simples no google.

uma específica para a crise sanitária, na qual relatórios foram gerados e coletados durante a CPI da pandemia em 2021, já que a avaliação da pandemia da covid-19 no Brasil contou com índices tão assustadores e com um descaso político histórico, que foi preciso abrir uma sindicância para investigar essas ações políticas.

Contabilizando mais de 36 milhões de contaminados e em torno de 700 mil mortes, sendo a segunda nação mundial com mais mortos na história da pandemia do coronavírus de 2020, essa crise sanitária nos escancarou os problemas de um sistema de saúde em crise com superlotação de leitos e mortes em filas de espera, além do descaso do governo em vigor e superfaturamento com a compra de vacinas, falta de investimentos para a compra de oxigênio – com destaque para o caso de Manaus da falta de oxigênio sem precedentes, em janeiro de 2021, onde várias pessoas morreram por falta de ar sem tratamento e assistência, caso posteriormente investigado e confirmado o pouco caso do governo federal sobre os alertas -, produtos de intubação e insumos em geral, crise política, economia em colapso com o terceiro setor parado e pessoas desempregadas e passando fome, a educação enfrentando seu maior desafio: manter o vínculo educacional e o compromisso do conhecimento do alunado sem a sua presença física nos espaços educacionais, os contornos e os formatos laborais tecnológicos modificando e digitalizando a vida humana. Esse foi o cenário do Brasil em 2020.

Corroborando a estes fatos, podemos levar em conta uma pesquisa realizada pela “The Lancet” (revista inglesa de grande peso na área médica), comentada no site do G1, a qual afirma que cidades que mais apoiaram Bolsonaro em 2018 tiveram as piores taxas de mortalidade por covid em 2021 (<https://g1.globo.com/google/amp/saude/coronavirus/noticia/2022/03/16/cidades-que-mais-apoiaram-bolsonaro-em-2018-tiveram-as-piores-taxas-de-mortalidade-por-covid-em-2021-aponta-estudo-na-lancet.ghtml>).

A pesquisa foi feita por cientistas da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e da Unb (Universidade de Brasília) e constataram que a primeira onda no Brasil teve como principais responsáveis para a disseminação do vírus a falta de infraestrutura sanitária e as desigualdades sociais, mas a segunda onda da covid foi marcada precisamente por desinformação e construções ideológicas partidárias. "Ou seja, municípios que escolheram Bolsonaro como presidente do país apresentaram taxas de mortalidade por Covid-19 intensificadas na segunda onda", salientam os autores.

Diante desses dados, constatamos que o coronavírus instaurou uma ordem pandêmica no mundo e a comunicabilidade bolsonarista pandêmica instaurou uma ordem bem mais caótica e catastrófica no Brasil, tendo como principal elemento a comunicação, a construção de um

modelo de comunicação em que nega todas as medidas em prol da vida, em prol do bom funcionamento e gestão sanitária.

## **1.2 O MODUS OPERANDI BOLSONARISTA: METAPRAGMÁTICA PANDEMICA DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA**

A importância de analisar, neste trabalho, uma comunicabilidade bolsonarista neste contexto pandêmico se deve ao impacto do momento histórico de crise sanitária que vivemos, o qual exigiu uma tomada de responsabilidade eficiente e digna pelo poder público – o que não aconteceu – para o cumprimento dos protocolos sanitários instituídos pelas comunidades e instituições científicas, a exemplo da OMS (Organização Mundial de Saúde) na gestão das pandemias.

O fazer político clássico, atrelado ao consenso e a conciliação de racionalidades, dotado de máximas universais e que objetivava o acordo através de estratégias linguístico-retóricas (SANTANA, 2015), foi substituído pelo discurso político voltado ao dissenso e a disputas políticas e linguísticas constantes e intermináveis, principalmente depois do formato clássico de vida digital que levamos, além de buscar um embate de forças, uma disputa de poder e a instauração de lógicas de linguagem e semióticas.

Laclau (2005), cientista político preocupado com o fazer político, traz o populismo como um funcionamento discursivo capaz de articular uma construção política para colocar em prática a própria política democrática de determinado grupo. Para esse autor, o populismo é intrínseco à política e traz como algumas características principais a construção de um povo, de um nós, a aniquilação de um inimigo em comum a ser derrotado por esse povo e uma cadeia de equivalências que são insatisfações sociais utilizadas como demandas para que esse povo possa lutar para conquistar ao desafiar tudo e todos.

Letícia Cesarino (2020), antropóloga estudiosa do bolsonarismo, enquadra esse movimento político como um exemplo clássico de populismo digital e traz, ao debater o populismo e os modos de exercer o poder, o conceito de “significantes flutuantes” como referentes linguísticos que são alvos frequentes de investidas ideológicas de grande importância para o estabelecimento de determinado projeto político. São elementos que possuem um nível maior de instabilidade discursiva e estão em constante disputa no jogo político.

O bolsonarismo utiliza bastante estes elementos em seu projeto político discursivo a fim de consolidar suas racionalidades através deles, e explora a capacidade que esses significantes têm de serem facilmente cooptados de acordo com o contexto, com as ideologias, principalmente diante da flexibilidade e rapidez do ambiente digital. Ameaça comunista, terroristas, Venezuela, são alguns exemplos de inimigos a serem combatidos, como também as

disputas ditadura x revolução, golpe x impeachment, dentre outros, são alguns dos exemplos que envolvem esse debate da significação vazia, que estão presentes na lógica discursiva bolsonarista e que vão sendo ajustados ao longo dos processos linguísticos e de suas circulações. Esse mecanismo acabou sendo utilizado em diversos outros projetos políticos deste grupo, como, por exemplo, na pandemia, explorando a visão de mundo negacionista e terraplanista, um dos pilares da sua racionalidade.

Sendo assim, o bolsonarismo aproveitou o momento pandêmico para disseminar suas teorias terraplanistas e negacionistas, além de propagar sua ideologia conservadora, enquanto usava a pandemia como palanque eleitoral (NOBRE, 2020). Usou o ambiente de caos sanitário e informacional a seu favor, sendo considerado por vários estudiosos de diversas áreas como um protótipo brasileiro de desinformação pandêmica em massa.

Outro aspecto importante para se comentar sobre essa comunicabilidade bolsonarista é como ela foi um marco na história política brasileira e permitiu a possibilidade de analisar fenômenos linguísticos contemporâneos atrelados a digitalização da política através das suas dinâmicas. Afinal, a instituição política foi uma das mais afetadas diante deste formato de “vida digital” que levamos hoje, além de desde sempre ter na linguagem seu principal instrumento de ação social.

Observar e refletir sobre a ascensão da extrema-direita ao redor do mundo juntamente com o fenômeno da digitalização da política – através de líderes populistas cada vez mais conservadores, os quais encontram nos modelos das redes sociais amparo para desenvolver suas comunicabilidades políticas e dinâmicas semiótico-discursivas – torna-se extremamente importante para investigarmos a transformação do corpo social ao longo da história da humanidade, para percebermos as variações nas práticas sociais e o quanto esses aspectos interferem na nossas vidas e nos imaginários culturais e subjetivos que vão se atualizando.

Pensando essa necessidade política e também epistemológica de analisar o fazer político, é que nos propomos investigar a desinformação politicamente engajada e projetada pelo bolsonarismo no Brasil pandêmico, movimento político herdeiro do autoritarismo brasileiro e que retroalimenta o passado histórico do nosso país – ditador e autoritário que não trabalhou sua memória e anistiou os seus algozes – e seus elementos antidemocráticos, conservadores e negacionistas (tanto científicos quanto históricos) que constituem o tecido social e político brasileiro. Como afirma Danilo Silva:

arrisco-me a dizer que o *bolsonarismo* pode ser caracterizado como um tipo particular de composição de forças políticas, econômicas, religiosas e

midiáticas que, apesar de catalisar uma miríade de conteúdos difusos em suas mensagens, e neste momento político nacional específico ganhar ampla repercussão e notoriedade devido à sua chegada aos altos escalões do poder institucional, move-se em direções vetoriais bastante conhecidas das democracias liberais ao redor do mundo. (SILVA, 2020, p. 4)

O fazer político bolsonarista inaugura alguns mecanismos discursivos e modos de operação e intervenção na esfera pública (SILVA, 2020), mas suas matrizes ideológicas e mecanismos políticos e econômicos que fortalecem a lógica da desigualdade social brasileira ainda são os mesmos do colonialismo, um projeto político com características fascistas, militaristas, com linguagem de guerra, neoliberal e armamentista, tendo como representante Jair Messias Bolsonaro, figura política com uma carreira política marcada por esses aspectos, que encontrou, mesmo que de forma grotesca, na crise de representatividade política brasileira, terreno fértil para esbravejar todos os seus preconceitos, colonialidades e negacionismos.

Esse movimento político caminha junto com outros movimentos de direita ao redor do mundo, especialmente na América Latina, e é consequência, ao mesmo tempo que acompanha o mundo em transição, do percurso do capitalismo e seus imaginários culturais e práticas sociais que vão sendo construídos e fixados à medida que esse sistema avança, além de ganhar enorme força com o advento da internet e das redes sociais, as quais são instrumentais valiosíssimos para alavancar essas construções sociais e culturais.

O bolsonarismo também pode ser pensado como uma espécie de populismo da extrema-direita, pensando a história política brasileira, com um mecanismo linguístico cuidadosamente afetado pelas dinâmicas comunicativas digitais, o que Cesarino (2019) chama de populismo digital. “O populismo digital não corresponde simplesmente a um incremento das tecnologias digitais, e da *web*, à mecânica populista, mas à instauração de padrões discursivos específicos resultantes de efeitos difusos da digitalização do político.” (SILVA, 2020, p. 6)

Cesarino (2019, p. 530) nos traz como principais características desse populismo digital bolsonarista: a técnica do “espelho invertido do inimigo e devolução de acusações”; “mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios” e negacionistas históricos e/ou científicos; “criação de um canal direto e exclusivo de comunicação entre a liderança e seu público através da deslegitimação de instâncias de produção de conhecimento autorizado na esfera pública (notadamente, a academia e a imprensa profissional)”.

Este último aspecto é o que Cesarino (2020) chama de metapolítico. Método bolsonarista que coloca em xeque as próprias instituições políticas e o próprio sistema

democrático, como também ataques aos vários contextos de legitimação do conhecimento, tais como a universidade, a ciência, a educação, o jornalismo, dentre outros.

Esses pressupostos são alguns dos pilares do modelo metapragmático bolsonarista, ou seja, “o modo de usar” a linguagem bolsonarista, uma pragmática negacionista bolsonarista, os quais são repetidos em nomeações, em visões de mundo, em seus modelos textuais e nos seus modos semióticos de enxergar e criar o mundo, a sociedade, a pandemia, tudo isso através da circulação de textos pelos atores sociais que contribuíram para articular esse projeto comunicacional.

Poderíamos pensar também o bolsonarismo como um “encontro social”, segundo Goffman (2011) no qual há ideologias, regras sociais e culturais que afloram o poder, a camaradagem e que constituem o mundo, como também o transforma a partir do confronto, da inconstância, dos jogos de linguagem, das ações linguísticas. O bolsonarismo não é universal, mas pode ser algo particularmente específico de um encontro social.

### 1.3 A DESINFORMAÇÃO COMO FENÔMENO TECNOLÓGICO E TEXTUAL

Um ponto a ser comentado no trabalho em questão é como o aspecto linguístico-textual e informacional se liga ao tecnológico, configurando-se construtores da dimensão discursiva da pandemia. A prática comunicacional e os discursos que pairaram no imaginário da população não contribuíram, em seu âmbito geral, para que as pessoas soubessem como proceder numa pandemia secular e tivessem condições de acesso às informações necessárias para agir de forma a não colocarem a si e aos outros em risco.

Importante salientar ainda, como catalisador para a problemática desinformacional pandêmica, o quanto a recepção das informações fica prejudicada ao levarmos em consideração as questões de desigualdade social, letramento digital e acesso à tecnologia. Por mais que o uso do celular tenha sido democratizado nas sociedades pós-digitais, ainda nos deparamos com alguns entraves que dificultam o uso consciente e democrático desses meios de comunicação. Afinal, muitas pessoas acessam as redes sem ao menos saber como elas realmente funcionam, não conhecem a inteligência artificial, não sabem o que são algoritmos, não pesquisam sobre as notícias que recebem, muitos não possuem internet suficiente para ler uma determinada notícia para além da sua manchete, por exemplo. Apesar desses aspectos não serem o foco dessa pesquisa, eles contribuem para que a desinformação funcione da melhor forma, como aconteceu na pandemia 2020. Essa desinformação que entrelaça aspectos tecnológicos e de circulação textual, também envolve aspectos de ordem política.

Dito isto, a discussão linguística, tecnológica e política que este trabalho propõe diz respeito ao entrelace existente entre essas práticas e entre a mudança do corpo social. Práticas linguísticas atreladas às novas práticas tecnológicas podem afetar e modelar também práticas políticas e institucionais, sociais, econômicas, comunicativas podendo, assim, produzir novas formas de fazer política, novos mecanismos de construção de semioses e podem instabilizar instâncias diversas de produção do discurso, dos sentidos.

As esferas públicas e/ou políticas se mostram, assim, facilmente segmentadas por essa lógica arquitetônica das redes, esse viés técnico das plataformas digitais acaba facilitando a criação de universos paralelos, “mundos invertidos”, como assinala Cesarino em seu livro intitulado “Mundo do Avesso”, publicado em 2023.

Para compreendermos e lidarmos com essas questões tecnológicas, é preciso entender que, como assinala Blommaert, vivemos em uma época que inaugura “novas práticas de interação social, troca de conhecimento, aprendizado, formação de comunidade e trabalho

identitário”. (BLOMMAERT, 2020, p. 391), contexto este que não separa mais “as vidas reais e virtuais”, tudo acontece a um só tempo e a uma só influência, nossas práticas sociais e cotidianas, como também linguísticas, são moldadas concomitantemente e de modo inseparável tanto pela vida on-line quanto pela off-line.

Informações, valores, ideologias, opiniões além de inúmeros modelos textuais de diferentes mídias, redes sociais e plataformas digitais (discursos oficiais na mídia televisiva, postagens, comentários, compartilhamentos, etc) se conectam numa dinâmica de movimentação textual e de instabilidade linguística constantes e diversas, a partir dessa linha tênue interacional do on-line/off-line, e através de processos de entextualização, descontextualizando e recontextualizando referenciais em diversas interações textuais e/ou interações linguísticas on-lines ou off-lines.

Sem esquecer que esses processos de retextualização e de percursos textuais são mais latentes nas redes, pois o formato das plataformas digitais é feito de textos e faz textos, ao passo que os fazem circular. Temos um cenário atual o qual aglutina formas de produção de verdade e causalidade técnica próprias da arquitetura das redes interferindo nas causalidades sociais, como reflete Cesarino ao falar da digitalização da política. Esse agenciamento não-humano e tecnológico contribui para toda a instauração dessa engenharia linguística do caos informacional, da “infodemia”, expressão bastante comentada nos últimos tempos, principalmente no contexto pandêmico.

Blommaert (2020) ainda explicita que vivemos na época das sociedades pós-digitais, as quais viveram e ainda vivem a “Revolução Digital” (CRAMER, 2014), a qual mudou as formas de comunicação dos sujeitos como também de instituições de poder, como é o caso de interesse desta tese sobre o contexto político brasileiro. Na pandemia e depois da pandemia esse formato digital se acentuou ainda mais.

De acordo com Tufekci (2015), os algoritmos são processos computacionais produzidos para tomada de decisões automáticas nas redes a partir de dados dos usuários. Como destaca o autor, elas “não são transparentes nem óbvias para o observador humano casual” (p. 206), visto sua complexidade. Além disso, é importante ressaltar que os algoritmos não são neutros, pois são construídos a partir de orientações ideológicas.

Conforme aponta Silverstein (apud BLOMMAERT, 2006, p. 512), “uma das funções essenciais da linguagem é o enquadramento: fornecendo pistas contextuais sobre quem fala, de que modo, sob qual tópico e sob quais circunstâncias”. E foi, deste modo, que o bolsonarismo conduziu um movimento discursivo negacionista para encarar, avaliar e conduzir, além de

regimentar através do poder estatal, sob seu enquadramento (guiado por ideologias neoliberais, fascistas, negacionistas, etc), a pandemia da covid-19 no Brasil – a qual configurou um momento histórico, social, político, tecnológico de extrema relevância mundial – produzindo o discurso de forma relacional, socialmente posicionado, investido de interesses e repletos de modos de agenciamento políticos diversos (BLOMMAERT, 2006, p. 511). “Dessa forma, os discursos e textos sempre estarão imbricados nos posicionamentos ideológicos de quem os produz e de quem por eles é interpelado.” (OLIVEIRA, 2022, p.15)

Vale lembrar que esses “universos paralelos”, construídos pelo bolsonarismo e sob terreno fértil tecnológico, são alavancados através de práticas linguísticas e textuais muito intensas, de inúmeros modelos textuais em movimento.

Como exemplo básico para esses movimentos discursivos temos sujeitos, os quais chamamos bolsonaristas, que ao chamar as máscaras cirúrgicas – usadas para a prevenção da covid-19 e legitimadas cientificamente – de “focinheiras ideológicas”, o próprio bolsonarismo, paradoxalmente com o que vivem afirmando, assume uma ideologia (para eles ideológico sempre é o outro, usam como algo pejorativo) que referencia a avaliações próprias do seu grupo levando em conta contexto, visões de mundo, culturas, ideais - aspectos sociais e culturais estes que não se separam da linguagem. “Os significados, assim, concorrem no jogo discursivo, englobando disputas locais que, na/pela linguagem, envolvem questões mais amplas no que diz respeito à forma como entendemos os eventos políticos, como eles circulam e como são significados.” (OLIVEIRA, 2022, p. 15)

Não há como não levar em conta as questões ideológicas quando o assunto é linguagem, pois essas ideologias circulam através das interações linguísticas, através das movimentações textuais, através da instabilização e estabilização de sentidos e torna-se importante entender como elas circulam e ganham legitimidade nos espaços comunicativos públicos, nas dinâmicas políticas, nas práticas sociais, através das materialidades linguísticas. Como assinala Susan Gal (1998), elas “ganham credibilidade quando criam laços com argumentos estéticos, morais, científicos ou políticos culturalmente salientes. E, inversamente, as ideias sobre a linguagem, frequentemente, contribuem para a legitimação dos arranjos políticos” (p. 324).

A esse respeito, Blommaert (2006) acrescenta que linguagem e uso linguísticos podem ser vistos como “reflexos mútuos, pois cada ato comunicativo (pragmático) articula uma metapragmática (como refletimos sobre nossas ações e as dos outros, isto é, a nossa pragmática, baseada em nossas visões de mundo) em que características linguístico-ideológicas operam” (p.

511). Nenhuma prática linguística é, portanto, neutra, sempre há uma construção ideológica, de poder, de autoridade e de controle.

A partir dessas afirmações e reflexões, delineamos neste trabalho projeções discursivas sobre a produção, recepção e circulação dos textos a partir do conceito de cartografias comunicáveis de Charles Briggs (2007), com o intuito de analisar o funcionamento linguístico dessa comunicabilidade desinformativa do discurso político brasileiro, dessa forma de fazer política, de conduzir as decisões políticas e as políticas públicas, especificamente na gestão da pandemia que estourou no Brasil em 2020, acompanhando as trajetórias textuais dos sentidos, dos contornos discursivos que influenciaram as práticas sociais de todos os sujeitos envolvidos, tanto por figuras públicas como também por sujeitos civis, provando o quanto que as construções de linguagem moldam a política desde a modernidade, e mais ainda, agora, nas sociedades pós-digitais.

E, ao pensar nesse fazer político, é que este trabalho também caminha na direção do que Blommaert traz sobre discurso político dentro dessa era da hiper-politização digital tão propícia a desinformação, na qual a circulação textual é intensa e permite, através da arquitetura das redes, lançar significações de todos os tipos dando poder aos usuários de transmitir suas “verdades” e de construir sentidos sobre todo e qualquer tipo de assunto, inclusive o político, tornando o debate mais amplo como também mais vulnerável. As estruturas sociais tradicionais do fazer político são substituídas pelas “infraestruturas digitais” (BLOMMAERT, 2020, p. 391) com suas variadas especificidades.

Uma dessas especificidades diz respeito a mediatização das redes, a qual torna o ambiente digital mediado, como também as mensagens e significados circulados, alterando a forma como essa mensagem é produzida, como ela circula e como ela é recebida/consumida pelos usuários. A informação, como também o discurso político, é acessado indiretamente através da mídia a que estamos expostos, fazendo com que essa informação venha atravessada de influências midiáticas outras e diversas.

Os públicos fragmentados também são uma questão para se levar em consideração na nossa era pós-digital. As propagandas acabam tendo que recorrer ao dissenso e às disputas políticas e linguísticas constantes e intermináveis, devido ao nosso formato clássico de vida digital, pautado na disputa de poder e na instauração de lógicas semiótico linguísticas mais complexas. A esfera pública fragmentada acaba por dinamizar mais ainda o espaço de significações, fazendo com que os conceitos de “esfera pública”, de “opinião pública” e de “público” não façam mais sentido nesse novo contexto político.

Além disso, a própria arquitetura das redes faz com que se revise os modelos de propaganda (BLOMMAERT, 2020) para que se atenda às exigências dos ambientes digitais, com suas políticas de engajamento, mediadas por seus algoritmos que determinam o tipo de informação que chegará até o usuário, o qual permanecerá, assim, dentro de bolhas ideológicas de confirmação de vieses, nas quais as opiniões são reforçadas e amplificadas, negando aos indivíduos opiniões divergentes, confirmando seus posicionamentos ideológicos e preexistentes sem nenhum ceticismo. Os algoritmos não têm como alvo “as massas”, mas sim uma infinidade de públicos e que quanto mais determinada “fake news” ou projeto de desinformação for acessado, engajado, mesmo que para discordância, mais será disseminado e, pela lógica das redes, legitimado.

E é dentro dessa infraestrutura digital que opera o que chamo nesta tese de desinformação bolsonarista pandêmica, a qual funciona dentro desse marketing digital de nicho, dificultando a transmissão de informações coerentes em relação aos cuidados sanitários importantes na pandemia, evidenciando um campo fragmentado de produção, recepção e circulação de conteúdo de mídia, com informações muitas vezes irracionais, estetizadas e emotivas. Desinformação essa potente, pois, por confirmar o viés ideológico desse público fragmentado, essas pessoas jamais acreditarão serem elementos não verdadeiros.

Precisamos abandonar a ideia (tão querida) da democracia moderna como um sistema racional de tomada de decisões, girando em torno da “verdade” e tendo essa “verdade” como o ponto em torno do qual o consenso (e as coalizões) pode ser formado. Atualmente, poucas questões são tão controversas quanto a “verdade”, e os comentaristas às vezes se referem ao nosso tempo como a era da “pós-verdade”. Na prática real, é melhor abordar a tomada de decisão democrática como um “método misto”, no qual as práticas racionais são apenas um elemento, e nem sempre o predominante. (BLOMMAERT, 2020, p.394)

Assim como são outros os modelos de propaganda, também são outros os modelos de comunicação, afinal no ambiente das redes não existe estrutura linear de comunicação como sempre vimos na linguística tradicional, os participantes da comunicação não ocupam seus lugares tradicionais e muitas das vezes nem são humanos, como é o caso da inteligência artificial (IA), essa audiência é nichada e o discurso político é produzido por vários atores sociais, como é o caso da cartografia construída aqui para representar a desinformação bolsonarista pandêmica, na qual há vários produtores, receptores e disseminadores (pois esses sujeitos podem desempenhar todas essas ações textuais) de informações negacionistas, desde

cidadãos civis e usuários das redes sociais, médicos e demais profissionais na sociedade a figuras públicas políticas como deputados, ministros e o próprio presidente da república.

Essas estruturas e/ou abordagens de comunicação e propaganda são constantemente dinâmicas e permanecem gerando efeitos nas ações sociais (como foi o caso da pandemia no Brasil que teve números alarmantes graças a disseminação de informações entrecruzadas e inverdades), além de sempre roteirizadas, construídas e elaboradas para funcionar de forma mediada pela tecnologia, permitindo que as ações textuais espalhadas pelo tempo, reapareçam, se reconfigurem, se entextualizem em novos modelos textuais e em novas ações de linguagem, fazendo com que públicos específicos influenciem outros públicos graças a esses processos de reentextualização (SILVERSTEIN, 1996).

A entextualização refere-se ao processo pelo qual os discursos são sucessiva ou simultaneamente descontextualizados e recontextualizados metadiscursivamente, de modo que se tornam um novo discurso associado a um novo contexto e acompanhado por um metadiscorso particular que fornece uma espécie de “leitura preferida” para o discurso. Este conceito-chave ajuda-nos a compreender que a “viralidade” – a distribuição em grande escala de mensagens através de práticas de “cópia” online, como repostagens, retuítes e assim por diante – não é, de facto, uma série de repetições do “mesmo”. mensagem, mas uma série de reentextualizações (cf. VARIS; BLOMMAERT, 2015 APUD BLOMMAERT, 2020, p. 403).

Nesse mundo policêntrico de comunicação, como nos traz Blommaert, é através dessas descontextualizações e recontextualizações que determinado projeto de determinado grupo político, ou até mesmo determinada mensagem ou ato de fala, são captados por essa dinâmica textual gerando um novo tipo de interação, um novo ato de comunicação, mesmo que as características do novo ato de comunicação divirjam fortemente daquelas do ato inicial. Como é o caso da apropriação de atos de fala do campo político da esquerda progressista pela extrema-direita, a fim de adquirir legitimação e ao mesmo tempo minar suas pautas (veremos essa questão de forma mais detalhada na construção cartográfica mais adiante).

Olhando para a questão da linguagem e sua circulação, que, por sua vez, está no cerne desta pesquisa, Blommaert (2006) também nos lembra de que a transmissão de textos “é vista como crucial a qualquer entendimento de cultura — como ‘tradição’ — e é igualmente crucial como ingrediente das práticas institucionais e burocráticas em cortes, escolas, governos e assim por diante” (p. 513). Ao partir para a análise de textos diversos que circularam em diversos domínios discursivos, em diversos contextos informais, institucionais, etc – declarações

políticas, notícias, discursos “científicos”, documentos e postagens do poder público, postagens de redes sociais, etc – procuraremos descrever um mapa comunicável que moldou e teve papel importante na condução da pandemia, além de caracterizar um conflito informacional e ideológico, para, desta forma, demonstrarmos a desinformação politicamente engajada, prioridade desta tese em questão.

Desinformação, fake news, infodemia, dentre outros, foram termos que se popularizaram nos últimos debates, principalmente durante e depois da pandemia, por isso julgamos importante comentar brevemente sobre alguns desses conceitos tecnológicos.

A desinformação acaba por se configurar como um mecanismo do tipo de caos informacional, geralmente orquestrado por determinado (s) grupo (s) social (is) baseado (s) em determinada (s) visão (ões) de mundo, na qual textos de inúmeros tipos transitam em contextos comunicacionais variados, com ampla circulação e absorção rápida – facilitados pela própria arquitetura das plataformas tecnológicas – interferindo no comportamento dos sujeitos.

Nesta publicação, o termo desinformação é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas. Isso geralmente é combinado com estratégias de comunicação paralelas e cruzadas e um conjunto de outras táticas, como hackear ou comprometer pessoas. O termo “informação incorreta” frequentemente refere-se a informações enganosas criadas ou disseminadas sem intenção manipuladora ou maliciosa. Ambos são problemas para a sociedade, porém a desinformação é particularmente perigosa pois é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada. (UNESCO, 2019, p. 07)

Muitas vezes, o termo desinformação é confundido com os termos *fake news* e infodemia, expressões que estão entrelaçadas, mas não dizem respeito exatamente a mesma coisa e que nos trazem valor para dentro das nossas discussões aqui presentes, por isso julgamos importante comentar sobre elas.

Sendo assim, a infodemia possui relação com quantidade, com um grande fluxo de informações sobre determinado assunto, como na pandemia do coronavírus. Essas informações em excesso ocasionam uma confusão em relação a idoneidade das fontes e em relação às orientações confiáveis para o bem-estar da sociedade como um todo. Em uma situação de infodemia, como na pandemia, na qual as informações de diversos tipos e aspectos, corretas ou incorretas, as inverdades, os rumores, etc. transitam de forma rápida e, muitas vezes, caótica, surge a desinformação, a qual vem acompanhada de manipulações com vontades intencionais

diversas. A *infodemia* acelera e é campo propício para a *desinformação* e, consequentemente, para a circulação de *fake news*. (OPAS, 2020)

As *fake news* também estão presentes neste contexto de *infodemia* e estão atreladas à *desinformação*. Estas “notícias falsas”, como sua tradução sugere, configuram o fluxo e a movimentação textuais característicos da *desinformação*.

Evita-se admitir que o termo *fake news* (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido<sup>1</sup>. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. (UNESCO, 2019, p.07)

Mecanismos políticos estes que também estarão presentes nas reflexões do presente trabalho, afinal o gerenciamento do governo federal no tocante à pandemia da covid-19 não foi condizente a uma conduta sanitária eticamente comprometida nem cientificamente aceita e esteve fortemente atrelado a campanhas de *desinformação* em massa.

E é partindo da mesma perspectiva de Blommaert (2006) que compreendemos a linguagem como “resultado de uma construção ideológica (...) [que] envolve poder, autoridade e controle” (BLOMMAERT, 2006, p. 512). Além de entender “todos os fenômenos culturais e linguísticos como eventos essencialmente relacionados e, portanto, mesmo quando parecem manifestações de ‘intuições’ pessoais são, por assim dizer, ideológicos de ‘qualquer forma’” (SILVERSTEIN, 1998, p. 126). “As ideologias linguísticas são quaisquer conjuntos de crenças sobre a língua (linguagem) articuladas pelos usuários como uma racionalização ou justificação de estruturas e uso da língua percebidas.” (SILVERSTEIN, 1979, p. 193)

Pensando a linguagem a partir da antropologia linguística, Silverstein (1979) afirma que as ideologias linguísticas equivalem “aos níveis mais profundos da cultura e da sociedade, às pressuposições não ditas que, como algum tipo de ‘cimento social’, transformam grupos de pessoas em comunidades, sociedades e culturas” (BLOMMAERT, 2006, p. 510). Essa potente circulação discursiva monta e aponta para uma cartografia de textos (Briggs, 2007), para uma comunicabilidade que se dá no uso, na circulação textual, na pragmática como também na ideologia, na metapragmática:

Qualquer uso da língua é inextricavelmente associado a uma ideologia sobre o que seja a língua (ou sobre sua(s) função(ões) ou sobre seus modos de funcionamento). Assim, os usos da língua, ou sua pragmática, associam-se a representações ideológicas

sobre o funcionamento da língua, ou sua metapragmática (SILVERSTEIN apud SILVA, 2013, p. 9).

Nosso estudo procura demonstrar como as cartografias comunicáveis, considerando que os mapas comunicáveis alcançam efeitos à medida que as pessoas respondem a textos que as interpelam, explicam as práticas em geral, como conduzem os discursos e como mapeiam a desinformação, “infeccionando” e impactando diretamente a vida em sociedade, o jogo político democrático, a gestão política, enfim, a vida social.

Para que, desta forma, possamos construir pontes que permitam observar essa desinformação, como modo de produzir linguagem e realidades, como prática política, como discurso político em ação cotidiana como também institucionalmente. Afinal, “as relações sociais costuradas no discurso e na interação serão sempre “construídas, sustentadas, desestabilizadas ou transformadas na política da vida diária e suas atividades corriqueiras.” (Branca Telles Ribeiro citando Branca Falabella Fabrício no prefácio, 2020)

## CAPÍTULO 2 – “UMA INFECÇÃO TEXTUAL”: A REFERENCIAÇÃO, AS TRAJETÓRIAS TEXTUAIS E A COMUNICABILIDADE

### 2.1 INSTABILIDADE E ESTABILIDADE LINGUÍSTICAS: A REFERENCIAÇÃO

Um dos nossos interesses científicos é contribuir para a reflexão existente em torno dos estudos textuais e seus entornos discursivos focando em novas propostas de interação e observação do texto. Assim, partiremos dos estudos da referenciação (o qual sempre foi nosso lugar epistêmico) a fim levar em conta os aspectos linguísticos em disputa dentro dessa movimentação textual os quais são “desestabilizados dentro de uma instabilidade” (MONDADA E DUBOIS, 2003) característica da linguagem, ao mesmo tempo que colocaremos essa referenciação como fenômeno legitimador da desinformação, objeto desta tese.

Com o intuito de levar a sério o caráter social e histórico presente nos mecanismos de recategorização de referentes dentro das disputas semióticas, é que procuraremos explicar o quanto a circulação textual e a disputa de sentidos fundam o tecido social, o quanto pautamos nossas práticas cotidianas a partir dos textos que interagimos, das porções de linguagem que nos estão disponíveis. “A linguagem é um elemento importante, se não for o definidor, em grande parte da vida social, e as ideias sobre a linguagem tem tido um impacto fundamental sobre a teoria social no último século.” (HANKS, 2008, p. 170).

Tentaremos, assim, destrinchar, nas análises que se seguirão, o pressuposto central desta tese: *as recategorizações textuais – as quais acontecem durante as trajetórias textuais – como parte dos processos de desestabilização politicamente motivada de categorias linguísticas e semióticas para a desinformação*, a fim de gerar o caos informacional. Ao passo que serão mapeados os sentidos e os textos, suas metapragmáticas serão indexicalizadas configurando a comunicabilidade bolsonarista pandêmica, a desinformação politicamente engajada e regimentada.

Para Rastier, citado por Mondada e Dubois (2003, p. 20), a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”. A recategorização, desta forma, entraria nesta tese como processo legitimador da desinformação, sendo ampliada pela indexicalidade e pelas trajetórias textuais até atingir a dimensão da comunicabilidade. Esse olhar torna-se necessário dentro da complexificação que as

descontinuidades discursivas (SILVA, 2019) foram se estabelecendo dentro do formato de vida digital que levamos hoje em dia e sobre o modo como concebemos a linguagem neste cenário. Pensando essas questões de linguagem que merecem um olhar mais ampliado, Silva (2019) afirma que:

Dentre essas revisões em curso estão aquelas que fazem, hoje, parecer truísmo afirmar que esta seja uma instância multissemiótica eminentemente complexa, dialeticamente articulada às estruturas sociais, imbuída de fricções ideológicas, implicada nas disputas sociais, nos modos de agência política de diferentes grupos e em suas performances identitárias. (SILVA, 2019. p. 2)

Para isso, tornar-se-á importante retomar alguns conceitos que embasarão esses pressupostos epistemológicos através de alguns instrumentais teóricos propostos por estudiosos da Linguística Textual que vieram antes e que embasarão este objetivo específico: BENTES, (2001); MONDADA E DUBOIS (2003); CAVALCANTE (2010).

As noções de referência aqui serão pensadas como movimento, como instabilidade, como processo e não como produto pronto e acabado, e procuraremos pensar uma concepção de discurso como fenômeno de veiculação e regulação de informação e se inserir numa concepção que permita visualizar como o discurso configura, enriquece e transforma os objetos que constrói (MONDADA E DUBOIS, 2003). “O texto emerge de um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentidos.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 58).

Segundo Hanks (2008), texto é a forma linguística unida a sua interpretação discursiva; é a união da forma com princípios extralinguísticos mesclando, assim, preceitos pragmáticos e interacionais. “Uma categoria lexical impõe um ponto de vista, um domínio semântico de referência, a concorrer com outras categorias sugeridas, e produzindo sentido a partir do contraste com as precedentes” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 33).

E mais. Pensar a noção de desinformação e os aspectos que se relacionam com esse fenômeno também é pensar numa noção de linguagem, nos levando a pensar num estudo linguístico entrelaçado com a sociedade, é pensar a linguagem como construtora de mundo, fazedora de realidades e não como apenas uma representação de mundo.

Desse modo, “[...] observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser ‘decategorizado’ tornado instável, evoluir sob

o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 27).

os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à construção de tais categorias flexíveis, *ad hoc* e úteis a todos os fins práticos, dependentes tanto mais da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre o mundo do que de restrições impostas pela materialidade do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 24).

Uma noção subjacente de texto também brota dessas reflexões: a noção de texto como representação da realidade (verdade, referência, estabilidade) e a noção de texto como construção performativa da realidade (referenciação, discurso, ideologia, instabilidade referencial). É sobre essa segunda noção a que nos filiamos, a pensar o texto como processo, como movimento, levando em conta as dimensões socioculturais e, por isso, políticas e ideológicas da união dos fenômenos da referenciação, da disputa dos signos, das trajetórias textuais e suas incorporações até chegarmos a uma cartografia comunicável, a uma comunicabilidade, a uma desinformação.

A desinformação e as disputas linguísticas as quais investigaremos aqui dizem respeito também as disputas simbólicas do sistema de referências em jogo. Baseada em Agha (2007), Viscardi (2020, p. 1143) propõe uma discussão interessante sobre a acurácia referencial, elencando algumas situações trazidas por Agha para mostrar que essa acuracidade não é a prioridade, e que “a questão do referente não deve ser compreendida estritamente pelo significado direto daquilo que é referenciado, mas também pelo sucesso na entrega da informação durante a interação.” O que importa é o efeito que os enunciados irão causar nos sujeitos ao entrar em interação com esses elementos linguísticos, ou seja, que eles se reconheçam naquele enquadramento sobre determinados referentes.

Essa questão é bem característica do jogo político bolsonarista desde 2018, e mais especificamente na pandemia. As informações que circulam nesses contextos não possuem rigor científico, não são, em sua maioria, nem sequer verdades factuais, ou são fatos descontextualizados e tornados pontos de vista, enfim, não há um mínimo de preocupação e responsabilidade com a informatividade, esses conteúdos são disseminados de forma avaliativa, ideológica e personalizada como se fossem verdades factuais, e sua adesão é quase que automática, não há checagem (muitas vezes nem há espaço e orientação nas plataformas para isso), o que há é reconhecimento daquele assunto e o atravessamento e mobilização dos afetos e visões de mundo.

um objeto de discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como de articular-se em partes suscetíveis de autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente (MONDADA, 1994, p. 64 apud KOCH, 2004, p. 79)

Por isso, nosso interesse em mostrar que essas disputas e que esses jogos discursivos são muito mais relevantes para falarmos de desinformação, *fake news*, infodemias e demais fenômenos das sociedades pós-digitais, do que refletirmos o que é ou não verdade, porque para quem constrói essas comunicabilidades, o que importa é o efeito, a disseminação dessas construções linguísticas e a adesão a suas propostas, afinal essa adesão está mais ligada a afinidades que esses sujeitos possuem a suas teses, ao medo e raiva ali despertados, a eleger um inimigo em comum a ser combatido, a uma “verdade” que te satisfaça, por isso a circulação textual ser tão central nesse debate.

A referenciação, pensada criticamente, possui potencial de ação política no que tange à produção de sentidos e aos processamentos referenciais que veremos nos modelos textuais que circularam na pandemia, sendo cruciais para compreender as disputas de sentido ao elaborarem e reelaborarem a pandemia e seus elementos, indiciando, assim, para um modelo metapragmático específico, no caso o modelo negacionista e conservador característico da bolha bolsonarista.

Assumiremos uma perspectiva pragmática dos estudos do texto e da produção de sentidos, envolvendo linguagem, uso e suas tecnologias, para, assim, assumir também que as realidades sociais são construídas a partir da referenciação – atividade discursiva de construção do mundo, dos sujeitos e das significações (MARCUSCHI, 1998) – e são versões públicas do mundo nas quais situam práticas discursivas, cognitivas, sociais e culturais (MONDADA E DUBOIS, 2003) para a construção de objetos de discurso na “intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Assim, referenciação não diz respeito à representação especular de coisas ou estados de coisas no discurso, mas corresponde especialmente àquela relação estabelecida entre o texto, enquanto entidade semiótica complexa, e as instâncias não-semióticas nas quais ele é produzido e interpretado. (SILVA, 2019, p.7)

As significações são, assim, construídas e reconstruídas nas relações dialéticas, dentro dos movimentos interacionais, assim, “radicalizando essa concepção, podemos afirmar que as condições materiais e simbólicas de existência dos sujeitos são realidades produzidas, mantidas e/ou alteradas, inclusive, por constantes processos de referenciação em funcionamento na elaboração de objetos de discurso e em suas dinâmicas de categorização e recategorização.” (SILVA, 2019, p. 8)

Para Koch (2012, p.34),

os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva.

A partir dessas discussões, é quase impossível não considerar os sujeitos e suas ações discursivas políticas, históricas e sociais a partir das suas visões públicas do mundo, das suas avaliações, crenças e pontos de vista sobre os objetos do mundo. Esses sujeitos, então, “constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são, interativamente e discursivamente, construídos, em meio às práticas sociais, ou seja, são objetos-de-discurso” (LIMA, 2007, p. 141)

Pensar a referenciação por esse viés também é pensar as abordagens de língua e linguagem, é compreender a passagem da referência à referenciação ao lado da passagem da língua ao discurso, dentro de uma reelaboração de sentidos e dentro de contextos interacionais mobilizando e mesclando elementos dos contextos mais imediatos com elementos dos contextos sociais mais amplos.

Configurando o que estamos aqui chamando de instabilidade característica da linguagem na busca incessante pela estabilidade para conferir certa racionalidade, tendo essa busca a finalidade de compartilhar socioculturalmente as significações. Esses mecanismos de busca pela estabilidade acabam por dar um aspecto contínuo a essas instabilizações e a gerar efeitos de evidências e de estabilidade. É o que acontece quando falamos de categorização e recategorização.

Utilizamos as categorias linguísticas semânticas para descrever os objetos de mundo e transformá-los em objetos de discurso num processo de contínuo de construção e reconstrução, desestabilizando e estabilizando esses objetos de discurso, ocasionando em mudanças de sentido constantes, inconstantes e múltiplas, uma vez que “estes não preexistem ‘naturalmente’

à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade” (APOTHÉLOZ; REICHLERBEGUÉLIN, 1995). Essas ações textuais são realizadas por sujeitos engajados socialmente e não empíricos, isolados do mundo social, sujeito sociocognitivos que constroem suas realidades dentro das instabilidades linguísticas, revelando a estabilidade a partir das categorias manifestadas nos seus discursos (MONDADA E DUBOIS, 2003).

Ao enunciar que as máscaras de proteção sanitárias, instrumentos utilizados na pandemia para nos protegermos contra o coronavírus, causador da covid-19, são “burkas chinesas baratas”, o sujeito que enuncia recategoriza a máscara acrescentando-lhe informações e avaliações determinadas de um lugar, de uma visão de mundo pandêmica específica, de um olhar sobre esse instrumento de proteção. Ao recategorizar e reconstruir o mundo pandêmico num mundo discursivo negacionista (que é para onde nos deslocamos a partir dessa recategorização), esse mecanismo de referência legitima a desinformação, a auxilia nesse processo de significação, faz com que indexalizemos modelos metapragmático bolsonaristas, ou seja, modelos ideológicos conservadores e de deslegitimação da utilidade das máscaras, ainda nos projetando para significações outras e textos outros, como, por exemplo, os contextos árabes, “burka”, e o contexto chinês, “chinesas”, deslocando para a disputa textos que enquadram a pandemia como culpa da China e textos que consideram a “burka” um acessório aprisionador.

Esse exemplo, o qual será mais explorado posteriormente, nos evidencia o quanto os processos de referência, ao categorizar e recategorizar os referentes, respondem a movimentos ideológicos que reforçam crenças, visões de mundo, valores e conhecimentos específicos, participando ativamente das disputas discursivas diárias que travamos ao construir e reconstruir nossos objetos de discurso e nossas versões públicas do mundo.

evidenciando que os fenômenos de referência, como a categorização e a recategorização, ainda que se processem mediante a mobilização de recursos de natureza lexical ou imagética, na superfície textual, respondem, em grande medida, a instâncias discursivas, da ordem do político, do social e do cultural, implicadas na sua elaboração. (SILVA, 2019, p.11)

Outro ponto a ser discutido diz respeito às reconfigurações que os textos acabam estabelecendo a partir do modelo de vida digital que a web 3.0 nos trouxe, no qual estão inseridas nossas práticas sociais diárias. A digitalização da vida atravessou a mídia, a cultura, as nossas tomadas de decisão, nossas práticas, as significações do mundo, a lógica do

pensamento moderno e as ações institucionais, políticas, econômicas e também simbólicas. Diante deste cenário, as questões que envolvem reflexões sobre o texto, sobre a informação, sobre a linguagem são postas em debate na tentativa de tentar compreender essas dinâmicas de funcionamento discursivo e produção de sentido, levando em conta esses usos, esse viés pragmático para analisar o texto em ambientes digitais.

Outro ponto a considerarmos e refletirmos é sobre as questões de recepção textual, as quais não brotam diretamente dos recursos textuais por si só, elas acontecem através de práticas de apropriação e recepção, do movimento textual histórico e social/interacional, por isso a necessidade de observarmos o processamento textual neste trabalho a partir das teorias das trajetórias textuais, para que os elementos sociais sejam levados em consideração nos movimentos interpretativos.

## 2.2 AS TRAJETÓRIAS TEXTUAIS, A INDEXICALIDADE E A ENXERTIA

Para levarmos em conta uma perspectiva crítica dos estudos da linguagem que se preocupe com as questões sociais e de poder mais amplas e assuma que as significações são construídas no fluxo da circulação textual, é importante também pensarmos a ideia de contexto de forma mais ampla, ultrapassando a ideia de contexto apenas local e considerando aspectos macrossociais.

Blommaert, ao afirmar que “os contextos não são características de textos isolados, mas de economias mais amplas de comunicação e textualização.” (2005, p. 57), busca uma forma de amalgamar nos textos o situacional e o extra-situacional, de refletir sobre a mobilização de significações que fazemos de outros contextos, mas que circundam os textos que produzimos e emergem quando são acionados na interação. Por isso, torna-se importante pensar essas trajetórias textuais, pensar os processos de entextualização das crenças, das visões de mundo nos enunciados, como diz Blommaert (2010), da entextualização, das viagens socio-históricas dos Discursos nos discursos, a fim de contribuir para identificarmos os trajetos pluridimensionais da construção dos sentidos.

Esses textos que viajam e transportam histórias, quando recontextualizados, não correspondem mais ao texto “original”, esse texto assume uma outra significação, a história e os sentidos daquele texto são remodelados, e/ou invertidos, reenquadrados e o foco deixa de ser aquele texto “citado”, “lembrado”, para darmos atenção a essa trajetória, a essa viagem.

A entextualização, para Blommaert, diz respeito aos processos de construção de significados, além de capturar os processos de produção, recepção e circulação textuais do mundo, é o processo de retirar textos ou pedaços de textos de um contexto e realoca-los em outros, assim:

discursos são sucessivamente ou simultaneamente descontextualizados e metadiscursivamente recontextualizados, de modo que se tornem um novo discurso, associado a um novo contexto e acompanhado por uma metadiscursividade particular, que fornece um tipo de leitura preferida para o discurso. (BLOMMAERT, 2005, p. 47)

Nos contextos interacionais e na prática comunicativa, os participantes, ao produzirem seus textos, refletem e avaliam o mundo a partir de outros textos e fragmentos de textos cristalizados socioculturalmente, os quais aparecem a partir de pistas, instruções sobre como a atividade discursiva daquele modelo textual deve ser interpretada. Para Blommaert, o que

acontece com os textos é: “discursos retirados de seu ambiente de interação e transmitidos em conjunto com novas sugestões de contexto” (BLOMMAERT, 2006, P.513)

Ao considerar, como é caso desta tese, as formas de linguagem como fluidas e transitórias e os sentidos como instáveis dentro de um movimento de constantes estabilizações/instabilizações (MONDADA E DUBOIS, 2003), essa discussão também se estende e precisa realmente se estender para a noção de texto, ao observarmos e considerarmos a importância dos textos em seus diversos aspectos, formas e viagens, ao transportarem esses discursos, ao fazerem circular esses modelos avaliativos e ideológicos e o quanto essa tarefa é crucial para a comunicação.

Os textos transportam, ao longo dos tempos e de forma não estanque, sentidos, ideologias, materialidades múltiplas que constroem e transformam a vida social. Certamente, essas trajetórias textuais, com o passar do tempo, vão se modificando e se adaptando em relação às suas formas de apresentação, seus conteúdos, seus usos e aos contextos e entornos desses usos, devido às próprias mudanças sociais e históricas que vão acontecendo e linguisticamente vão interferindo nessa dinâmica.

Dito isto e com base em Bauman e Briggs (1990), o mecanismo definido por estes autores que explica esse movimento e demonstra como essas viagens textuais são feitas é a chamada “*entextualização*”. A qual compreende uma “*descontextualização*” de um texto ou parte dele para que possa ser “*recontextualizado*” em outros eventos de linguagem, em outros contextos.

A entextualização é a própria trajetória textual de um texto completo ou parte (s) dele para além do seu contexto original e sócio histórico através da captura de sentidos que flutuam a partir da própria relativa autonomia textual. Visto sob essa perspectiva, defendem Bauman e Briggs (1990, p. 73), “um texto é [...] discurso tornado descontextualizável.”

Entende-se por entextualização “o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nessa perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo” (Bauman e Brigs ([1990]2006), p.206).

Considerar esses processos e essa visão de texto como viagem e/ou trajetória, é levar em consideração a historicidade desses modelos textuais, é demonstrar que um texto não se encerra em si mesmo e nem coopta elementos de outros textos de forma sistemática, mas, sim,

de forma fluida, contínua, envolvendo as transformações sociais, políticas e históricas, corroborando com o que já havia mencionado Bakhtin (2003 (1953)), em seu clássico “Os gêneros do discurso” sobre os enunciados representarem elos nas cadeias de comunicação. Como explica melhor Daniel Silva (2014):

Compreender um enunciado, assim, implica compreender o lugar desse elo na longa cadeia de suas múltiplas recontextualizações. Nos termos de Bakhtin, um enunciado não pode ser visto como um objeto completo em si mesmo, mas sim "como **resposta** aos enunciados precedentes de um determinado campo" (p. 297). Cada texto, cada trecho, cada enunciado "rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta" (p. 297). (SILVA, 2014, p. 3)

É nesse trânsito textual e nessa circulação de discursos que os imaginários linguísticos vão se cristalizando na sociedade, que visões de mundo confundem-se com verdades factuais, que a linguagem vira mercadoria e que a comunicabilidade entra em cena, superando o próprio conceito de comunicação orgânica e autêntica, e passamos a lidar com comunicabilidades projetadas, com modelos textuais que entextualizam discursos e deslocam sentidos para servirem a propósitos lucrativos, com finalidades políticas.

Assim, para investigar o texto, de forma que não se despreze esse trânsito semiótico e textual, a fim de que ele não perca certa estabilidade e nem caia em relativismos, é importante que se leve em consideração a prática comunicativa. Questões linguísticas, sociais e antropológicas devem permanecer juntas nas análises e observações, para que a investigação não saia perdendo nem em questões sociais, históricas e culturais mais amplas e nem em questões de linguagem, afinal os textos precisam se ancorar nas duas perspectivas para que possamos entender as suas mais diversas nuances.

[...] minha posição é a de que uma análise de texto que recupere sua constituição mútua com a sociedade implica uma sensibilidade a processos de entextualização e a evidências etnográficas de como os atores envolvidos na prática comunicativa enquadram, recebem, respondem, refutam, enfim, como aderem às unidades linguísticas que se agruparam na forma de um texto. Não estou aqui reivindicando que linguistas se transformem em etnógrafos (o que não seria ruim, se aceitarmos que a linguística é uma ciência social), mas sim que tenham sensibilidade ou vigilância etnográfica em suas análises dos textos. (SILVA, 2014, p. 3)

Assim da mesma forma que acredita e declara Daniel Silva, no excerto acima, compreendemos que para seguir os rastros textuais e investigar a desinformação pandêmica brasileira, a partir das ações e discursos políticos da gestão do governo federal, é necessário que

olhemos também para os processos de entextualização presentes nesta comunicabilidade, e como os sujeitos envolvidos conduziram as suas práticas comunicativas, como avaliaram a pandemia e os seus elementos, como enquadraram este momento histórico, como e o que discursaram, como transformaram o texto em mercadoria política, além de observarmos também os efeitos e os impactos dessas práticas na vida social e o saldo pandêmico.

Pensar essas entextualizações é também pensarmos nos usos linguísticos que acontecem nesses movimentos por diversos atores sociais que, através de sua posição social e política, legitimam esse “novo sentido”, essa nova construção discursiva. E refletir sobre o uso da língua é também refletir sobre a monetização desses usos dentro das relações sociais (SILVA, 2014), como esses textos tornam-se capital simbólico (BOURDIEU, 1998) para ser distribuído socialmente.

Diante disso, torna-se importante pensar sobre as relações de poder que envolvem essas entextualizações. Pensando o exemplo em questão, temos um deputado da base bolsonarista entextualizando discursos, jurídicos e sanitários, e os transformando em “pronunciamento oficial” que satisfaz a máxima da comunicabilidade pandêmica bolsonarista através de elementos diversos tais como o negacionismo científico (ao demonizar as máscaras), a polarização partidária (ao delimitar que a funcionária só implicou com ele porque era “esquerdista”, elegendo o grupo opositor como inimigo a ser combatido), dentre outros. Por ser uma figura pública, seu discurso acaba sendo legitimado e circulado na bolha ideológica em questão, passando por outras diversas entextualizações através de outros atores sociais, cada um com seu papel dentro dessa comunicabilidade.

A produção de um texto (como também de uma comunicabilidade, como o debate em que propomos) é resultante do movimento e da busca de diversos outros textos, de diversos outros usos linguísticos. Quase sempre esse percurso é orientado por crenças e visões de mundo específicas e/ou direcionadas para uma certa finalidade, através de mecanismos semióticos que revisitam as histórias dos “textos-base” e os reconstroem, os recategorizam.

De forma a fazer um enunciado viajar, é necessário **imaginar** seu trajeto. Utilizando os termos de Silverstein (1993), essa imaginação do trajeto ou circulação de signos é um fenômeno metapragmático, que regimenta a pragmática desses mesmos signos. Parafraseando Caco Barcellos, precisamos caminhar com a definição do nexa pragmática-metapragmática. (SILVA, 2014. P. 5)

Para entendermos a circulação dos signos e, conseqüentemente, dos textos, é necessário considerar esses movimentos circulatórios como eternos fluxos linguísticos, nos quais unidades

linguísticas são mobilizadas para serem reposicionadas e levadas para outros lugares, para se adequarem aos contextos mirados, almejados, objetivados, para contarem outras histórias, para serem refutadas, avaliadas, invertidas, sendo assim, então, “*descontextualizadas*” e “*recontextualizadas*”, ou seja, “*entextualizadas*” (o processo como um todo).

## 2.3 A COMUNICABILIDADE E AS CARTOGRAFIAS COMUNICÁVEIS

Por entender a linguagem como algo fluido e imprevisível, sempre em movimento e por entender o texto como processo ao invés de produto estático, pronto e acabado, além de atrelada às práticas sociais a partir de fenômenos contemporâneos diversos, reais e corriqueiros de língua em uso é que julgamos importante trazer como reforço o instrumental teórico da sociolinguística interacional e/ou antropologia linguística como interface para este trabalho, além de considerar a comunicabilidade como categoria explicativa para a circulação textual e seus efeitos (desinformação).

“Em qualquer comunicação se opera a partir da possibilidade, da variação e do acaso.” (Prefácio de Branca Telles Ribeiro em Fabrício, 2020, p.9). A qual se propõe, interdisciplinarmente e a partir da união de preceitos da linguística, antropologia e sociologia, observar a interação a partir da linguagem, da cultura e da sociedade articulando (nunca artificialmente separados) os níveis micro e macro da vida social (sistemas linguísticos inseridos em sistemas sociais e culturais mais complexos), sempre se modificando à medida que as sociedades, as culturas e as práticas de linguagem também mudam.

Levando em consideração esses pressupostos e reflexões, este trabalho caminhará na direção menos tradicional e mais transformadora sobre teorias da comunicação, linguagem e texto a fim de conseguir dar conta do objeto analisado: a desinformação politicamente engajada, textualmente cartografada e metapragmaticamente orientada.

Essa linguagem fluida em que se acredita neste trabalho, é reafirmada quando se pensa em discursos modernos, digitais, fluidos, transitórios, hipercomunicativos operando hora de forma on-line, hora off-line, e em outros momentos de forma híbrida, em contextos comunicativos complexos como é o caso do bolsonarismo digital (Cesarino). Quando pensamos a arquitetura das redes, pensamos a intensa mobilidade social da era contemporânea e, conseqüentemente, a complexidade e mudança da vida social, como também a forma de fazer política através da linguagem.

A teoria da comunicabilidade de Briggs (2005) consegue ser duplamente útil para a tese em questão, tanto pelo fato de lidar com a produção, circulação e recepção de textos diversos que espalham ideologias e comunicam diversos modos linguísticos, como também por fazer uma analogia deste caráter comunicacional com um caráter viral e infeccioso, singularmente característico também da pandemia da Covid-19, momento histórico de crise sanitária, no qual será coletado o corpus para esta pesquisa. Momento este marcado por infecções virais do

coronavírus e suas variantes, como também por “infecções linguísticas”, uma infodemia, como comentado no capítulo 1, deste trabalho.

Desta forma, “Briggs “brinca” com a noção dicionarizada de comunicabilidade, ampliando o entendimento de comunicável para algo tanto comunicado ou transmitido de forma tida como transparente quanto algo transmitido de forma contagiosa.” (OLIVEIRA, 2022, p. 32), para, assim, articular a noção de comunicabilidade como habilidade comunicacional e como capacidade microbial de propagação de informações.

Os efeitos, alcances, os níveis de viralização – como também a produção de sentidos dessas cartografias comunicáveis, na circulação desses textos – vão variar dependendo da adesão dos sujeitos (GAL E IRVINE, 2019) e de suas ideologias, de seus modelos metapragmáticos, visto que estes mudam friccionalmente a depender das interações. É a essa disputa de significados que Briggs chama de luta intertextual. “Processos semióticos estão sempre envolvidos em contínuas mudanças, visto que os textos, em suas viagens, encontram outras ideologias que constroem ativamente os contextos dos quais participam.” (OLIVEIRA, 2022, p. 32)

Para Briggs e Silva (2016), é na comunicabilidade, na disseminação de informações, na infecção textual que a metapragmática se estabelece, e que é através dela que encontramos empiricamente esses modelos metapragmáticos, ao delinear os mapas comunicáveis que interpelam os sujeitos através da linguagem em uso, no movimento, no trânsito das informações, nas audiências dadas aos textos e as ideologias mobilizadas (sem esquecer que não são transparentes ou neutras) por esses movimentos textuais, ao passo que se localizam social e politicamente.

E é por considerar a comunicabilidade um fenômeno “poderoso e infeccioso” (BRIGGS, 2007) localizado social e politicamente por intermédio da movimentação dos textos, que o cerne desta pesquisa possui relação intrínseca com essa noção de Briggs – ao olhar para os modos de produção, recepção e circulação de modelos textuais infecciosos bolsonaristas na condução da pandemia da covid-19 – e com a afirmação de Silva (2014) sobre o papel da linguística, no qual evidencia que “toda forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua produção quanto à ordem social maior” (SILVA, 2014, p. 260).

O primeiro elemento constitutivo da noção de comunicabilidade remete aos percursos ideológicos diversos que os discursos fazem e as variadas formas que atravessam os sujeitos. Trata-se de uma construção socialmente situada dos processos comunicativos, nos quais a interação social é dialeticamente organizada a partir de aspectos pragmáticos e

metapragmáticos, os quais interpelam os sujeitos através de subjetividades e relações sociais. “O valor das cartografias comunicáveis reside na sua reivindicação tanto para mapear o que está ocorrendo em determinados eventos e processos discursivos quanto para reificar certas dimensões comunicativas de maneiras particulares e apagar outras” (BRIGGS, 2007, p. 556)

O segundo elemento constitutivo diz respeito aos campos sociais, os quais são definidos por Bourdieu (1993) como arenas que organizam a sociedade determinando papéis e posições sociais, níveis de agenciamento, formas de comunicação, dentre outros, as quais moldam os indivíduos.

As cartografias comunicáveis — projeções de como os textos representam seus próprios pontos de origem, modos de circulação, públicos-alvo e modos de recepção, contidos nos próprios textos — atuam no sentido de produzir subjetividades, organizá-las hierarquicamente e recrutar pessoas para ocupá-las, operando como um modo de dominação simbólica na criação de posições de sujeitos e na organização de mapas morais que, ao conferirem diferentes graus de acesso, agência e poder, acabam por limitar as possibilidades de resposta. (OLIVEIRA, 2022, p. 34)

O terceiro componente possui relação com a temporalidade, com o movimento próprio da comunicabilidade e próprio do modelo comunicacional tecnológico que vivemos. Assim, as cartografias comunicáveis relacionam os sujeitos às práticas de espacialização e temporalidade que dão contorno espaciais e temporais aos modos de produção linguísticos, linearmente ou não.

E o quarto elemento constitutivo da comunicabilidade é a possibilidade de modelação e contestação – luta intertextual – a partir do contato e do atravessamento com os mapas comunicáveis, apesar da capacidade contagiosa e infecciosa da comunicabilidade. Afinal, “o poder reside não apenas em controlar a forma como o discurso se desdobra em seu contexto de produção, mas em ganhar controle sobre sua recontextualização — moldando-se em outros discursos e contextos e quando, onde, como e por quem será posteriormente usado” (BRIGGS, 2007, p. 562).

A palavra “comunicabilidade”, como define Daniel Silva em sua entrevista com Charles Briggs em 2016, “é a instanciação de um pressuposto metafísico sobre a necessidade da socialização humana. No entanto, pode abrir espaços críticos de reflexão sobre a infecciosidade do discurso e o seu poder de fazer o mundo.” (p.3) Já que podemos fazer coisas com palavras. (SILVA, 2019)

Sendo assim, esta tese se inscreve e suscita um debate transdisciplinar sobre a mobilidade e a circulação textual e de sentidos, a linguagem em uso e os processos sociais a que são submetidos os discursos nesses movimentos interacionais linguísticos – debate este que

constitui parte de um debate muito mais amplo presente nos tempos de agora: a mobilidade das formas linguísticas. Corroborando a pauta que Briggs levanta sobre as significações linguísticas (consequentemente os textos) só possuem sentido através de um fluxo que acompanha o tempo, a história, os espaços, as instituições e as práticas sociais, relacionando linguagem, cultura e sociedade.

A linguagem é sempre o mapeamento da linguagem e a metapragmática observa os modelos linguísticos que são usualmente repetidos e as visões de mundo que estes pretendem descrever. O mapeamento desses modelos e a união entre pragmática e metapragmática é o que podemos chamar de comunicabilidade.

E o que pretendemos neste trabalho é compreender esta relação, da pragmática e da metapragmática, acompanhar e entender “o percurso do uso guiado por construções ideológicas”, dentro das construções discursivas pandêmicas, buscaremos mapear usos linguísticos repetidos e comunicados dentro de diversos domínios linguísticos. Argumentamos, assim, que o bolsonarismo pode ser um exemplo prototípico brasileiro deste fenômeno, pois cria modelos comunicáveis os quais evidenciam metapragmáticas que regimentam socialmente suas práticas linguísticas, dando poder a forma e evidenciando a política da linguagem com um alto poder de disseminação.

A comunicabilidade, que vem junto com a metapragmática, nos dará suporte para, assim, pensarmos os modelos comunicativos intrinsecamente linguísticos, políticos e sanitários, a partir de processos paralelos de co-construção, servindo de instrumento para compreender a construção da produção, circulação e recepção do discurso, envolvendo forma linguística, saúde, discurso, política, comunicação, tecnologia, através de modelos metapragmáticos que são operativos dentro desses domínios. Briggs, em entrevista a Daniel Silva, afirma que a comunicabilidade é a forma de encontrar empiricamente esses modelos metapragmáticos (2016, p. 14).

O discurso não é menos infeccioso do que as bactérias, ambas circulam ao longo de circuitos particulares. Apenas modelos epidemiológicos rastreiam a circulação de doenças, modelos de senso comum – utilizados tanto por estudiosos quanto por leigos – para rastrear a circulação do discurso. Assim, foi daí que surgiu a comunicabilidade. Como é que ultrapassamos antecipadamente os limites aparentes de uma construção ideológica da linguagem, como é que olhamos de fato para a multiplicidade e a natureza em constante mudança desses modos e a sua complexa relação com o pragmatismo? (BRIGGS (entrevista a Daniel), 2016, p. 12) (está traduzida do inglês, ver como citar)

O pensamento antropológico estadunidense sobre a língua é diferente de outras abordagens, pois a interdisciplinariedade é muito mais aproveitada, sem limites para as

pesquisar linguísticas e sempre associadas a outras disciplinas. Não é linguística junto com antropologia, é a antropologia linguística propriamente dita, são diferentes modelos de enxergar as práticas de linguagem. E é com esse “não-limite”, com esses modelos que a comunicabilidade se preocupa, procurando envolver a linguagem que comunica, que reflete visões ideológicas de mundo, ao passo que acompanha as práticas sociais linguísticas.

Briggs afirma também que jamais conseguiremos documentar e mapear todos os modelos metapragmáticos, pois são modelos que se modificam à medida que mudam as interações a múltiplas escalas. Ao pensar o bolsonarismo, perceberemos e tentaremos mostrar as diversas ideologias conservadoras enquadradas para mapear sua cartografia pandêmica anti-científica.

Briggs levanta a importância de comunicar diversos tipos de desigualdades infecciosas a partir dessa teoria/metodologia da comunicabilidade a fim de desvelar, de forma macro, práticas sociais mais amplas, a partir da análise micro. E ao mapearmos esses modelos percebemos que os modelos transmissíveis são, muitas vezes, específicos do domínio, dos campos sociais (Bourdieu), eles narram formas particulares em campos sociais particulares já conhecidas no imaginário social.

Este autor também afirma que características linguísticas acabam por agenciar os micróbios, em certa medida, ao passo que eles ameaçam pessoas, instituições, países, pelo fato de gerar uma maior insegurança no modo de vida de determinados grupos de minorias sociais, os quais, geralmente, são mais afetados por desigualdades sociais estruturantes mais amplas.

O mapeamento de textos mostrará como a desinformação se estrutura e se comunica e como nossa sociedade não apenas possui uma comunicação social, ela é mediada pelos meios de comunicação social a partir das imagens que os sujeitos constroem de si, das coisas e do mundo. Esta tese, assim, analisará como essas práticas sociais estão embutidas em padrões linguísticos de produção, recepção e circulação de sentidos e de textos.

Pensar e escolher narrar academicamente uma pandemia linguístico-textual dentro de uma pandemia sanitária é acreditar nos estudos de linguagem como parte integrante de um viés cultural mais crítico para a vida em sociedades e para um mundo mais justo e humanizado. Afinal, pensar uma análise linguística tradicional, com padrões linguísticos apartados da política, da história e da sociedade, pode ser considerada problemática e insuficiente para alguns interesses e abordagens.

Briggs traz Foucault e sua teoria da governamentalidade para demonstrar que esta constrói epidemias e pandemias. O comportamento sanitário e a saúde dos indivíduos numa

pandemia – a partir de suas condições de moradia, saneamento básico como também de sua acessibilidade às informações e de suas práticas comunicativas – se tornam um imperativo ético diante das suas atitudes e dos conhecimentos médicos adquiridos nesse contexto, uma questão cultural também entra em jogo para moldar noções de estado e cidadania, desde toda a história passada. Briggs relaciona essas questões para argumentar o quanto determinados grupos sociais podem ficar de fora desse imperativo ético, por vários motivos, como falta de condições básicas de higiene, saneamento básico, renda, dentre outros, além de, podemos acrescentar, certa desvantagem comunicacional no tocante a recepção e circulação da informação, a partir do conhecimento negado e/ou ludibriado – no caso da pandemia atual, devido a uma falta de letramento digital impulsionada pela arquitetura das redes e pelas identificações com as metapragmáticas que circularam (já que era principalmente através das redes sociais que os sujeitos se informavam em relação a crise sanitária vigente) – de forma orquestrada por grupos de maior poder.

E é nesse imbróglio que é importante frisar que essa capacidade produtiva denominada por Briggs de comunicabilidade pode ser útil para explicar a desinformação enquadrada politicamente e metapragmaticamente como “desinformação bolsonarista”, “*a la bolsonarismo*”, digamos assim, afinal, a desinformação, aqui observada e considerada politicamente construída, diz respeito a circuitos comunicativos e textuais, mas também sobre as construções ideológicas presentes nesses percursos comunicacionais, contribuindo, assim, para a construção de uma situação sanitária caótica, para a construção de uma pandemia com heranças profundas no imaginário social e histórico, além de sanitário, brasileiro.

É urgente, isso posto, que examinemos como as ideologias políticas moldam as práticas comunicativas (como reflete Bourdieu e Hanks) e entender os porquês de alguns discursos conseguirem uma recepção satisfatória. Observar e buscar compreender essas metapragmáticas é muito mais proveitoso do que acreditar que esses movimentos discursivos são neutros ou desprovidos de agenciamentos políticos. “Questões de recepção são cruciais – significados não brotam diretamente de recursos textuais, mas são apropriados por meio de práticas de apropriação e recepção.” (BRIGGS, 2005, p. 4) Os elementos linguísticos são cruciais nessas trajetórias textuais metapragmáticas.

Briggs cita Bourdieu (1991) e Silverstein (2004) para relacionar suas reflexões em relação aos acúmulos de “capital linguístico”, por assim dizer, retomando Bourdieu para afirmar que as formas de competência comunicativa constituem um capital simbólico, e que, deste modo, controlar os sentidos e a circulação da informação é uma forma de acúmulo de poder.

Ao passo que os sujeitos usam a linguagem a partir de determinados elementos linguísticos para se referir ao mundo e para construir suas realidades linguísticas, eles convertem conceitos socioculturais em dimensões de interação, indicando posições sociais, visões de mundo e, conseqüentemente, acumulando poderio linguístico, social, simbólico. (SILVERSTEIN, 2004)

Além disso, Briggs (ainda retomando e avançando Bourdieu) afirma que a noção de Bourdieu de “mercado linguístico unificado” não dá conta do trânsito de sentidos, de semioses e de simbolismos diante do espalhamento de informações e do quanto a linguagem circula de forma autônoma criando valor e poder à medida que o discurso se move. O capital simbólico, para Briggs, reside em ressignificar elementos linguísticos instabilizando e estabilizando seus sentidos, como também em controlar sua produção, recepção e circulação. “A questão não é simplesmente dos dispositivos linguísticos para a des/recontextualização, mas como esse processo é ideologicamente construído e como as pessoas estão localizadas em relação a circuitos comunicativos imaginados.” (BRIGGS, 2005, p. 6)

Com base na noção de Bakhtin (1981) de heteroglossia, a ênfase de Derrida (1988) em iterabilidade e pesquisa sobre desempenho (Bauman 1977), Bauman & Briggs (1990) não veem o discurso como íons de poder flutuantes ou significado, nem como algo inexoravelmente ligado a contextos, mas como um processo no qual atores, populações e instituições asseguram o direito de descontextualizar o discurso e recontextualizar em diferentes ambientes e gêneros. (BRIGGS, 2005, p.5)

A comunicabilidade é proposta por Briggs (2005) a partir de reflexões em seus estudos sobre pandemias e crises sanitárias ao redor do mundo. Ela traz para o debate a questão da cidadania sanitária e da limitação de algumas populações em relação aos cuidados com a saúde e, podemos acrescentar também, com a lida com as informações sanitárias, limitando os imaginários dessas populações sobre questões importantes e vitais para o atravessamento desses eventos históricos.

Essa reflexão torna-se importante para esta tese por se assemelhar a situação pandêmica brasileira, na qual o descaso da gestão pública federal, somado a uma política de desinformação em massa (uma comunicabilidade negacionista) trouxe resultados desastrosos, recorde de mortes, negacionismo vacinal, à medida que inverdades eram disseminadas e incorporadas no imaginário social de uma época, transformando as práticas sociais. Como exemplo temos as taxas baixas de vacinação, não somente da covid-19, mas também de vários outros esquemas vacinais.

E é a partir dessa comunicabilidade que explicamos e observamos a produtividade comunicacional desses movimentos ideológicos e suas construções em torno das legitimidades criadas nessa mobilidade, as quais dizem respeito a sujeitos, veículos comunicacionais, modelos textuais, figuras de autoridade, dentre outros elementos que são criados, dentro dessa comunicabilidade, para que pareçam dignos de transmitir conhecimento, pertinência e fundamento.

Briggs aproveita o trocadilho do termo “infecção” para indicar a volubilidade característica tanto da comunicabilidade como das capacidades microbiais. “A capacidade de ser prontamente comunicado e compreendido de forma transparente, e os micróbios capacidade de se espalhar de corpo para corpo.” (BRIGGS, 2005, p. 6) Configurando uma capacidade – ideológica e textual – de comunicação infecciosa, a qual se projeta e se dissemina de forma tão enraizada sendo capaz de encontrar audiências e localizá-las social e politicamente. A infecção textual agencia a infecção microbial, agencia o vírus.

Este autor traz ainda as esferas da comunicabilidade para comentar sobre os domínios criados a partir dessas esferas unidos por práticas e ideologias específicas, fixadas pela hegemonia, a qual regulamenta a adesão dessas metapragmáticas. Por serem múltiplas, essas esferas permanecem em movimento, se sobrepõem, concorrem e mudam de direção de forma a conjecturar no imaginário social um campo de poder, uma visão de ordem, de estrutura.

Essas comunicabilidades construídas produzem subjetividades através de suas ideologias, constroem hierarquias e buscam a recepção através dos posicionamentos dos sujeitos dentro da espacialidade social que produzem. “A comunicabilidade é uma dimensão central da autorregulação na medida em que os indivíduos estruturam os seus esquemas de autovigilância e autocontrole, interpelando-se como produtores, disseminadores ou receptores de determinados tipos de discurso – ou como não estando “por dentro”.” (BRIGGS, 2005, p. 6)

É exatamente esse processamento discursivo que o projeto desinformativo bolsonarista procurou fazer em sua essência e em seu método de governo como um todo e, mais especificamente, na pandemia (Briggs define pandemias e surtos como esferas especiais de comunicabilidade): ao projetar seus modelos comunicáveis em massa nas redes sociais (bots e mensagens padronizadas em grupos de whatsapp e em perfis bolsonaristas no instagram e twitter, por exemplo) e até mesmo em espaços institucionais (discursos e/ou pronunciamentos oficiais de figuras públicas centrais do governo, como o próprio presidente e parlamentares aliados, etc), buscava-se o controle das pautas informativas, além de construir um percurso

para conduzir determinada visão de mundo dentro desses contextos projetados, numa época em que a informação é uma mercadoria extremamente valiosa (CASTELLS, 1996).

Outro aspecto revelado pela comunicabilidade em relação às práticas sociais diz respeito às lacunas mostradas por essa projeção comunicacional sobre a produção de conhecimento em setores especializados para o saber. A comunicabilidade demonstra que o conhecimento pode ser produzido também de forma mais marginal e subordinada, ou seja, a circulação e o fluxo de informações, visões de mundo podem ser criadas e disseminadas a partir de esquemas comunicacionais tecnológicos, constituindo esferas públicas de poder informacional, fazendo com que os próprios discursos construídos que circulam nesses espaços criem e encontrem sua audiência.

As pandemias e epidemias, para Briggs, são esferas especiais de comunicabilidade por diversos motivos. Um deles tem relação com as orientações das grandes instituições internacionais de saúde pública em todo alerta sanitário para que criem suas próprias comunicabilidades nacionais para que alcancem as populações e façam circular os discursos sobre prevenção, cuidados e demais orientações e medidas.

Porém, as formas como determinadas comunicabilidades são aplicadas e/ou geridas por cada país, cada cultura e cada comunidade podem não ser tão funcionais como se pretendem – como também pode vir a servir de jogo de interesses de figurões políticos, midiáticos, publicitários, etc – , afinal é a conjuntura organizacional dos ministérios da saúde que possui controle sobre a produção, recepção e circulação da informação.

Foi algo nesse sentido que aconteceu no Brasil pandêmico, no seu auge em 2020 e 2021, mais especificamente, em relação às medidas e as informações – atravessadas pelas ideologias neoliberais acompanhadas de interesses políticos e econômicos – que foram tratadas e divulgadas pela gestão federal nesse período, contribuindo para colocar toda a população em risco, principalmente os grupos sociais mais vulneráveis.

Essa comunicabilidade bolsonarista orquestrada para gestar a pandemia brasileira acaba criando um conjunto de práticas sociais e discursivas, como também metapragmáticas que ditam os comportamentos e as crenças sanitárias para encarar o momento histórico de vulnerabilidade sanitária. Ela (des) organiza o imaginário cultural, as atitudes, as visões de mundo, de saúde, legitima outras formas de obtenção de informações, registros linguísticos, teorias da conspiração, enfim, outras formas de ver e de cuidar da saúde (até então discordantes da ciência médica atual). Acrescentamos ainda a esta reflexão, o fato das esferas de

comunicabilidade serem dependentes, do ponto de vista técnico, dos eventos e das tecnologias que representam.

## **CAPÍTULO 3 – A HISTÓRIA TEXTUAL DA PANDEMIA: CARTOGRAFIA COMUNICÁVEL DAS MEDIDAS PREVENTIVAS**

### **3.1 CRITÉRIOS METODOLÓGICOS: O RASTREAMENTO TEXTUAL**

Utilizaremos neste estudo a pesquisa de caráter qualitativo e de base interpretativa, as quais, segundo Flick (2009), podem ser justificadas por causa da “mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas da vida que fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” (FLICK, 2009, p. 20), o que acaba sendo crucial para instrumentalizar o objeto de pesquisa em questão: o processamento textual da desinformação em circulação digital.

Esse tipo de abordagem metodológica torna-se relevante devido às pluralizações das esferas da vida, as quais nos irão exigir uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões sociais como também de linguagem. A produção do conhecimento precisa se adequar às necessidades sociais e à prática da vida cotidiana, o que muitas das vezes não acontece, pois por seguir critérios padronizados na tradição metodológica, acabam se distanciando das questões diárias, as quais clamam por reflexões e ações.

E é dentro dessa perspectiva qualitativa interpretativa que incluímos a metodologia que utilizaremos neste trabalho: a do rastreamento de trajetórias textuais para a construção de uma cartografia comunicável (Briggs, 2005). Utilizaremos como percurso teórico-metodológico para a (re) construção de cartografias comunicáveis o método de rastreamento textual (FABRÍCIO, 2014; BOAVENTURA, 2018), o qual consiste em seguir modelos textuais digitais para a geração de dados a partir de interações on-line e episódios que repercutem nas redes sociais, a fim de evidenciar a mobilidade de textos e signos em diferentes espaços e tempos e focalizar dimensões multifacetadas, linguísticas, políticas, sociais, históricas “e que constituem formas desterritorializadas e multisituadas de compreensão/construção das experiências sociais” (BOAVENTURA, 2018, p. 19).

Pensar esse gesto metodológico é reforçar uma das discussões almejadas nesta tese sobre pensar o texto como processo e não como produto, pensar que os contextos são moventes e que a comunicação contemporânea é atravessada por significados mobilizados de diversos locais, e que cada ato de linguagem, cada situação de linguagem em uso, acaba por interferir na vida em sociedade, nas ações diárias dos sujeitos.

Um ponto importante a ser mencionado é sobre o nosso mapeamento textual, sobre o nosso olhar e envolvimento com a reconstrução dessa cartografia comunicável bolsonarista pandêmica e sobre o olhar ideológico que os próprios sujeitos pesquisadores possuem diante dos seus objetos. Ao seguir essas trajetórias textuais vamos traçando rotas que se articulam na própria movimentação do/a pesquisador/a entre esses textos (BOAVENTURA, 2018). Ou seja, esta tese também se inscreve nas disputas textuais públicas, também se insere numa comunicabilidade, a premissa dessa tese marca um posicionamento científico, ideológico e recorta uma porção de episódios textuais para argumentar em prol desse posicionamento científico e/ou social.

Os procedimentos são necessariamente processuais e nômades pois na busca textual nos deparamos com textos que apontam para textos, que apontam para textos que apontam para textos ... *ad infinitum*, sem nos levar a qualquer origem. É esse apontar – característico de textos e signos – que leva rastreadore/as textuais a, ao embrenharem-se em itinerários imprevisíveis, construir um corpus e uma perspectiva teórico-analítica simultaneamente. (BOAVENTURA, 2018, p.20)

Nesta pesquisa, os textos foram sendo mapeados seguindo as temáticas relacionadas com a pandemia sobre aspectos mais simbólicos, a máscara de proteção, as vacinas e a própria legitimidade da pandemia, caminhando por textos de variadas dimensões sócio-históricas, relacionados a episódios marcantes no decorrer pandêmico, além de possuírem ampla circulação em grupos de whatsapp, em perfis nas redes sociais, nas próprias plataformas de busca, como o google, em canais no youtube, aparições e entrevistas das figuras políticas na mídia tradicional, enfim, uma rede de eventos discursivos que se encadeiam e infeccionam o movimento comunicacional na maior crise sanitária dos últimos tempos.

Essa questão nos lembra uma discussão feita por Moita Lopes (2004) na qual ele reflete sobre o pesquisador estar imbricado no conhecimento que produz e posicionado no mundo.

Sobre as categorias de análise a serem, especificamente, focadas na análise qualitativa, cabem algumas considerações. Conforme destacou Foucault (2009, p. 55), os discursos não só falam dos objetos, mas “constroem os objetos dos quais falam”. Desse modo, se entendemos que “o pesquisador tem corpo, raça, desejo, classe social, gênero etc., enfim, tem história: não há mais espaço para uma racionalidade descorporificada” (hooks, 1994 apud MOITA LOPES, 2004, p. 166). Ou seja, há que se reconhecer que os procedimentos metodológicos e analíticos são práticas discursivas que contribuem para que coisas aconteçam e, portanto, operam e interferem diretamente na pesquisa, que, por sua vez, tem sua racionalidade marcada pela história da pesquisadora. (DANIELLE OLIVEIRA, 2022, p. 29)

A escolha dos textos para serem analisados considerou potencial linguístico simbólico e seguiu critérios de representatividade e importância frente a momentos significativos no contexto da crise sanitária e do processo de construção e execução do negacionismo, ou seja, informações que precisavam ser disseminadas de forma responsável e cientificamente relevantes, e que, ao invés disso, foram alvos de disputas ideológicas e partidárias.

### **3.2 A HISTÓRIA DOS DADOS: A CONSTITUIÇÃO DE UM ARQUIVO DE PESQUISA**

A linguagem e o fazer político através da linguagem, como já mencionado na introdução desta tese, estão entre os meus principais interesses acadêmicos desde que comecei a pesquisa científica no mestrado, a partir de uma dissertação que abordou o fazer político tradicional de algumas figuras políticas em campanha eleitoral nas eleições municipais 2012 do interior sergipano, na cidade de Simão Dias – a qual é a minha cidade de origem.

Nesta dissertação em questão, a forma de fazer política com a linguagem foi encarada de forma mais tradicionalmente linguística, ou seja, um discurso político com máximas e/ou valores universais dentro de uma esfera pública tradicional, num horário político transmitido na rádio local, com público-alvo específico, ouvintes da rádio e bolha social específica, a comunidade simaodiense. Nesse interim, pensar as estratégias retóricas e textuais foi de grande valia para dar conta dessas análises discursivas nestes textos políticos tradicionais.

Porém, com o avanço da tecnologia ao longo destes 10 anos de trajetória acadêmica, intervalo do mestrado (2013-2015) até o doutorado (2020-2025), várias esferas da sociedade passaram por transformações diante do avanço da interação e comunicação digital e da quantidade de informações disseminadas nas redes, não seria diferente com a esfera da comunicação digital e linguagem, como também com a esfera política, além da influência desses aspectos tecnológicos nas próprias nuances e característica do discurso político.

Comecei a pensar a desinformação, a circulação textual e o fazer político digital desde o pleito eleitoral de 2018, o qual podemos dizer que inaugurou e/ou ensaiou essa proliferação de inverdades, de informações distorcidas, do uso de deep fake e edição em vídeos e fotos, enfim, de inúmeros mecanismos discursivos de desinformação em massa para prejudicar adversários políticos.

O bolsonarismo foi precursor nesses ataques a opositores, através de discursos fundamentalistas religiosos, negacionismos de todos os tipos, discursos de ódio e ataque a grupos de menor prestígio social. As eleições de 2018 foram marcadas por fake news projetadas nas redes sociais e a criação de grupos a nível nacional para compartilhar as informações, combinar ações públicas e a debater teorias conspiratórias sobre diversos temas, em destaque neste momento histórico sobre as questões de gênero e sexualidade, ao espalharem a desinformação do “Kit Gay”, o qual, segundo Bolsonaro e seus apoiadores, seria uma cartilha na qual ensinava às crianças a serem homossexuais e que seriam distribuídas nas escolas

“mamadeiras de piroca” (nomeação pejorativa e popular ao órgão genital masculino). Esse kit seria distribuído nas escolas caso algum presidente de esquerda ganhasse as eleições.

Além dessa fake news, vários foram os ataques também a professores, a Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira, e a toda ideia que representasse o “politicamente correto” na sociedade. Mensagens falsas sobre fraude nas urnas eletrônicas também se fizeram bastante presentes nesse cenário eleitoral, sendo um dos assuntos mais comentados do Twitter (atual X) na época. E foi diante desse cenário político e diante de questionamentos que pairavam sobre como estava sendo a forma de fazer política com o advento das redes sociais e sobre o papel da linguagem e da comunicação diante desse contexto, que surgiram as primeiras ideias e propostas para esta tese. Já que agora, a cobertura das eleições, os acontecimentos referentes ao processo eleitoral, campanhas políticas e demais ações eram exercitadas por qualquer sujeito, por qualquer usuário da internet, e não mais somente pela mídia tradicional.

Diante disso e saindo de um mestrado no qual me interessei em observar o discurso político tradicional e suas máximas retóricas, além de sua finalidade em estabelecer o consenso, o acordo político (PERELMAN E TYTECA, 2005), é que passei a observar uma outra forma de mecanismo do discurso político, o discurso político digital. E foi diante desse interesse que estudos como os de Cesarino e Nemer, antropólogos que se debruçam em analisar questões relacionadas ao discurso político nas redes, como também o bolsonarismo, passaram a inspirar o projeto inicial desta tese em observar a desinformação e o discurso político nas eleições de 2018.

Porém, o início do doutorado coincidiu com o início de uma pandemia secular. Mecanismos desinformacionais com conteúdo negacionista científico começaram a pulular nas redes sociais e a determinar as atitudes de toda uma população em meio a uma crise sanitária sem precedentes, na qual pessoas adoeciam, morriam e pouco se sabia sobre essa doença, e mecanismos desinformacionais desse tipo só dificultavam cada vez mais uma condução eficiente e menos danosa da pandemia.

Em virtude desse momento histórico tão impactante para a humanidade e para os estudos sobre desinformação e circulação textual é que o corpus desta pesquisa acabou mudando. Passei a observar as fake news e as trajetórias textuais pandêmicas para entender o fazer político daquele momento. E a partir desse interesse em entender como funcionavam essas trajetórias de textos negacionistas e o poder dos seus efeitos na condução da pandemia e de que ponto partia o mecanismo bolsonarista, é que comecei a buscar perfis nas redes sociais de figuras políticas apoiadoras do negacionismo bolsonarista brasileiro pandêmico, seguir páginas, blogs

e canais no YouTube os quais divulgavam informações contrárias as recomendações sanitárias e atacavam a legitimidade da pandemia e de todos os elementos que marcavam essa legitimidade, para melhor entender como estava funcionando aquela desinformação pandêmica bolsonarista tão bem arquitetada e eficiente.

Mergulhar na bolha digital bolsonarista (pensando aqui o conceito de bolha ideológica na qual indivíduos retroalimentam informações entre seu grupo em espaços on-line) foi importante e decisivo para poder acompanhar os direcionamentos ideológicos que movimentavam essa circulação textual e para poder rastrear os modelos textuais que veremos adiante.

A maior parte dos textos que serão analisados e rastreados nessa cartografia pandêmica chegava até mim através de sinalizações nos grupos de WhatsApp bolsonaristas. O WhatsApp bolsonarista é conhecido por ser fruto do chamado “Gabinete do Ódio” ou “Milícia Digital”, o qual, segundo investigações, era uma cúpula que organizava a disseminação de informações e conteúdos convenientes ideologicamente nas redes sociais a fim de alcançar o maior número de adeptos possível. Eram grupos no WhatsApp temáticos que eram administrados por pessoal financiado por esse gabinete, ou seja, pela gestão do governo federal.

Esse gabinete começou a funcionar nas eleições 2018 e a cada ano esse mecanismo ia se aperfeiçoando, até atingir seu ápice na pandemia. Diante dessas constatações, informações e investigações, e entrando em contato com estudos de variados autores sobre esse tema, principalmente Letícia Cesarino e David Nemer, antropólogos que acompanhavam esses grupos diariamente garimpando esses textos que mobilizavam ações discursivas na redes e na própria vida social, foi que acabei entrando em vários grupos de WhatsApp bolsonaristas para acompanhar de perto (através de links disponibilizados no Twitter), garimpar e rastrear textos relevantes, além de estar dentro para compreender como funcionava e como funciona (porque os grupos ainda funcionam atualmente) essas ações políticas e possuir uma espécie de termômetro das pautas de interesse bolsonarista.

Cheguei a participar de 50 grupos bolsonaristas, os quais eram compostos de mais de 200 pessoas e que iam aumentando à medida que o aplicativo ia atualizando, chegando a conter grupos com mais de 900 participantes. Os títulos eram variados, mas sempre voltados para dar apoio a Jair Messias Bolsonaro, a partir de variados assuntos, sejam religiosos, sobre o negacionismo pandêmico, antigênero, sobre família e conservadorismos em geral.

Alguns dos nomes dos grupos eram/são: “Fechados com Bolsonaro”, “BR Política de Direita”, “Contra a Picada”, “Direita Oficial”, “Princípios e Valores”, “Brasil Pátria Amada”,

“Fraldemia”, “Bolsonaro Reeleito”, “Jair Bolsonaro, Fé, Força e Honra”, “Somos Bolsonaro 22”, “Contra a Vacuna”, “Contra as picadas da morte”, etc.

A CPI da COVID, realizada pelo governo federal durante a pandemia, concluiu em seu relatório que o Gabinete do ódio serviu para recrutar pessoas dispostas a criar e monitorar mais grupos com o intuito de minimizar os riscos da emergência sanitária e contrariar as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS). A disseminação de notícias falsas e informações contraditórias foi uma das principais causas de milhares de mortes que o Brasil enfrentou.

Como mencionado, muitos dos textos que encontraremos nessa cartografia circulavam no WhatsApp bolsonarista, e muitos vinham do Instagram, Facebook, fios do Twitter, links de blogs e sites de notícias, links com vídeos de canais do YouTube de influenciadores e apoiadores bolsonaristas, enfim, uma gama de informações, de modelos textuais diversos, os quais moldaram as atitudes de boa parte da população brasileira e que servirão, nesta tese, como uma amostragem discursiva da pandemia.

### 3.3 ANÁLISES E EPISÓDIOS PANDÊMICOS: RASTREANDO TEXTOS EM TRAJETÓRIAS INFECCIOSAS

Neste capítulo, exploraremos os dados encontrados, através do rastreamento de textos negacionistas, buscando mapear a cartografia comunicável bolsonarista sobre medidas preventivas que construíram o contorno discursivo da pandemia da covid-19. Cartografia essa responsável por boa parte, para não dizer completamente, dos efeitos catastróficos que o Brasil apresentou durante este evento histórico sanitário da humanidade. Os textos cartografados são, mais especificamente dos anos pandêmicos mais conturbados, 2020 e 2021, e que giraram em torno dos direcionamentos relacionados às medidas preventivas, máscara e vacina, e demais elementos que acabaram se relacionando com esses, a exemplo do “tratamento precoce”.

Nossa hipótese é de que a reconstrução dessa cartografia sirva de amostra para simbolizar, demonstrar e até mesmo narrar o que aconteceu discursivamente com a comunicação no Brasil nesse momento histórico em termos de descaso público em relação a medidas efetivas de saúde, impunidade, desinformação ocasionados, principalmente e decisivamente, pela comunicabilidade da extrema-direita brasileira, ou seja, pelos valores conservadores e visões de mundo negacionistas que mobilizam a ideologia desse grupo político, o qual comandava o País durante a pandemia.

Acreditamos que a organização e a sistematização dessas análises e desses modelos textuais que veremos a partir de agora consigam delinear momentos significativos de um cenário brasileiro de desinformação politicamente engajada a qual se estabelece através: i) da circulação intensa desses artefatos textuais desinformativos impulsionados pela arquitetura das redes; ii) pelos processos de referenciação que acabam por legitimar linguisticamente a desinformação; iii) pela presença dos modelos metapragmáticos bolsonaristas materializados nesses textos e indexicalizados através dos signos, das nomeações; iv) e pela marcação semiótica de alguns dos seus principais elementos discursivos pandêmicos em disputa, os quais indexam/recategorizam sentidos outros que satisfazem essa proposta desinformativa e negacionista, centrais nessas projeções, tais como: “fraudemia”, “vírus chinês”, “gripezinha”, “focinheira ideológica”, “burka chinesa barata”, “horda mascarada”, “cabresto”, “chip líquido”, “vassassinias”, dentre outros, a fim de reagregar projeções da base bolsonarista durante a gestão pandêmica.

Almejamos, deste modo, demonstrar a necessidade de compreendermos e refletirmos sobre os embates político-discursivos na contemporaneidade e mapear a produção de

significados projetados pela comunicabilidade bolsonarista, a fim de refletir sobre a circulação dos textos e os efeitos discursivos socialmente percorridos nesse momento histórico tão significativo para a humanidade, como também analisar e identificar os efeitos materiais e impactos na vida social causados através da linguagem e seus contornos discursivos e semióticos, além de compreender e debater sobre o discurso político digital, fenômeno recente em todo o mundo.

Os textos rastreados nos capítulos que se seguirão estarão disponíveis em drive devido ao volume de materiais para serem colocados em anexo no final desta tese. Nos rastreamentos e análises que seguiremos encontraremos trechos e imagens, representativas do que queremos demonstrar como cenário desinformativo pandêmico, retiradas desses textos e que foram escolhidas para representar por conterem elementos indexicais importantes que apontam para a metapragmática pandêmica negacionista bolsonarista, a qual nos ajudará com a construção desta cartografia. O link é o seguinte: [https://drive.google.com/file/d/1V0taCv0bD5DUYKbwX8siRHGA\\_at2h56l](https://drive.google.com/file/d/1V0taCv0bD5DUYKbwX8siRHGA_at2h56l)

Dentro da comunicabilidade negacionista bolsonarista pandêmica, em reconstrução nesta tese, há alguns temas mais centrais, mais disputados, os quais serão destaque nesta pesquisa por representarem as principais medidas preventivas para o combate ao coronavírus, agente causador da doença chamada covid-19. Falaremos, principalmente, da chamada “focinheira ideológica”, nomeação que costuma aparecer na bolha digital, através de canais, redes sociais, blogs, sites e nos modelos textuais bolsonaristas que circulam nesses espaços para referir-se à máscara de proteção, e das “vassassinhas”, que são as vacinas para imunização da covid-19, um dos principais alvos desinformativos do século XXI, gerando efeitos negativos na sua adesão, inclusive em relação a outros tipos de vacinas para doenças já exterminadas.

O “kit covid” ou “tratamento precoce” é outro elemento pandêmico que também aparece com frequência no cenário discursivo de disputa, o qual se trata de um grupo de medicamentos com funcionalidade original para outras enfermidades, além de vitaminas e complexos, que foi construído para promover a cura e/ou a prevenção da covid-19, tornando-se uma insistência da sua promoção pelo Ministério da Saúde (como vemos na postagem abaixo), gerando um cenário de desinfodemia mesmo diante da existência de evidências científicas contrárias a essa intervenção.

As vacinas como um todo acabaram sendo tão atacadas discursivamente pela metapragmática negacionista da extrema-direita que ocasionou-se um efeito material sem precedentes no que diz respeito a falta de adesão à vacinação como um todo, afinal muitas

outras campanhas de vacinações foram afetadas diante do negacionismo com a covid-19 e essa baixa crença nas vacinas fez com que muitas doenças já erradicadas voltassem a causar problemas sanitários e epidemias e endemias.

Na pandemia, várias foram as vacinas confeccionadas em todo o mundo e ofertadas para os países que demonstravam interesses e diante das negociações os imunizantes eram distribuídos o quanto antes para que o mundo pudesse ir controlando aos poucos a disseminação da doença. Aqui no Brasil, várias foram as oportunidades de negociações com alguns fabricantes, mas não avançaram por suspeitas de irregularidades, subornos, propinas e até mesmo descaso ao responder e-mails, como no caso da Pfizer, e demonstrar interesse em imunizar o País.

Outro dos principais elementos discursivos em disputa no cenário político pandêmico foi a máscara de proteção contra o coronavírus, agente causador da covid-19, doença a qual matou milhares de pessoas nos anos de 2020 e 2021 no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Essa máscara de proteção, legitimada pela comunidade científica e tema de consenso entre a maioria dos pesquisadores em saúde desde muito tempo, tornou-se um dos elementos centrais da pandemia, por ser um instrumento de proteção, o qual reduzia os estragos sanitários causados pela covid-19 e o contato respiratório da população, além de servir como proteção individual também funcionava como estratégia coletiva.

Ao configurar-se como um elemento bastante simbólico para a legitimidade da pandemia, a máscara tornou-se um elemento de disputa dentro do campo político-bolsonarista. E, por ser, o bolsonarismo, um grupo político-ideológico com o negacionismo científico como um dos seus pressupostos centrais, esse equipamento de saúde e referente discursivo de interesse dessa pesquisa, como construção semiótica e simbólica, foi alvo de ataques. Ataques esses que foram de encontro às instituições brasileiras e até mundiais de pesquisa científica, a exemplo da OMS (Organização Mundial de Saúde), esbarrando também na Legislação Federal e nas decisões do STF (Supremo Tribunal Federal).

Essa disputa discursiva é construída através da mobilização de sentidos como também de textos. A circulação textual marcada linguisticamente pela construção e reconstrução de sentidos em torno deste referente “máscara” legitima textualmente um direcionamento ideológico que orienta os ataques em relação a esse elemento, os modelos metapragmáticos bolsonaristas trilham linguístico e textualmente um mapa de modelos textuais diversos, os quais formam cartografias textuais construídas por sujeitos diversos e sob as mais diversas circunstâncias e domínios discursivos, mas que se alinham perfeitamente uns com os outros,

estabelecendo o que chamaremos neste trabalho, a partir do que propõe Briggs, de uma cartografia comunicável, de uma comunicabilidade específica pandêmica gerida e armamentada pela gestão federal e demais personagens e apoiadores, a qual configura uma teia textual-discursiva de negacionismos unidos ideologicamente e disseminados digitalmente.

Da nomeação da máscara de proteção sanitária de “focinheira ideológica” emergem sentidos comprometidos com vieses ideológicos conservadores associados a submissão e ao negacionismo científico. Quando canais de mídia digital, personalidades públicas e demais cidadãos civis utilizam a linguagem para expressar esse caráter anti-científico, fazem escolhas lexicais e acionam discursos que deslegitimam uma comunicabilidade sanitária de cuidados com a saúde e preservação da vida humana.

Usar e não usar a máscara de proteção sanitária, tomar e não tomar a vacina da covid-19, aderir ou não ao kit covid se automedicando, apoiar o isolamento social e as políticas de prevenção de saúde pública, dentre outras ações e/ou comportamentos “socio-sanitários”, por assim dizer, tornaram-se, para além de um hábito de proteção à saúde, uma referência ideológica, um posicionamento social, um apontamento, uma indexação para determinada construção semiótica, um mecanismo discursivo que causou, e ainda causa, uma divisão na sociedade, que ocasiona um efeito social ao interferir nas atitudes e formação sanitária da população, intensificando a polarização política que tantos cientistas e analistas políticos debatem, uma polarização que é ideológica, a partir da história brasileira e suas influências culturais, como também uma “polarização pessoal ou afetiva”, a qual mobiliza afetos e é mobilizada pelos personalismos políticos brasileiros, ou seja, pelas construções populistas de suas figuras e agendas pelos políticos brasileiros.

Os textos que nos proporemos a rastrear nas redes em um dos momentos históricos mais marcantes na história mundial, a pandemia da covid-19, marcam territorialidades discursivas através da circulação textual de modelos diversos, além de marcar subjetividades que seguem uma lógica ideológica situada num campo anticientífico aliado a propostas políticas da extrema direita, cenário esse bem desenhado na pandemia, quando a gestão federal bolsonarista esteve em combate direto – principalmente em combate discursivo, ideológico e simbólico – com a aliança feita no Brasil pela imprensa, cientistas, governadores, e até mesmo com uma parte significativa do seu governo, que seguiam as orientações mundiais da OMS (Organização Mundial de Saúde), consolidando uma estratégia política antivida.

A expressão “focinheira ideológica”, assim comumente nomeada no campo bolsonarista, foi mais especificamente disseminada por um personagem político bolsonarista

de destaque nessa disputa discursiva, o deputado federal Daniel Silveira (PSL-RJ), o qual protagonizou diversos episódios envolvendo a recusa ao usar a máscara, além de ataques a sua eficácia e utilidade, transformando um objeto de saúde num inimigo político e discursivo.

O deputado Silveira possui uma trajetória política conturbada, a qual envolve episódios recorrentes de negacionismo científico, ameaças e ataques à democracia, incitações de violência à Suprema Corte brasileira como também incitação à animosidade entre as Forças Armadas e o Supremo Tribunal Federal, além de fraudes em atestados e demais polêmicas. Por alguns desses e outros crimes, foi condenado juridicamente pelo STF em 20 de abril de 2022. Recentemente foi solto do regime fechado para permanecer com tornozeleira eletrônica, a qual também foi arrancada por ele sob questionamento da integridade e funcionamento do equipamento, alegando conter escuta, podendo resultar em mais um processo de crime por dano.

Ex-policial militar, antes de ser deputado, ganhou notoriedade nas redes sociais (coincidentemente no início da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, o qual ainda estava no PSL, à época), por sua ideologia conservadora e por moldar uma imagem de defensor dos direitos dos policiais militares, além de ser apoiador do movimento “bandido bom é bandido morto”. Incentivador da violência para resolver conflitos entre policiais e “bandidos”, sempre atacou mídia ou qualquer um que trouxessem os fatos e/ou fossem de encontro com suas abordagens, além de já ter confessado ter sido preso 90 vezes durante carreira como policial, em sua maioria por episódios de insubordinação.

No pleito eleitoral de 2018, em contexto fértil para sua candidatura, através da onda conservadora que se consolidava no Brasil naquele momento, envolveu-se em mais um episódio polêmico, o qual fez alavancar nas pesquisas dentro da base eleitoral bolsonarista, ao quebrar, junto ao candidato a deputado estadual Rodrigo Amorim, uma placa em homenagem à falecida vereadora Marielle Franco na praça da Cinelândia, figura política bastante importante na conjuntura da época por representar a luta de mulheres negras na política carioca.

No início da pandemia, Daniel permanecia em destaque no apoio contrário às medidas preventivas sanitárias, nas implementações dos governos estaduais de medidas de isolamento social e fechamento dos comércios para impedir o avanço da doença. Foi um dos primeiros personagens bolsonaristas a nomear a máscara da covid-19 de “focinheira ideológica” orquestrando e comandando uma voz uníssona ao lado dos demais ataques da base bolsonarista a esse instrumento de proteção sanitária, por isso sua presença nesta cartografia. Por se destacar nessa empreitada contra as medidas sanitárias durante a pandemia no cenário brasileiro, mais especificamente nos ataques contra a “focinheira ideológica”, é que Daniel Silveira torna-se um

ator central nesta cartografia que objetiva seguir a trajetória dos textos que estão inseridos nesta bolha ideológica, os quais reproduzem o modelo metapragmático bolsonarista, nesse fluxo discursivo que considera a máscara não como uma aliada no combate ao vírus, mas como o próprio elemento a ser combatido (ao invés do coronavírus), como algo aprisionador, como um instrumento de opressão e não como algo que poderia salvar vidas, algo já em consenso na comunidade médica.

Um dos primeiros episódios que traz o parlamentar em questão como elemento central na pauta e como locutor do modelo textual rastreado, diz respeito a uma postagem em forma de tweet do deputado declarando sua entrada num voo sem a utilização da máscara, apesar da lei de obrigatoriedade do uso, utilizando um argumento jurídico retirado dessa lei, a 14.019, no trecho em que a lei desobriga o uso para pessoas com respaldos e documentos médicos relacionados a alguma deficiência física, intelectual ou comportamental ou que se encaixem em algum espectro do autismo. Além disso, ao final do texto, ele nomeia a máscara de “focinheira ideológica” e sinaliza uma necessidade de combate a esse instrumento, segundo ele, aprisionador.

Modelo Textual Cartografado 1 – Tweet do Deputado Federal bolsonarista Daniel Silveira



Fonte: *Twitter* (atual *X*), 2020.

Esse tweet reforça uma prática corriqueira deste sujeito: a de sempre frequentar espaços e viajar de avião sem o uso da máscara, encorajando seus apoiadores a fazer o mesmo, sempre utilizando esse mesmo argumento jurídico acima mencionado, apesar de nunca apresentar um documento médico que trouxesse uma explicação sobre seu estado de saúde e sua relação com

essas exceções para a desobrigatoriedade, a não ser a justificativa de que a máscara o impedia de respirar bem e que te dava dores de cabeça (“Na verdade não é limitação. Sinto dor de cabeça devido ao aumento de CO2 no sangue.”, justificou em comentário a um usuário no twitter), explicações essas que não satisfazem a exceção da lei, além dessas acusações irem de encontro do que cientificamente sabemos sobre a função e eficácia das máscaras.

O segundo exemplo diz respeito a um vídeo em live de Silveira no qual a própria figura política chama essa live/vídeo de pronunciamento oficial (sinalizando o quanto as redes sociais andam sendo consideradas a própria esfera pública e institucional) em relação ao episódio que se envolveu em janeiro de 2021 ainda sobre a pauta discursiva e sobre a disputa máscara x “focinheira ideológica”. Desta vez, ele não obteve o mesmo êxito de antes – o de sempre conseguir embarcar sem usar a máscara – e foi barrado em um voo, da empresa aérea Gol, no aeroporto de Guarulhos, ao mostrar um atestado de cefaleia crônica alegando ter dispensa para uso da máscara e a companhia recusar o documento, ocasionando um bate-boca acalorado.

Modelo Textual Cartografado 2 – Print de vídeo em live no instagram de Daniel Silveira



Fonte: *Youtube*, 2020

Nesta live, a qual, como já dissemos, ele próprio a intitula de pronunciamento oficial sobre o ocorrido, o ex-policia declara que irá processar a empresa aérea Gol, a qual, segundo ele, é uma “empresa de porcaria que opera no Brasil”, e foi arbitrária ao exigir a máscara e ao usar “a militância absurda de uma empresa que está indo em conformidade com uma lei em detrimento de outra federal. Ela está seguindo leis municipais, estaduais (não especificou), e a federal não está sendo seguida”, mesmo o sujeito não comprovando a relação da sua desobrigatoriedade com os argumentos da lei, do tal parágrafo sétimo de que tanto fala, no primeiro e terceiro episódios, como em muitos outros momentos históricos ao longo da pandemia.

São atitudes recorrentes tanto nestes textos quando nesta cartografia. Tanto a entexualização do argumento da lei quanto a expressão linguística que utiliza para se referir a máscara, quanto o embasamento negacionista:

“Eu quero que vocês vão à merda com sua narrativa, vou continuar, sim, lutando contra essa focinheira ideológica que não garante porcaria nenhuma. Isso aí fica cristalino pelo posicionamento de vários médicos no mundo inteiro. Não existem artigos científicos que comprovem.”

(Trecho que integra o conteúdo pronunciado na live ilustrada pelo modelo textual cartografado 2 acima)

Essas e outras ações linguísticas construídas por esses e outros atores sociais do bolsonarismo se encadeiam e se relacionam através de um entrelaçamento de textos e crenças que se aproximam por seus alinhamentos ideológicos, por estruturas textuais semelhantes, por um negacionismo científico que custou caro no momento pandêmico, por inúmeros disparos tecnológicos dessas mensagens que se disseminam sob a velocidade da luz e que encontram, na arquitetura das redes, terreno propício para essa circulação, construindo uma comunicabilidade bolsonarista pandêmica, a qual encontra na linguagem uma forma de monetizar seu discurso, de vender o texto como mercadoria para finalidades eleitoreiras, deixando de lado a urgência sanitária e não poupando nem cuidando da vida humana.

A lei 14.019, regularizada em 02 de julho de 2020 – que altera a Lei 13.979 de 6 de fevereiro de 2020, a qual dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de relevância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto em 2019 em vários outros países e, posteriormente, no Brasil (só em 2020) – foca na obrigatoriedade do uso das máscaras de proteção individual, com foco na estratégia coletiva de prevenção, em espaços públicos e privados como também em transportes públicos enquanto durar a pandemia e enquanto for necessário a cautela sanitária para contenção da doença.

Esta lei foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da república em exercício, Jair Messias Bolsonaro, o mesmo que fez (e faz) sinalizações discursivo-semióticas em espaços públicos e declarações abertas de ataques ao uso dessas mesmas máscaras e compactua com todos os tipos de negacionismos científicos relacionados a pandemia.

O deputado Daniel Silveira, nos episódios acima descritos, cita o parágrafo sétimo do artigo terceiro desta lei (abaixo citado) para justificar o seu não uso das máscaras nos voos que faz e nos espaços que frequenta, ao mesmo tempo, como já mencionado, que não apresenta nenhum documento médico que comprove cientificamente suas possíveis deficiências e/ou

restrições, além de dores de cabeça e incômodos não patológicos. Segue o trecho da lei (para que relembremos o conteúdo dela para podermos atribuir sentido a entextualização feita por esses agentes sociais) comumente entextualizado em vários modelos textuais retratados nesta cartografia:

§ 7º A obrigação prevista no *caput* deste artigo será dispensada no caso de pessoas com transtorno do espectro autista, com deficiência intelectual, com deficiências sensoriais ou com quaisquer outras deficiências que as impeçam de fazer o uso adequado de máscara de proteção facial, conforme declaração médica, que poderá ser obtida por meio digital, bem como no caso de crianças com menos de 3 (três) anos de idade. (LEI 14.019, DE 02 DE JULHO DE 2010)

Esse movimento feito por Daniel Silveira – o qual também veremos se repetir com outros atores sociais e em outros momentos pandêmicos – é um deslocamento discursivo. Ele usa o próprio discurso político, e desloca o discurso médico e o discurso sanitário, além do discurso jurídico para construir uma porção de comunicabilidade que, ideologicamente, satisfaça seus interesses políticos partidários, ao se incluir na exceção da lei – que diz respeito apenas às pessoas autistas e a pessoas com deficiência – para ser “liberado” do uso da máscara e ainda busca estimular outras pessoas a fazerem isso, a conseguir um documento médico que ateste essa medida arbitrária.

Analisaremos a seguir mais um encadeamento de textos rastreados que se relacionam entre si e mantêm vínculos contextuais com outros artefatos textuais e com outros episódios que foram e que serão rastreados nesta cartografia. Esses exemplos dizem respeito a atos de fala de um outro sujeito, o médico Sérgio Marcussi, mais um personagem da bolha bolsonarista reproduzindo em seus textos digitais o modelo metapragmático negacionista bolsonarista.

Sérgio Marcussi surgiu na cena bolsonarista como uma das representações médicas centrais nesse contexto político pandêmico, através dos episódios que protagonizou, os quais dizem respeito ao negacionismo científico e a sua produção de atestados médicos para a validação da desobrigatoriedade do uso das máscaras prevista no parágrafo sétimo citado por ele e pelo parlamentar Daniel Silveira, seu aliado nessa empreitada, nos textos que veremos. Mineiro, atua como médico ginecologista e se diz especializado em nutrição e estética.

Apoiador de uma ideologia mais conservadora e declaradamente bolsonarista, também nomeia a máscara de proteção como “focinheira ideológica”, mesmo sendo um profissional da saúde, se propondo a propagar, desta forma, um negacionismo científico perigoso – em meio a uma crise sanitária global – alegando que a máscara causaria doenças respiratórias,

contrariando, assim, a unanimidade da comunidade médico-científica e encorajando pessoas a permanecerem desprotegidas e vulneráveis a um vírus mortal.

Assim como Daniel Silveira – que usa seu poder político parlamentar e seu lugar social que exala um poder de legitimar discursos –, Sérgio Marcussi também usa sua posição social de médico que, segundo a lógica social e historicamente cristalizado no imaginário da população, possui poder para legitimar o saber sanitário e científico, para capitalizar discursos e atitudes.

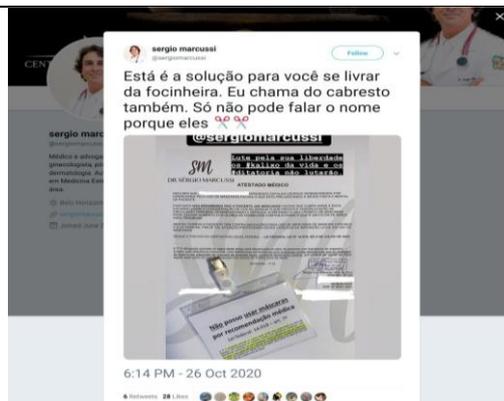
O primeiro exemplo de Marcussi abaixo é um retweet – ou seja, a ação de replicar, compartilhar alguma informação ou conteúdo postados por outrem, concordando e ratificando aquela postagem, sem deixar de mencionar o autor deste conteúdo repostado, podendo ou não acrescentar avaliações e comentários próprios – do médico Sérgio Marcussi de apoio a Daniel Silveira. Ele reposta o texto do deputado anteriormente citado, revelando um tom apoiador para com a “luta” em questão (contra a “focinheira”), e acrescenta a informação de que estará disposto a confeccionar atestados médicos para àquela finalidade, ou seja, para pessoas que não estão dispostas a usar a máscara em voos e em demais espaços, desprezando a premissa de que se trata de uma orientação sanitária de preservação à vida e estratégia coletiva de proteção à saúde. No final deste retweet, ele acrescenta o “vamos disseminando”, confirmando o propósito de espalhar suas práticas negacionistas e encontrando nas redes sociais apoio e estrutura para essas ações.



No outro exemplo que segue, ao escrever em seu twitter “está é a solução para você se livrar da focinheira. Eu chamo de cabresto também. [...]”, referindo a prática de atestados como a solução (mais uma vez repostando conteúdo do mesmo deputado, dessa vez com o modelo do documento médico), ele demarca discursivamente seu posicionamento contrário ao uso das

máscaras, ao passo que se conecta a este emaranhado negacionista, a esta comunicabilidade pandêmica, compactuando e materializando sua ideologia em forma de texto, sem levar em conta o que a própria comunidade médica, em sua unanimidade, demarca.

#### Modelo Textual Cartografado 4 – *Tweet* do médico Sérgio Marcussi



Fonte: *Twitter* (Atual X), 2020

As nomeações “focinheira” e “cabresto” nos direcionam para contextos que representam opressão, manipulação e aprisionamento, reafirmação insistente de sentidos negacionistas presentes no bolsonarismo, além da estratégia política populista (Cesarino, 2020) de eleger sempre um inimigo a ser combatido, o qual, neste caso, não é o vírus, como se esperava, mas, sim, a máscara, invertendo a racionalidade médica e científica (próprio do *modus operandi* desse agrupamento político).

Mais um tweet que segue do médico Sérgio Marcussi, e este traz mais orientações de como conseguir o atestado para não usar máscaras seguido de um enunciado capacitista no qual ele enquadra como “retardado” quem usa máscara, nomeia de “atitudes imbecis” da esquerda e “respostas inteligentes” da direita, além de se incluir ao usar o pronome “nós” (“nos”) ao dizer que a direita tem razão enquanto que a esquerda possui uma “ciência’ deles”, transferindo o debate científico para algo mais pessoalizado, como se fosse um embate entre “nós e eles”, característico da dinâmica bolsonarista do inimigo, do populismo digital bolsonarista (Cesarino, 2020).

#### Modelo Textual Cartografado 5 – Postagem do médico Sérgio Marcussi



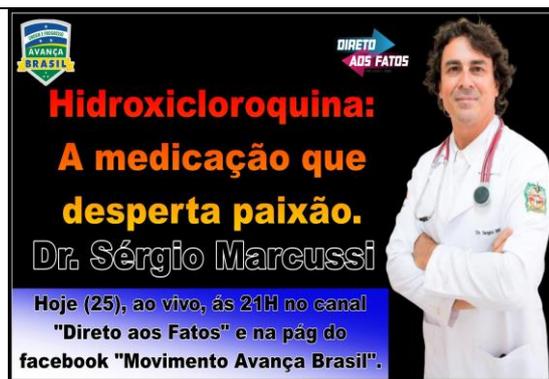
Fonte: *Twitter* (Atual X), 2020

Importante observar também neste modelo textual mais um referente colocado em disputa, desta vez a ciência. Enquadram o fazer científico como algo pessoalizado e totalmente alheio aos procedimentos exigidos para se fazer ciência, como é costumeiro da ideologia negacionista e das teorias da conspiração presentes no imaginário social de boa parte da população. Sempre colocando essa pessoalidade e falta de razão científica para o campo político contrário, no caso a esquerda, como se o ideológico e pessoalizado fosse sempre o outro e não eles.

Esse movimento de descredibilização científica envolve uma, como conceitua Cesarino (2020), deslegitimação ativa e constante e um deslocamento eficiente de fontes de busca de informação e de formação de opinião tidas como tradicionais, como a mídia tradicional, os acadêmicos, as pesquisas, etc, sendo substituído por uma “ciência debatida na rede social”, digamos assim, que diz respeito a todo um aparato digital que permite controlar o fluxo da informação, a formação de opinião e a disseminação dos conteúdos.

Neste outro modelo textual que segue deste mesmo ator social, vemos uma espécie de anúncio publicitário contendo enunciado central “Hidroxicloroquina: a medicação que desperta paixão”, seguido da imagem de Marcussi e das informações sobre uma fala pública que o médico iria fazer no canal do youtube “Direto aos Fatos” e na página do facebook do “Movimento Avança Brasil”, dois grupos bolsonaristas que costumam divulgar conteúdos negacionistas e conservadores, configurando mais um elo na cadeia desinformacional bolsonarista: a mídia digital, a qual em sua maioria é composta de canais de comunicação e páginas nas redes sociais que disseminam as teorias conspiratórias e os conteúdos “anti-pandemia”.

Modelo Textual Cartografado 6 – Anúncio Publicitário do médico Sérgio Marcussi



Fonte: *Facebook*, 2020

O enunciado central do texto acima nos direciona para outra construção linguístico-semiótica costumeiramente encontrada nos modelos textuais que circulam na base bolsonarista: a adoção da hidroxicloroquina, uma medicação comumente utilizada para doenças reumatológicas, sendo usada para “tratamento precoce” contra a covid-19, junto com outras medicações (remédios para verminoses, vitaminas e suplementos). Inúmeras foram as polêmicas e discussões envolvendo esse “Kit Covid”, como foi assim nomeado e disseminado, e suas recomendações arbitrárias e sem comprovação científica no período pandêmico, inclusive por parte do governo federal e seus aliados.

Essa construção desse referente “Kit de tratamento precoce para covid” entextualiza o discurso médico da prevenção para legitimar a eficácia de um agrupamento de medicamentos – de uma construção discursiva – para uma finalidade não comprovada cientificamente, gerando mais uma vez um efeito negacionista.

Esse funcionamento discursivo recorrente na comunicabilidade bolsonarista se vale dos poderes que os atores sociais possuem social e institucionalmente e da regimentação política desses sujeitos e desses contextos interacionais. São discursos proferidos por diversos agentes públicos – presidente da república, deputados federais, médicos, grandes canais de comunicação em grandes plataformas, mídias alternativas, etc – que são legitimados e aceitos à medida que circulam, descredibilizando o perigo doença, infeccionando a comunicação e dando poder ao vírus de disseminar sua infecção sanitária também.

Importante destacar que esse assunto foi tema de várias sessões da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da covid, grupo instalado no Senado Federal em 2021 com objetivo de apresentar um relatório final sobre as omissões e irregularidades do governo federal no

período da pandemia do coronavírus, mais especificamente em 2020 e 2021, tais como: discursos negacionistas e anti-vida, como o descrédito em relação a máscara, a vacina e a própria pandemia; as falcatruas e omissões em relação a compra das vacinas; investimento de dinheiro público em campanhas ineficazes de medicamentos sem comprovação científica, como a cloroquina; a crise e a negligência gravíssimas no Amazonas com a falta de oxigênio em hospitais e a falta de materiais de saúde básicos; os escândalos sobre os planos de saúde alterando prontuários para omitir as mortes por covid; dentre outros.

Vários foram os episódios, como seguem as imagens abaixo, em que encontramos o próprio Presidente da República, Jair Bolsonaro, segurando a caixa da cloroquina e/ou recomendando seu uso em algum pronunciamento televisivo ou digital, fazendo alusão a esse medicamento ao alegar mais eficiência e prevenção que os próprios métodos profiláticos. Essas falas e episódios acabam deslocando e deslegitimando discursivamente as funcionalidades científicas dos referentes, pois coloca a máscara como vilã deslegitimando seu poder preventivo, e atribui a função de prevenir a um kit de medicamentos, os quais a função é tratamento e não profilaxia. Esse movimento de deslocamento de sentidos contorna e acompanha o rastreamento desses textos à medida que vai constituindo uma comunicabilidade negacionista, uma cartografia comunicável pandêmica bolsonarista e negacionista, infeccionando a comunicação efetiva prol vida.

Modelos Textuais Cartografados 7, 8 e 9 – Episódios de alusão ao kit covid/hidroxicloroquina protagonizados pelo então Presidente Jair Bolsonaro



Fonte: *Google*, 2020

Os episódios acima são protagonizados pelo então Presidente da República na época, Jair Bolsonaro, fazendo alusões e/ou propagandas à cloroquina e ao kit covid, colocando esse referente como um índice que recupera uma prevenção, funcionalidade que não equivale ao campo semântico dos remédios, que servem para medicar e não prevenir. No episódio 1 encontramos o Presidente da República exibindo a caixa de remédio em evento, em sua residência e em live no instagram; no episódio 2 acontece um pronunciamento Oficial do

Presidente da República no qual ele exhibe a caixa de remédio, utilizando de meios midiáticos institucionais para aludir ao negacionismo científico; e no episódio 3, há a aparição do Presidente no Palácio do Planalto em interação caricata com avestruz também exibindo a cloroquina, episódio este bastante repercutido nas redes sociais na época do ocorrido, gerando engajamentos pros e contras, seja dos seus apoiadores como dos seus opositores,

A cloroquina e a hidroxicloroquina foram referentes de destaque nessa comunicabilidade bolsonarista, ora associadas às máscaras, ora associadas às vacinas, por isso ser importante mencioná-la aqui associada a estas cartografias, e estiveram sob os holofotes na corrida às farmácias e atestados médicos, mesmo com várias pesquisas atestando sua ineficácia e causando efeitos colaterais nas pessoas que tomavam o “kit covid”, lhes dando uma falsa sensação de proteção contra o coronavírus.

Os fatos acima ilustrados dizem respeito a apenas alguns dos momentos que se tornaram históricos na pandemia em relação as atitudes do presidente da república – afinal, segundo um levantamento do site O globo em maio de 2021 (<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>), foram, ao menos, 23 pronunciamentos oficiais nos quais ele defende a cloroquina e estimula o “tratamento precoce”, como passou a chamar este agrupamento de remédios.

#### Modelo Textual Cartografado 10 - Imagem Ilustrativa do “Kit Covid”

OS MEDICAMENTOS "PROIBIDOS" QUE CURAM!  
Como os Medicamentos para COVID-19 agem?  
Sintomas Leves e Moderados

**10 ANOS no mercado**  
**Ivermectina**  
6mg a cada 30kg por 5 dias  
Inibe a reprodução do vírus, pelo bloqueio da importina, proteína responsável pelo tráfico do vírus dentro da célula

**31 ANOS no mercado**  
**Azitromicina**  
500mg/dia por 5 dias  
Inibe a reprodução do vírus, além de combater bactérias que possam infectar os pulmões pela lesão primária do vírus, causando pneumonia

**15 ANOS no mercado**  
**Hidroxicloroquina**  
400mg a cada 12h no 1º Dia e 400mg/dia nos próximos 9 dias  
Inibe a reprodução do vírus (ligação a enzima RNA-polimerase) e altera o pH da célula, tornando o ambiente desagradável ao vírus

**Zinco**  
150mg/dia por 30 dias - Dose de Ataque  
Dificulta a entrada do vírus na célula

**Vitamina D**  
4.000 UI/dia por 30 dias  
Fortalece o sistema imunológico

Participe do Grupo no Telegram: [t.me/OrdemDourada](https://t.me/OrdemDourada)

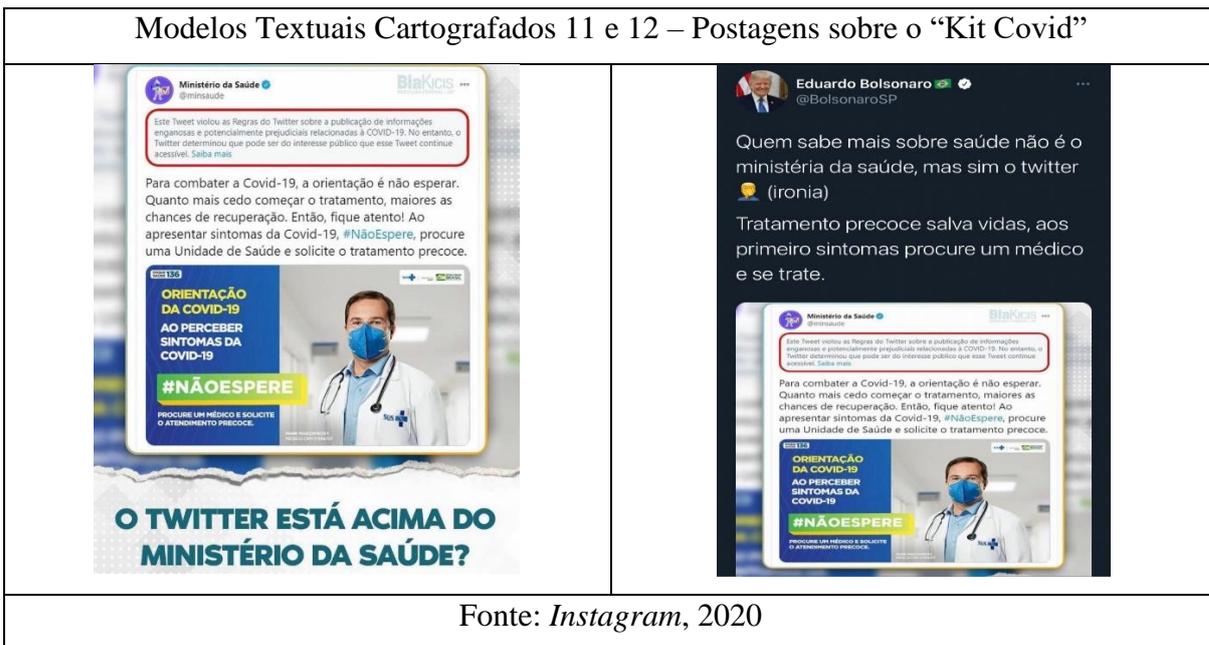
Fonte: *Instagram*, 2020

Uma das primeiras falas de Bolsonaro em relação à adoção da cloroquina foi em março de 2020 num anúncio de que o Exército iria ampliar a produção do medicamento em laboratório

próprio. Pronunciamento este feito em pleno início de uma pandemia, em que o mundo inteiro tomava as medidas sanitárias adequadas de prevenção, isolamento, uso de máscaras, enfim, no momento em que vários países tentava conduzir uma comunicabilidade de prevenção e cuidados com a disseminação do vírus, o Brasil andou na contramão discursiva dessa abordagem, pois governo federal, seus parlamentares, apoiadores e mídia aliadas em geral contribuíram para criar um imaginário social de deslegitimação científica.

As imagens ilustradas acima dizem respeito a alguns destes fatos e momentos, como exibir o produto e discursar em prol da cloroquina em eventos que participava; reservar lives inteiras ou trechos para argumentar e fazer apologia ao medicamento e a seu kit covid, alegando já ter usado e ter a cura garantida, mesmo não existindo nenhuma referência científica disso; postar fotos nas suas redes sociais em momentos banais do dia a dia, a exemplo do café da manhã, com o medicamento em mãos; além de pronunciamentos oficiais em que faz menção a perseguições políticas a ele por incentivar o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina.

### Modelos Textuais Cartografados 11 e 12 – Postagens sobre o “Kit Covid”



Fonte: *Instagram*, 2020

Esses episódios textuais acima citados dizem respeito a postagem do Ministério da Saúde de Bolsonaro em meio a pandemia. Ao invés de impulsionar o uso de máscaras, a confiar nas vacinas que estavam por vir e em orientar a população à evitar as aglomerações, o governo materializa, institucionaliza e legitima o negacionismo científico ao divulgar uma medicação sem comprovação científica em meio a uma das maiores crises sanitárias da história, mostrando o quando a desinformação pandêmica foi legitimada pelo governo federal e seus apoiadores,

como vemos na imagem a repostagem do filho do presidente da república, o deputado Eduardo Bolsonaro.

Um outro episódio dos mais icônicos e de maior repercussão nas redes sociais desta cartografia de eventos pandêmicos foi em julho de 2020, quando Bolsonaro aparece no Palácio da Alvorada oferecendo e apontando a caixa de cloroquina para um Ema sendo ignorado pelo animal (modelo textual acima trazido), cena que viralizou nas redes sociais gerando inúmeras avaliações, posicionamentos, interpretações e, até mesmo, ridicularizações.

Importante acrescentar ainda a esses fatos, em virtude do foco desta cartografia e para trazer mais um episódio que marcou o debate sobre pandemia e máscara em 2021, uma visita do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no município de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, no dia 24 de junho de 2021, um dos momentos de picos da pandemia da covid no Brasil, com os mais altos índices de mortes todos os dias, na qual ele retira a máscara de uma criança para posarem para fotos, além de não estar usando o equipamento de proteção sanitária em nenhum momento do evento.

Modelo Textual Cartografado 13 – Episódio do Presidente da República



Fonte: *Instagram*, 2020

Na mesma semana deste fato, a revista Science, uma das mais renomadas em pesquisas sobre saúde, publicou um estudo feito por cientistas da Alemanha, China e Estados Unidos, atestando e confirmando a eficácia do uso das máscaras, tanto as cirúrgicas quanto a N95 e a PFF2, como forma de minimizar a transmissão do coronavírus. Publicação esta que surge para efeito de legitimação do equipamento de segurança individual e como forma de contribuir para o combate à desinformação sanitária e/ou científica, compondo o cenário de disputa semiótica pela legitimidade ou não da máscara, da pandemia, da vacina, enfim, do próprio momento de crise histórica e sanitária que vivemos.

Os ataques do presidente do Brasil foram inúmeros às medidas sanitárias no momento pandêmico, incluindo à máscara. No dia em que o Brasil registrou um dos maiores números de mortes por covid em 2021, o chefe do executivo ataca as máscaras enfatizando sua ineficácia (“quase nula”), além de afirmações de serem prejudiciais, inclusive para as crianças, pois ocasionavam efeitos colaterais no uso.

Diante dessas postagens, mapeamentos e análises até agora observadas, é possível perceber que a comunicabilidade é um regime semiótico que orienta a comunicação e os sentidos através da circulação dos textos, além de composta por diversos atores sociais com diversas funcionalidades e com diversas relações de poder que vão sendo estabelecidas nas trajetórias textuais, na construção da cartografia. No movimento textual, segundo Briggs, os textos convocam os indivíduos a ocuparem posições nesse emaranhado linguístico. Vários atores sociais surgem a partir do fluxo textual nas redes com diferentes posições sociais e diferentes poderes, que vão de figuras políticas, médicos, sujeitos civis e eleitores no geral, canais no youtube, perfis nas redes sociais, textos escritos em blogs, enfim, uma teia de indivíduos que reivindicam legitimidade comunicativa e científica para desacreditar a ciência, para enquadrar as políticas de prevenção da saúde como associadas à esquerda e, portanto, dignas de ataques, como a do uso das máscaras, enquadrando-as a uma perda de liberdade individual, enfim, efeitos catastróficos para o momento pandêmico que vivenciamos, além de convocar a sociedade a ocupar mais posições negacionistas, além de contagiar e infeccionar (Briggs) informacionalmente e textualmente, além de sanitariamente, a população.

Outra situação que também poder ser incluída nesse emaranhado desinformacional pandêmico bolsonarista trata do episódio em que Natasha Borges, bióloga pernambucana e moradora do Recife, indica e orienta em sua rede social a estratégia de fingir ser autista para se livrar da obrigatoriedade em usar máscara dentro de estabelecimentos comerciais, utilizando também o parágrafo sétimo da Lei citada como justificativa para essa ação.

Tem como elemento central, além do ataque ao uso das máscaras, a mesma lei e sua exceção que foi citada pelo deputado Daniel Silveira e pelo médico Sérgio Marcussi: o artigo sétimo da Lei 14019/2020, de forma também descontextualizada para servir de embasamento para uma atitude negacionista e arbitrária, e nesse caso preconceituosa e capacitista, além de também indexar, apontar a máscara como “focinheira”.



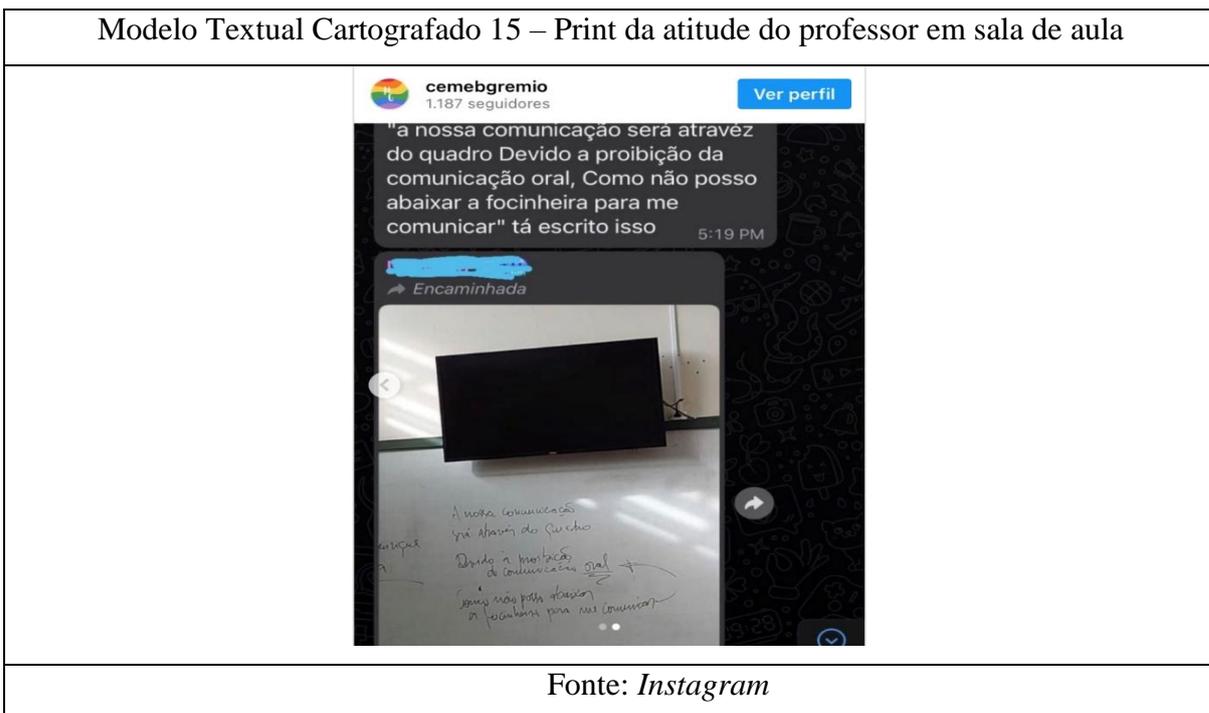
O enunciado mencionado por essa atriz social – bióloga e cidadã civil em declaração pessoal em sua rede social – *“Deixa de ser anta, tu tá praticamente escrava do estado, ô debiloide. [...] Eita povo chato e burro. Clica no link, vai lá dá uma olhadinha na lei, dá uma estudadinha nessa lei, diga que você é autista e pare de usar essa focinheira, porque é melhor tu ser autista do que ser cachorro, ok?”*, indexa metapragmáticas capacitistas e opressivas para legitimar o negacionismo.

Expressões como “anta”, “escrava”, “debiloide”, “burro”, “autista” e “cachorro” nos apontam e nos fazem referência para um contexto depreciativo o qual mistura palavras capacitistas (crenças limitantes e preconceito sobre pessoas com deficiência) e de violência a pessoas com deficiência, além de enquadrá-los como incapazes de tomar decisões e formular opiniões, junto a animalizações, como anta e burro, que também desumanizam o indivíduo que decide usar máscara e os tornam inaptos, e, ainda, o termo escrava que termina por enquadrar a pessoa de máscara como escravizada, dependente e submetida a situações contra sua vontade.

Interpretações como essas sugerem uma imagem da pessoa que usa máscara como incapaz de decidir sobre sua saúde e sobre sua vida, sem conhecimento, animalizadas e desumanizadas, produzindo a perspectiva de que o negacionismo científico é o caminho para o enfrentamento às imposições sociais e do Estado. Além de finalizar a fala com um enunciado comparativo alegando ter mais vantagem sendo autista do que usando a máscara, do que ser cachorro por usar a “focinheira”, deslocando, novamente (como os outros atores sociais), o parágrafo da lei que isenta do uso da máscara apenas pessoas de determinados grupos de limitações, e não qualquer pessoa que verbalize indiscriminadamente tal condição de saúde.

Outro caso que também repercutiu nas redes sociais e foi marcado por protestos de alunos contra o negacionismo do docente, foi o caso do professor de história do Centro Elefante Branco, centro educacional da rede estadual de Brasília, que escreveu no quadro enunciados se recusando a usar a máscara, a qual nomeou como focinheira, alegando dificuldade na

comunicação e por isso iria apenas se comunicar pelo quadro escolar. Segundo relatos dos alunos, essa não foi a única manifestação negacionista desse professor, o qual levava conteúdos desinformativos para as aulas, como documentários, não só sobre a pandemia, mas sobre negacionismos científicos e históricos de forma geral, tais como mudança climática, ataque a indígenas, dentre outros.



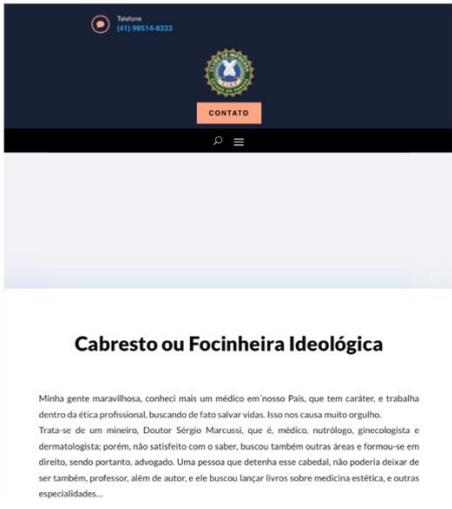
Episódios como esses colocam em xeque todo um imaginário social, a informatividade de toda uma geração de crianças e adolescentes que vivenciaram um momento histórico e se depararam com discursos e movimentos semióticos negacionistas como esses e crescerão desacreditando de toda uma memória social e histórica, além de anos de estudos e investimentos em ciência e pesquisa científica para construir e consolidar conhecimentos e descobertas que sustentaram a humanidade.

Os demais textos cartografados e que comentaremos adiante foram retirados de sites alternativos de notícia e/ou blogs, os quais circulam através de links nos grupos de whatsapp bolsonaristas e são veiculados como mídia de notícias, utilizados pela maioria da bolha bolsonarista como links informativos e formadores de opiniões. Apesar de possuir uma estrutura textual que se assemelha a uma notícia contendo, muitas vezes, manchete, lide, corpo do texto, fotos e demais itens costumeiramente encontrados em modelos textuais midiáticos,

possuem muitas marcas de oralidade, muitas adjetivações e um tom bastante pessoalizado, o que acaba marcando um tom tendencioso na forma de “dar a notícia”.

Esses links de blogs que circulam como sites de notícia possuem um forte poder legitimador das informações, pois substituem as mídias e os canais tradicionais informativos na divulgação e circulação dos episódios, em sua maioria, confundindo os acontecimentos, as realidades factuais com realidades criadas, através da linguagem, dentro de bolhas ideologicamente direcionadas.

O primeiro texto dessa cadeia de blogs informacionais vai acrescentar à categoria indexical da “focinheira ideológica” da máscara, o objeto de discurso “cabresto”, o qual nos leva para uma interpretação opressora, para uma construção semiótica degradante e nada científica. Ainda neste texto, intitulado “Cabresto ou Focinheira Ideológica”, encontrado no site *Clube da Imprensa*, percebemos citações a dois sujeitos da nossa cartografia, o deputado Daniel Silveira e o médico Sérgio Marcussi, mostrando o quanto esses textos que circulam possuem elos ideológicos e linguísticos com outros textos e episódios que envolveram essa disputa de sentidos pela máscara, os fatos se imbricam, os atores sociais se relacionam, várias figuras de vários campos sociais e de poder aparecem, o que só comprova o quanto toda essa máquina desinformacional era bem regimentada, plantada, viralizada e armamentada (Nemer, 2020).

<b>Modelo Textual Cartografado 16 – Print de texto de blog de notícias</b>	
	
<b>Fonte: Site Clube da Imprensa</b>	

Como vemos no trecho, “Por conta dessa cruzada, o Doutor Marcussi, tem sido alvo de uma guerra. Os delinquentes, que operam no flanco inimigo, e que esperam manter a tão

sonhada dominação, ao verem que Marcussi, pode ser um inimigo muito poderoso, resolveram abrir fogo contra ele.”, há a menção do médico citado anteriormente, como um ator social importante nesse contexto de emergência sanitária, afinal ele é um médico dentro de uma crise de saúde e sua opinião, mesmo contrária às medidas tradicionais, gera credibilidade e comunicabilidade pandêmica bolsonarista, compondo o que Cesarino chamou de “arquitetura da bolsoesfera”.

Essa arquitetura é composta dos atores sociais e seus níveis institucionais de influência política e social, a qual é composta pela camada oficial do governo, incluindo presidente, ministros, deputados e demais figuras públicas; a “ecologia das mídias”, que diz respeito a um encadeamento textual, semiótico e ideológico em várias plataformas digitais (instagram, youtube, twitter (atual X), sites e blogs informacionais, etc), nas quais os assuntos e as metapragmáticas aparecem bem sinalizados e se repetem a cada movimento textual, a cada trajetória de texto; os grandes grupos de whatsapp monitorados e coordenados por ações digitais planejadas para orientações das informações, opiniões e ideologias, além da organização de manifestações e demais atos de rua de apoio a extrema-direita e ao negacionismo científico construído discursivamente; além de apoiadores como grandes celebridades, influenciadores e pessoas públicas com grande alcance nas redes e grande poder de influência.

Neste mesmo texto é interessante observarmos também a sequência de referentes que nos remetem a um contexto bélico, no qual o inimigo não é o vírus mortal, mas, sim, quem orienta e escolhe usar a máscara, quem acredita na ciência. Os elementos linguísticos: “cruzada”, “alvo de uma guerra”, “flanco inimigo”, “dominação”, “inimigo muito poderoso”, “abrir fogo contra ele”, nos reportam para um léxico linguístico de combate, remete a um campo semântico bélico, além de indicializar a estratégia bolsonarista do medo, da eleição de um inimigo em comum a ser combatido. Inimigo este que pode ser qualquer coisa que os antagonize, podendo ser real e/ou construído linguisticamente.

Como debate Cesarino (2019), essa caracterização de conflito, essa confusão de sentidos ocasionada pelo caos desinformativo bolsonarista é um dos efeitos da tentativa de reorganização do campo político brasileiro da direita (mais precisamente por esse grupo ideológico da extrema-direita brasileira), de retomada a valores mais conservadores e ataques a conquistas de grupo sociais socialmente minorizados, os quais são eleitos como os inimigos, como o mal a ser combatido, incluindo, no caso da pandemia, os estudiosos, os intelectuais, as mídias que acreditavam na pandemia e todas as formas de conhecimento científico legitimado.

O trecho “Gostei muito de conhecê-lo e percebi o quanto nosso País é rico, pois temos pessoas fantásticas em nosso meio, além é claro, de inúmeros capachos, como ficou

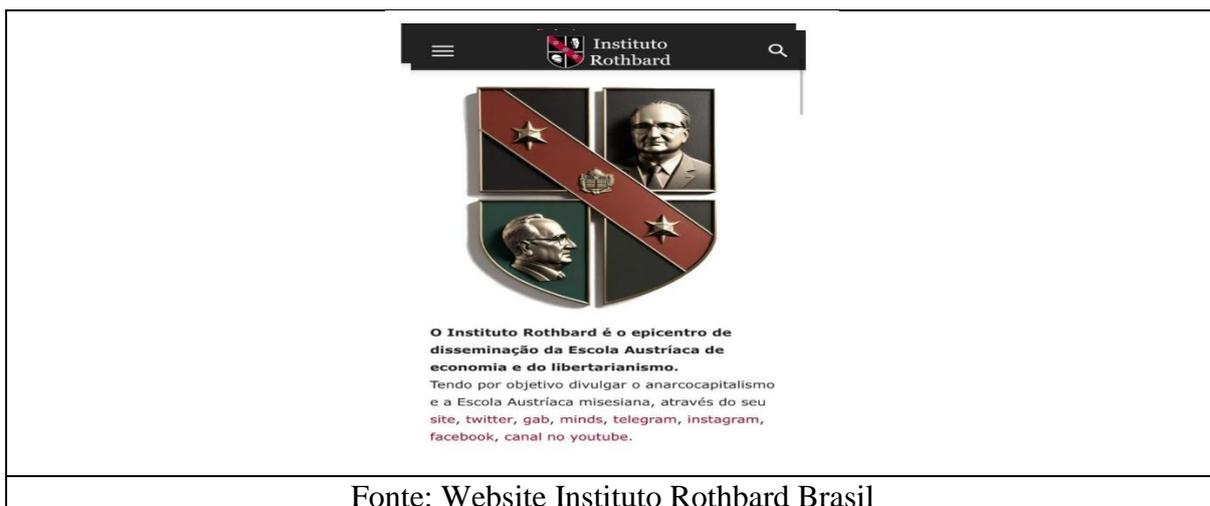
comprovado, especialmente, agora nessa grande “FRAUDEMIA”, faz uma tentativa de trocadilho linguístico com as palavras pandemia e fraudemia, interpondo e substituindo letras e fonemas, para efeito de negacionismo atribuindo a ideia de fraude à pandemia, deslegitimando o poder devastador de contaminação do vírus e da proliferação da doença.

Aqui a máscara aparece com uma nova nomeação: cabresto – “Porém, entendo, assim como o doutor Marcussi que isso representa sim um “CABRESTO”, e como diz o ilustre deputado Daniel Silveira, que esse adereço, não passa de uma: “focinheira ideológica” e que, especialmente, por esses motivos, “tem que ser combatida” – projetando mais uma vez a ideia de submissão, e, ao usar a expressão adereço, traz a conotação de algo desnecessário, acessório, não essencial e desimportante. Além de reforçar a nomeação comumente conhecida da “focinheira ideológica”.

Outro web site bastante significativo para esta pesquisa, do qual retiramos alguns dos textos seguintes cartografados neste estudo, trata-se de um site de uma organização chamada Instituto Rothbard Brasil, instituição que se auto intitula anarcocapitalista (ideologia libertária que se baseia na ideia do direito a soberania do indivíduo através da propriedade privada e do livre mercado) e divulgadora das ideias da Escola Austríaca de Economia e do Libertarianismo.

Esse site brasileiro (apesar de trazer aspectos e referências estrangeiras), com traços de personalidade semelhantes a um blog, publica diariamente artigos de opinião com temas em alta no debate público sobre política em geral, como também política brasileira, além de “manter o leitor atualizado também serve para muitos autores brasileiros darem vazão a seu talento, o que seria muito difícil na mídia tradicional”, constatando o que já comentamos aqui sobre o bolsonarismo se basear em meios de comunicação e informação alternativos, acentuando esse caráter mais pessoal e opinativo às informações e a origem do conhecimento não fique bem sinalizada.

Modelo Textual Cartografado 17 – Print da página inicial do web site/blog
---



O site pedia doação para seus leitores e os links dos artigos desse site circulavam de forma intensa em grupos de whatsapp bolsonaristas, no twitter (atual X), além de na parte final dos artigos serem disponibilizados os links de outros artigos publicados no site, com temáticas relacionadas sobre assuntos diversos. Esse meio de comunicação funcionou de forma bastante eficiente no período da pandemia, divulgando estudos que se diziam científicos mas com métodos arbitrários e sem legitimação de órgãos renomados da saúde, além de divulgarem livros e demais orientações e modelos textuais negacionistas.

O título do primeiro exemplo que comentaremos desse site e desse agrupamento de textos retirados de blogs, como também sua manchete, composto por texto verbal e imagem, já iniciam recategorizando e enquadrando o objeto de discurso “máscara cirúrgica” ou “máscara de proteção” dentro da metapragmática bolsonarista pandêmica através dos sentidos de aprisionamento e submissão: “Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar”. Ao mesmo tempo que consegue mobilizar visões de mundo pandêmico bolsonarista e seus posicionamentos, os sujeitos que produzem como também os que recebem esses textos fazem circular essa “notícia”, pois se identificam através das vozes sociais bem marcadas nestas porções de texto.

Nesse exemplo, podemos perceber que essas visões são mobilizadas através de elementos do contexto jurídico, “pelo direito básico de respirar”, e por elementos de um contexto de guerra bem característico do bolsonarismo, “tirania (anticientífica) das máscaras”. Essas nomeações entextualizam a metapragmática negacionista bolsonarista e utiliza elementos linguísticos – “direito básico” – que indexam e apontam para a dimensão discursiva jurídica com o objetivo de atribuir legitimidade a esse posicionamento discursivo, já que a dimensão jurídica representa um dos poderes brasileiros. De igual modo, apelam para o que é tirano e

anticientífico como forma de assustar e amedrontar a população com vistas à adesão do não uso das máscaras.

<b>Modelo Textual Cartografado 18 – Print de texto de blog de notícias</b>
<p><b>Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar</b></p> <p>Por <b>Equipe IR</b> - 30/06/2020</p> <p>Tempo estimado de leitura: 16 minutos</p> <p>“Como uma pessoa pode ser forçada por qualquer empresa ou entidade governamental a usar uma máscara (que afeta o sistema respiratório) sem fazer um exame físico pedido por um médico licenciado que aprova tal ação?” – Peggy Hall, da <i>The Healthy American</i></p>  <p>A ciência diz que pessoas saudáveis não devem usar máscaras</p>
Fonte: Site do Instituto Rothbard Brasil

A imagem que aparece no início do artigo como uma espécie de manchete ou lide, com o propósito de chamar atenção para o texto e dar o tom dramático e urgente que julgam necessário para tratar da ameaça chamada “focinheira ideológica, corrobora a perspectiva do artigo de opinião de tiranizar a máscara, através da semiose da força policial obrigando o uso da máscara, deslocando os efeitos de uma ação violenta de um contexto militar para um contexto sanitário, mudando a finalidade da máscara, que seria de prevenção e cuidado, para opressão e violência.

O restante do texto é marcado por recomendações “médicas” e estudos sem fontes confiáveis e/ou específicas sobre a ineficácia das máscaras, colocando-as como as vilãs dentro da comunicabilidade bolsonarista pandêmica: “Se a sua máscara lhe faz sentir seguro, use-a. Apenas saiba que é uma falsa sensação de segurança e você não deve constranger ninguém para participar de tal estratégia. Se os políticos parassem de obrigar, ninguém continuaria fazendo esse absurdo. Não acredite em ideias nocivas para se sentir bem enquanto prejudica outros.”

Ao nomear como “falsa sensação de segurança”, “estratégia”, “absurdo”, “ideias nocivas” as estratégias de prevenção da covid legitimadas cientificamente há anos pelas comunidades sanitárias brasileiras como também ao redor do mundo, esses modelos textuais descredibilizam toda uma comunicabilidade de prevenção científica legitimada há décadas de estudos. Esses textos contêm informações sem nenhuma referência bibliográfica dos pesquisadores e instituições com credibilidade acadêmica envolvidos, além de não seguirem

normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas de Trabalho) para pesquisas científicas, usando apenas termos imprecisos que dão um tom generalizado e pouco confiável, tais como: “estudos mostram”, “um estudo”, “de acordo com um neurocirurgião notável”, dentre outros.

A expressão “estratagema” nos confere, também, um tom de conspiração, um complô das instituições para com quem se recusa a usar o equipamento de segurança. Sobre esse ponto, é importante trazer, para nos ajudar a compreender esses elementos encontrados nessa cartografia da focinheira, a influência das teorias conspiratórias americanas da extrema-direita, a exemplo do Qanon, a qual alega haver uma cabala de esquerda dotada de valores transgressores empenhada em destruir as famílias e as sociedades, e que só Donald Trump (ex e atual presidente dos EUA) seria capaz de combatê-la.

Essas teorias conspiratórias encontraram solo bastante fértil aqui no Brasil durante a pandemia, sendo chamado de “Qanon brasileiro”, pois utilizava temas e métodos que se assemelhavam às premissas conspiratórias norte-americanas e envolveram boicote às máscaras, às vacinas e demais medidas de combate a pandemia, conspirações comunistas, além de ter perdurado até as últimas eleições desacreditando as urnas e desacreditando a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, desembocando no atentado à democracia do dia 8 de janeiro, momento histórico em que grupos de bolsonaristas atacaram o Planalto brasileiro e depredaram todos os símbolos dos Poderes Brasileiros, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

Os outros textos seguem mecanismos semelhantes quanto às suas estruturas composicionais e às recategorizações textualmente orientadas e nomeiam as máscaras como “burkas chinesas baratas” e nomeia os usuários dessas máscaras de uma “horda mascarada”. Para os produtores desses textos, as recomendações de uso das máscaras para proteção nada mais é do que uma privação de liberdade e uma exigência “para cobrirmos nossa humanidade”, além de ser um “ritual de culto”, “objeto de fetiche político”, “expressão de gênero” e “relacionamento com a própria verdade”, além de “escravidão” e “tolice”. Todos esses objetos de discurso acarretam transformações: i) no plano linguístico, através das nomeações; ii) no plano textual através das recategorizações; iii) no plano discursivo, através da rediscursivização (Silva, 2019); além de indexicalizar uma ideologia conservadora e negacionista próprias do bolsonarismo pandêmico.

## Novo estudo científico: As máscaras são inúteis contra Covid

Por Daniel Horowitz - 19/11/2020

Tempo estimado de leitura: 4 minutos



A maioria das elites ocidentais está telegrafando a mensagem

Fonte: Site do Instituto Rothbard Brasil

O texto acima é intitulado “Novo estudo científico: As máscaras são inúteis contra covid” e é marcado por tentativas de explicações científicas sem fontes confiáveis e sem muitas referências cientificamente legitimadas no contexto médico, além de mais uma vez atacar o uso das máscaras levando-a a um cenário de aprisionamento e restrições de liberdades individuais.

Logo no início do texto, as máscaras aparecem nomeadas de “burkas chinesas baratas”, metaforização esta que aponta para várias entextualizações que enquadram avaliações estereotipadas sobre nacionalidades com culturas e ideologias próprias, muitas das vezes, mal vistas e não valorizadas por boa parte do mundo. Pois, comparando as máscaras a burkas e a China, além de serem baratas, traz efeitos de sentido negativos, pois a metapragmática bolsonarista acredita que esses países a que estas expressões fazem referências não possuem prestígio, são terroristas e almejam destruir o mundo, assim como as máscaras e seus usuários e apoiadores.

Com a expressão “burkas” é indexicalizado o contexto mulçumano através da vestimenta feminina que cobre o corpo da mulher mulçumana e que impede a visibilidade do rosto, a qual é considerada, para muitos, opressão, falta de liberdade de expressão e livre arbítrio. Com a expressão “chinesas”, o texto aponta para um dos fantasmas do comunismo comumente presente na bolha bolsonarista, a China, um país dirigido atualmente pelo Partido Comunista da China e, conseqüentemente, descredibilizado pelo bolsonarismo. E, por fim, ao acrescentar o adjetivo “baratas”, é confirmado o descrédito e a desvalorização com as nacionalidades recuperadas e, conseqüentemente, com a máscara sanitária a qual é comparada através do uso da nomeação inteira, retomando valores de aprisionamento e falta de liberdade, típicos da “focinheira ideológica”, presentes na metapragmática bolsonarista.

A maioria das elites ocidentais está telegrafando a mensagem de que seremos forçados a cobrir nossa humanidade com burkas chinesas baratas indefinidamente. Elas estão exigindo que mesmo crianças de dois anos usem máscaras. Os efeitos a longo prazo sobre os pulmões, problemas emocionais e comportamentais e de desenvolvimento de bebês e crianças pequenas são enormes. Por tal invasão inconstitucional da liberdade pessoal, elas deveriam nos mostrar algum grau surpreendente de eficácia desse ritual de culto. Na verdade, os dados mostram o contrário.

O texto segue descredibilizando a máscara associando-a a uma “invasão inconstitucional da liberdade pessoal” e a “um ritual de culto”, enquadrando este instrumento sanitário e toda a orientação de prevenção da saúde dentro de um espectro que mistura, mais uma vez, as teorias da conspiração e um conceito de liberdade individualizado desconectado com o momento pandêmico que exigia estratégias de prevenção coletivas para que os danos fossem mínimos diante do vírus.

Para a metapragmática bolsonarista e para os produtores e adeptos desse texto, o movimento e orientação de uso da máscara nada mais é que uma “devoção do culto às máscaras”, tirando todo o cientificismo da medida e deslocando o ato de usar de uma atitude de proteção à vida para uma filiação a alguma idolatria, ou culto ou adesão a algum conluio político mundial de destruição da humanidade.

“Já experimentamos algo tão destrutivo e ilógico em nossas vidas?” é um dos trechos finais deste texto digital, e nos apresenta mais nomeações sobre a pandemia e suas medidas e orientações no geral, através das palavras: “destrutivo” e “ilógico”. As quais nos remetem, mais uma vez, ao descrédito da pandemia e seus desdobramentos, configurando no apagamento e/ou distorção da informação adequada e com o objetivo de construir uma subjetividade, um modelo de comunicação que vai de encontro com as medidas sanitárias, a fim de dominar simbolicamente e discursivamente um evento histórico, recontando a pandemia, recontextualizando a comunicabilidade proposta pelas organizações de saúde tradicionais.

Todas essas nomeações que vamos identificando ao longo do rastreamento de textos para a composição dessa cartografia pandêmica não são nem identificadas e nem inseridas nos textos por acaso. Ao elegermos uma palavra sob a necessidade de nomearmos as coisas e de criarmos realidades através da linguagem, trazemos, para o modelo textual, avaliações, direcionamentos e efeitos de sentido diversos que acompanham os signos linguísticos através de processos sociossemióticos de produção de sentidos.

E é nesse ínterim que corroboramos com a Pragmática Moderna ao acreditar que os usos das palavras fazem coisas, e, ao nomear as coisas com determinadas escolhas linguísticas,

damos a essa construção um contexto, um sentido, uma função, um apontamento para determinado discurso e/ou ideologia, enfim, qualificamos ou desqualificamos as práticas sociais a partir da linguagem.

<b>Modelo Textual Cartografado 20 – Print de texto de blog de notícias</b>
 <p>Longe da horda mascarada Por <b>Becky Akers</b> - 19/06/2020 Tempo estimado de leitura: 5 minutos</p> <p>Depois de uma carta absurdamente partidária de "profissionais</p>
Fonte: Site do Instituto Rothbard Brasil

Neste artigo de opinião, também retirado do blog/site de notícias do Instituto Rothbard Brasil, identificamos, logo no título, uma nomeação bastante simbólica e impactante, para começar a conduzir um texto: “Longe da horda mascarada”. No decorrer da leitura do texto, percebemos que a nomeação “horda” diz respeito aos usuários das máscaras sendo comparados, conforme a palavra evoca, a um bando de desordeiros sem credibilidade e sem autonomia. O sintagma “horda” costuma ser usado em contextos de produções cinematográficas de zumbis ou em contextos animais, e, ao se nomear os “mascarados” como “hordeiros” contribui-se para descredibilizar essa parte da população que escolheu usar a máscara de proteção para se proteger, polariza uma sociedade e a questão passa a ser disputada discursivamente, levando a efeitos materiais sanitários catastróficos.

“Depois de uma carta absurdamente partidária de “profissionais de saúde pública”, vilipendiando “manifestantes brancos que resistem às ordens de ficar em casa”, mas defendendo manifestantes que “se manifestaram contra o ... racismo”, devemos rir de qualquer coisa que venha dessas pessoas.”

O trecho acima faz referência às manifestações históricas do “Black Lives Matter”, protestos antirracistas que ocorreram nos Estados Unidos em 2020, em plena pandemia da covid, que trouxeram como principais pautas o combate ao racismo institucional e a má conduta

e brutalidade policial. Essas manifestações acabaram se tornando os atos de maiores proporções sobre o tema em toda a histórica americana e foram desencadeados após a morte de George Floyd, um cidadão afro-americano atacado brutalmente por uma abordagem violenta de policiais em Minneapolis, EUA.

O artigo de opinião analisado faz uma comparação entre dois tipos de manifestações que ocorreram em 2020, os atos antirracistas do “Black Lives Matter” e os atos de protestos de pessoas negacionistas contra o uso das máscaras e contra as medidas de saúde de proteção à vida. A construção do período linguístico comparativo, além de comparar, também (re) categoriza os eventos almejando inculcar sentidos legítimos aos atos contra as medidas de prevenção e sentidos pejorativos aos atos antirracistas, a partir da expressão “devemos rir de qualquer coisa que venha dessas pessoas”, deslegitimando toda a luta do Movimento Negro ao redor do mundo, e priorizando e qualificando um discurso, uma movimentação e uma aglomeração negacionista em plena pandemia do século.

Pensando essas questões de legitimação e deslegitimação, podemos recuperar para esta tese uma discussão importante que a Linguística Aplicada, inspirada na Pragmática Moderna e nos estudos de Austin iniciados na década de 40, faz sobre verdade e realidade e sobre o papel da linguagem para além do positivismo lógico e de uma linguagem ideal, única. Os sentidos, os significados e as referências não são estanques e sim instáveis (MONDADA E DUBOIS, 2003), e são construídos e reconstruídos a todo instante através da linguagem.

A contribuição de Austin, a qual cabe para analisar o trecho negacionista abaixo, se dá em pensarmos todo ato de fala, toda manifestação da linguagem em uso como performativa, ou seja, que podemos fazer coisas com a linguagem, que verdades e realidades podem ser criadas através de elementos sociosemióticos e linguísticos, afinal “os enunciados servem para realizar uma ação” (Austin), gerar efeitos.

Ao enunciarem no artigo de opinião o trecho: “Portanto, o uso de máscaras agora está irremediavelmente politizado, obliterando nossas chances de aprender a verdade.”, seus produtores objetivam que acreditemos que existe uma busca por uma verdade única e que as suas construções discursivas são neutras, verdadeiras, imunes de qualquer teor político ou ideológico. Contrariando as formas de conhecimento legitimadas socialmente, ao negarem tanto a ciência e os estudos científicos, ao atacar o uso da máscara para prevenção pandêmica, como também as formas de construir realidades através da linguagem, o entender que a linguagem não é neutra. Enquadrar algo como verdade e falsidade deixa de ser o foco das

análises e sim o poder que determinados enunciados possuem de gerar efeitos catastróficos, como o evento histórico que estamos cartografando: a pandemia da covid-19.

Afinal, com já assinalava Foucault (2013), há verdade em toda parte, em todo lugar e em todo o tempo e pode ser colocada a propósito de tudo e qualquer coisa, além do fato de que ninguém é exclusivamente qualificado para dizer a verdade, pois é necessário que haja instrumentos necessários para o entendimento e a produção dessas verdades, além de categorias de pensamento e linguagem adequadas.

Vale ressaltar que nem mesmo a ciência é neutra, afinal é feita por sujeitos, dotados de interesses específicos e para que algo seja estabelecido como pressuposto científico é preciso cumprir protocolos pré-estabelecidos dentro de instituições de poder. Porém, é importante considerar a importância de muitos desses estudos e teorias científicas para o desenvolvimento da humanidade, como, por exemplo, a vacinação, através de descobertas científicas, do conhecimento aplicado e dos investimentos em ciência concedidos por políticas públicas ao longo da história, por isso que, neste momento de crise sanitário foi extremamente perigoso e custou vidas desprezar e negar esse conhecimento estabelecido e legitimado historicamente.

“A máscara é um instrumento de saúde pública, mas ela também revelou ser uma máscara no sentido mais tradicional: uma ferramenta em um ritual social, um objeto de fetiche que reflete a política, expressão de gênero e seu relacionamento com a própria verdade.”

Apesar de admitir que a máscara é um instrumento de saúde pública, este trecho também enquadra e recategoriza a máscara através da entextualização de diversos discursos, como o discurso dos ativismos de gênero. Ao usar as palavras “expressão de gênero”, num paralelismo gramatical sequencial ao lado de “objeto de fetiche que reflete a política”, há o apontamento para os discursos, disputas e conquistas políticas dos movimentos sociais de gênero e sexualidade. Apontamento este que ao mesmo tempo que recupera esse discurso já legitimado historicamente, o ataca ao fetichizá-lo, ao conceder um tom tendencioso a o que é considerado expressões de gênero.

Por que sou tão inflexível? Por causa do que esse “objeto de fetiche ... representa [sobre] a posição política de uma pessoa”. Máscaras gritam: “EU SOU UM ESCRAVO QUE AMA MINHAS CORRENTES! Obedeçamos nossos mestres e pulemos do precipício! Elas indicam que o usuário assiste muita TV, que é tolo e ingênuo. Eu comparo o uso de máscaras com sair as ruas como uma camiseta do Che Guevara.

Acima, temos vários índices linguísticos que apontam e indexam diversos discursos recuperados, entextualizados, retirados de seus contextos (descontextualizados) e recontextualizados para satisfazer a comunicabilidade negacionista em questão. O discurso da escravidão é recuperado através do “Eu sou um escravo que ama minhas correntes”, num tom passivo, direcionando para um sujeito que está aprisionado e que não resiste, nem faz nada para mudar sua situação.

Outro discurso entextualizado é o do “fantasma do comunismo e do socialismo”, através da citação do líder revolucionário cubano chamado Che Guevara. O bolsonarismo é um movimento político que se fortaleceu através de várias frentes, e uma das estratégias de maior destaque é eleger um inimigo a ser combatido a cada nova pauta a ser conquistada na arena digital da disputa discursiva. Um dos inimigos principais é o comunismo e todas as pautas socialistas e de esquerda. Desse modo, para combater a inimiga da focinheira ideológica foi necessário recorrer a estratégia do inimigo socialista e atribuir tolice, ingenuidade, estupidez e passividade aos socialistas que usam camisa de Che Guevara como também às pessoas que usam máscara. Como assinala Cesarino (2020), a eficácia de uma ameaça contra o povo consiste em eleger um inimigo em comum, seja ele real ou construído e que pode mudar a cada momento a depender da necessidade e da finalidade.

Ao recategorizar as máscaras como monstruosidades e logo em seguida indexar a liberdade como pressuposto para se evitar as máscaras – “Então, o que está havendo? Por que tantas pessoas ainda usam essas monstruosidades?” [...] “É essencial, então, que nós que amamos a liberdade evitemos as máscaras.” – o texto nos oferece mais uma máxima bolsonarista, a da busca pela liberdade plena, da busca por um líder ou por uma ideologia que salve e liberte a pátria, busca de valores que libertem os “cidadãos de bem”, por eles assim chamados, das “ditaduras da esquerda”. E, assim, “Victor Hugo disse: “A virtude usa um véu, o vício uma máscara”, terminam o texto com uma citação de Victor Hugo, a qual não sabemos se corresponde aos ditos deste autor (pesquisei e não encontrei nenhuma relação), recategorizando a máscara como um vício, como algo desprezível e prejudicial.

O texto rastreado que refletiremos adiante, e que também foi retirado deste mesmo site do Instituto Rothbard Brasil, traz elementos linguístico-semióticos que evocam sentidos racistas como modo de legitimação do campo negacionista, corroborando com um projeto político violento sob diversas óticas, tais como: a própria ótica racista da opressão e do preconceito, além do desprezo com a resistência, cultura e humanização do povo negro; por sabermos que a população negra e periférica foi a que mais sofreu diante do descaso na pandemia devido as péssimas condições de sobrevivência que enfrentam diariamente e pioradas no momento

pandêmico; e também pela vulnerabilidade intelectual que é colocada a população brasileira em geral, ao utilizarem negacionismos históricos e colonialidades racistas almejando colocar em prática uma comunicabilidade negacionista para atender a interesses do poder político de um determinado grupo, neste caso, a extrema-direita brasileira.

<b>Modelo Textual Cartografado 21 – Print da parte inicial do artigo de opinião</b>
<b>A máscara da sua escravidão: imagem, história e significado da Escrava Anastácia</b> <small>Por Roberto Strongman - 06/11/2021</small> <small>Tempo estimado de leitura: 19 minutos</small>

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

O início do texto já recupera de imediato a imagem de Anastácia, conhecida popularmente como escrava Anastácia, mulher escravizada no século XVIII e que é retratada pela história da Escravidão como uma escrava que se recusou a ir para a cama com o seu senhor e, como punição, teve o castigo de usar uma máscara de ferro por toda a vida. A partir da imagem e do título do texto, “A máscara da sua escravidão: imagem, história e significado da Escrava Anastácia”, é indexicalizado o discurso da Escravidão e destrinchado por todo o artigo de opinião a partir de várias nuances controversas e preconceituosas, como veremos.

O título se apresenta como “inofensivo” e demonstra, em primeira mão, apenas contar a história e a importância da Escrava Anastácia, mas ao olharmos para o pronome “sua” nos é aberta uma possibilidade de interpretação no nível de pessoalizar essa Escravidão, afinal não é à Escravidão como momento histórico de escravização de negros e indígenas que é feita a referência, mas a “sua Escravidão”, algo que pode ainda remeter aos elementos desse período na História, mas que haverá algo de singular nessa argumentação, a escravidão como posse (“sua”) de algo ou alguém, como se fosse um tipo específico de escravidão. Ao longo do texto, confirmamos essa possibilidade diante do deslocamento de sentidos racistas utilizados para reafirmar a tese negacionista sob vários aspectos, como veremos adiante.

Outros elementos que também direcionam o enquadre interpretativo que será confirmado no decorrer do texto são as primeiras imagens que aparecem em destaque na cor vermelha para chamar a atenção do leitor para a gradação das imagens: a imagem mais conhecida de Anastácia aparece 3 (três) vezes, sendo que a terceira imagem aparece modificada digitalmente e Anastácia aparece com a máscara sanitária ao invés da máscara de ferro, enquadrando discursivamente a comparação entre a escravização das pessoas negras com a escravização dos usuários das máscaras da covid.

Um dos trechos iniciais da parte do verbal do texto: “Este artigo representa uma oportunidade de abordar essa alegação de cooptação e de explicar os méritos de associar as atuais limitações sanitárias a uma, de fato, forma de escravidão” resume e deixa bem explícita a tentativa de apropriação/comparação da escravização dos negros com às medidas preventivas de saúde. Ao mencionar “os méritos” e “de fato” há a validação dessa estratégia linguística e já prepara o leitor para se vincular a essa crença e a esse ponto de vista, apontando para o campo discursivo negacionista como forma de enxergar a pandemia.

#### Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Artigo de Opinião



*O amordaçamento trans-histórico de dissidentes por regras tirânicas. Acima Anastácia no pelourinho da minissérie brasileira de 1990 intitulada “Escrava Anastácia” e, abaixo, manifestante anti-lockdown em Melbourne, Austrália em 2020.*



Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

Ao olharmos as imagens escolhidas nesse texto – a dramatização do amordaçamento de Anastácia em uma novela com uma máscara de ferro e o “amordaçamento” de um homem americano branco cis com uma máscara de saúde – percebemos que elas foram colocadas em um paralelismo semiótico para que um contexto seja comparado ao outro. Percebemos essa analogia através da disposição das imagens e do trecho “o amordaçamento trans-histórico de dissidentes por regras tirânicas”.

Anastácia, mulher negra escravizada em um período sombrio da história no qual negros foram contrabandeados e trazidos contra as suas vontades de suas terras de origens para servir com suas vidas a um projeto colonial de grupos poderosos, é colocada num comparativo com uma situação de um homem branco cis, dotado de seus privilégios sócio-históricos, que, tomado por um discurso negacionista e anti-vida, escolhe não usar a máscara de saúde para sua proteção numa pandemia mundial e sai às ruas para protestar. Ambos nomeados linguisticamente de dissidentes, que são indivíduos que divergem de seus grupos por seus princípios e ideais, os quais recusaram “regras tirânicas”, sendo que o homem branco cis está se recusando aos decretos de uso das máscaras, as quais iriam proteger a sua vida, diferentemente da máscara de Anastácia que, essa sim, representa castigo e punição e que a levaria à morte ou a um estado de degradação. Os sujeitos, em situações muito diferentes, são agrupados e nomeados de dissidentes, a Escravidão e os decretos para uso da máscara são agrupados e nomeados de regras tirânicas, além da comparação do ato do amordaçamento também, sendo um pelo capanga do senhor de engenho e no outro por policiais.

A fim de seguirmos essa análise, é importante que antes fundamentemos alguns conceitos importantes para esse rastreamento textual cartográfico em construção nesta tese:

Pensar uma comunicabilidade é pensar em um agrupamento de elementos linguísticos comunicacionais que servem para transmitir um registro discursivo mais amplo que possa facilitar a condução de determinada prática social através da linguagem. Sabemos que os processos de linguagem, ao longo do tempo, geram padrões sociolinguísticos que se repetem e se formulam e acabam servindo para produzir diferentes efeitos dentro das comunicabilidades. É nesse interim que Susan Gal (2018; 2019) traz o conceito de enregistramento para o debate sobre o fazer político, que consiste nessa atividade semiótica de incorporação/(re)produção de registros já formulados historicamente para atender a uma comunicabilidade específica, a uma finalidade específica, o qual envolve relações ideológicas e de poder as quais se repetem nas práticas sociolinguísticas para produzir efeitos sociais e que são legitimadas através do uso linguístico indiscriminado e intenso pelos sujeitos.

Ou seja, textos em trajetória compartilhados e viralizados, usos linguísticos que se repetem em determinados contextos, signos linguísticos que, além de avaliar, apontam para determinados contextos e discursos, direcionam ideologias e poder, enfim, estilos linguístico-semióticos amplamente compartilhados por certos públicos adquirem legitimidade ideológica nesse movimento indexical e acabam por enquadrar e direcionar os contextos políticos em questão, as comunicabilidades, as comunicabilidades políticas, a comunicabilidade pandêmica bolsonarista em questão. “Em suas práticas discursivas, os falantes se alinham a essas organizações sociais, autorizando suas posições, assumindo diferentes tipos de “conversas” (padrões semióticos) que indexam características reconhecíveis de tais organizações sociais em contextos históricos particulares” (SILVA, 2023, p. 145).

Como já comentado anteriormente, recusar-se a usar a máscara de proteção sanitária e nomeá-la de “focinheira ideológica”, por exemplo, indexa uma metapragmática negacionista e legitima um posicionamento sanitário como também ideológico ao assumir essa decisão diante da projeção política dessa comunicabilidade construída e propagada por grupos políticos e dinâmicas de circulação de discursos e estilos linguísticos. Os indivíduos, assim, são capturados pelo agenciamento e circulação dos discursos políticos projetados através dos afetos, ideologias partilhadas, crenças e visões de mundo, elementos esses que vão sendo diluídos nas nomeações linguísticas, nas trajetórias e circulação de textos e causando efeitos concretos e palpáveis nas sociedades, por isso a importância de observarmos esses fenômenos que acontecem diariamente nas sociedades pós-digitais.

Nesse sentido, por julgarmos importante para explicar melhor a construção e reconstrução de uma comunicabilidade, é que daremos atenção a esse processo trazido por Gal, o enregistramento como fazer político, que atua na produção, na circulação e nos efeitos que a linguagem faz na política, e aos seus elementos que o compõe. O enregistramento se dá a partir da *vinculação*, da *retransmissão* e do *enxerto*, como traduz Silva (2023), os quais atuam juntos e sobrepostos, mas que podem ser visualizados e trabalhados didaticamente um a um.

A *vinculação* diz respeito aos estereótipos culturais que os elementos linguísticos se vinculam ao serem acionados, ou seja, os registros linguísticos se estabelecem e produzem sentido a partir dos discursos acionados dentro das práticas sociais, além de somente fazer uma avaliação. Acontece uma vinculação entre os grupos de signos, os grupos sociais e os campos sociais. A *retransmissão* é quando um signo ou fragmentos de signos, por sua natureza instável e não fixa, pertencente a um campo e/ou organização social, são utilizados por outros grupos pertencentes a outra organização social com visões e ideologias diferentes, a fim de adquirir o

poder e a legitimidade daquele registro e daquele campo social apropriado. E, por fim, a *enxertia* que consiste no ato de inserir os registros de outros campos que possuem autoridade, mas que são antagônicos, sendo mobilizados para dentro dos projetos discursivos de dizer, das comunicabilidades, e ao mesmo tempo em que usufrui das suas propriedades, acaba por minar e atacar esses campos sociais antagônicos.

Esse processo de enregistramento, principalmente um dos seus aspectos como a enxertia, torna-se interessante para esse trabalho por mostrar que as nomeações, as escolhas lexicais, os textos referenciados, a circulação dos modelos textuais, a repetição temática, os discursos e campos sociais acionados, as trajetórias de textos, etc não acontecem ao acaso, nem servem apenas para somente avaliar, qualificar, rotular, mas serve a um projeto de poder político (com interesses políticos e econômicos bem definidos nos escândalos revelados na pandemia), a construção de um modelo de comunicação capaz de mobilizar, gerar efeitos discursivos e/ou materiais e unir uma boa parte da população para boicotar as medidas de proteção a uma doença até então desconhecida e devastadora.

E é pensando esse processo de enregistramento e seus aspectos que compreendemos a engrenagem negacionista forjada nesses textos rastreados desta análise, nas chamadas “fake news” viralizadas. Voltando ao texto da Anastácia, percebemos que é através da enxertia que há a incorporação de índices linguísticos racistas para sustentar uma tese duplamente negacionista (por negar os estudos históricos sobre escravização e os estudos científicos sobre contaminação por vírus) de que a opressão e a tirania sofridas pelos negros escravizados historicamente é a mesma opressão e tirania que pessoas que se recusarem usar máscaras de proteção à vida sofreram na pandemia.

Ao notarmos no texto a comparação mostrada abaixo (no texto original, as imagens estão dispostas numa posição comparativa também), do amordaçamento da escravizada Anastácia com a máscara de metal feito pelo senhor de escravos com o “amordaçamento” de uma jovem também negra americana com a máscara de proteção sanitária pelo policial, há uma tentativa de deslocamento semiótico de elementos coloniais de um momento histórico para outro, incluindo disposição das imagens, agentes para cumprir a autoridade institucional de cada época, duas mulheres negras compondo as cenas, além de dois tipos de máscaras.

Essas semioses semelhantes, escolhidas nada ao acaso para serem utilizadas no texto em questão, buscam gerar com a comparação entre os momentos históricos um efeito discursivo de intolerância e opressão relacionada ao uso da máscara da covid ao ser comparada com a máscara da escravidão, como enquadrou o título, a máscara da covid seria a máscara da sua escravidão,

uma escravidão escolhida pelo sujeito (ao escolher usar a máscara sanitária), e que não importava se ela protegia ou não da doença, afinal não se acreditava nisso, o que apenas importava era o efeito escravagista que ela (o equipamento de segurança), segundo essa metapragmática bolsonarista pandêmica bolsonarista, projetava.

Podemos considerar esse exemplo como um exemplo do mecanismo discursivo de apropriação e incorporação de registros linguísticos, no qual se apropria do discurso da escravidão para justificar uma atitude de prevenção sanitária como arbitrária, como tirânica, o que acaba gerando dois efeitos de deslegitimação, o da eficácia da máscara da covid e o do período da escravização, pois esse mecanismo acaba por banalizar os estudos científicos em saúde e virologia, além de banalizar o poder racista e colonial que a sociedade brasileira escravocrata herdou até os dias atuais. A enxertia, nesse caso, utiliza os elementos coloniais e racistas deslocando-os para um contexto diferente, usufruindo da sua autoridade discursiva historicamente concretizada, e acabando concomitantemente por miná-los e descredibilizá-los em alguma medida.

A escolha de uma mulher também negra, no excerto abaixo, para representar a opressão pandêmica não foi ao acaso, foi um enquadramento produzido a partir de uma apropriação das lutas do movimento negro contra a invisibilidade e opressão da mulher negra na sociedade, como herança da escravização e abusos de mulheres negras ao longo da história. O contexto de subjugação da mulher negra é apropriado e utilizado de forma irresponsável e arbitrária nessa comparação, banalizando um tema tão profundo e multifacetado marcado por desafios impostos pelas intersecções de raça e gênero a que essa minoria social vivencia diariamente.

#### Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Artigo de Opinião



Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

Em paralelo a estas imagens mostradas, há, ainda neste artigo de opinião, “pedaços” de textos compondo os cenários das imagens e as pausas de texto corrido que fazem referência ao

gênero textual “Oração” e acabam por parodiar uma oração feita para a Escrava Anastácia, cuja criação não se tem origem, mas que se encontra disponível no Google para pesquisas e consultas. A Escrava Anastácia é venerada e considerada santa por milhares de fiéis ao redor do mundo, porém não se tem notícia dela ter sido reconhecida oficialmente pela Igreja Apostólica Romana.

O texto se apropriou duplamente da Oração, tanto recuperando a história da escravidão para legitimar a opressão sanitária a que se refere, como recuperou também a autoridade dos discursos religiosos, ao trazer para compor a cena textual uma Oração, que mesmo Anastácia não sendo legitimada pela Igreja como santa, mas há uma recuperação dessa legitimidade através das especificidades do gênero textual Oração, trazendo um caráter de devoção, de divindade, de compaixão, permite que o contexto religioso transmita autoridade a essa “comparação”, já que se trata de textos e discursos respeitados por boa parte da população e acaba por utilizar esses elementos para atribuir devoção, divindade e compaixão às pessoas que, segundo eles, também sofreram maus tratos na pandemia semelhantes aos que Anastácia sofreu, uma outra forma de escravidão.

Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Trecho da “Oração” contida no Artigo de Opinião

Nos colchetes anteriores, posso inserir o seguinte:

Bem-aventurada Anastácia, Como a liberdade de expressão e a liberdade acadêmica me protegem de retaliações institucionais em decorrência do questionamento dos decretos de máscara? Vos que prontamente socorrereis todos os que falam com coragem face à censura e ao silenciamento, cuida-me!

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

O trecho da Oração acima citado faz uma exortação à Anastácia pedindo que a santa interceda pelos silenciados e aprisionados pelos decretos sobre o uso da máscara e pelas “retaliações institucionais” e a coloca nesse mesmo lugar de vítima da censura e silenciamento, utilizando como argumentos a lei da “liberdade de expressão” e “liberdade acadêmica” como forma de justificar seus pontos de vista e como forma de alegar outras formas de validação do conhecimento e de opiniões que não sejam as instâncias tradicionais e mais confiáveis.

Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Trecho da “Oração” contida no Artigo de Opinião



Bem-aventurada Anastácia, vejo-me impossibilitado de entrar no supermercado por me recusar a usar máscara. Você, cuja máscara a impedia de comer e acabou morrendo de fome, tenha misericórdia de nós!

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

O que acontece neste trecho da Oração à Anastácia é o que o populismo digital de extrema-direita (assim conceituado por Cesarino) faz, uma apropriação típica do bolsonarismo de pautas políticas que costumeiramente aparecem nas políticas públicas de esquerda, mas que são utilizadas para sugar sua autoridade e acabar esvaziando essas bandeiras, ou seja, serem utilizadas somente a sua forma política, populista, sua construção retórica e não o seu conteúdo e finalidades sociais e políticas. E o exemplo deste trecho é a recuperação do discurso que prega contra a fome no mundo, o qual, como outros discursos apropriados nessa dinâmica discursiva, tem o costume de ser uma pauta que aparece nos discursos da esquerda e em metapragmáticas mais progressistas, diferentemente das pautas e preocupações da direita conservadora e da extrema-direita. Porém, através da enxertia, este discurso e os seus elementos semiótico-linguísticos são recuperados e utilizados para legitimar mais uma vez o negacionismo e enquadrar as pessoas que se recusam a seguir as medidas preventivas da pandemia como vítimas de decretos tirânicos, o que acaba sendo uma comparação esdrúxula, arbitrária e incoerente, afinal, em termos de medidas efetivas e materiais e de efeitos, não foi demonstrado nenhuma preocupação ou medida política efetiva por parte do governo federal com as pessoas mais pobres e vulneráveis à fome no período da pandemia.

Modelo Textual Cartografado 22 – Post de rede social



Notamos este mesmo mecanismo discursivo com a mesma temática, a fome no mundo, no post acima circulado no whatsapp bolsonarista com fonte de algum grupo no facebook (pelo que percebemos no próprio post vem de uma página no facebook intitulada “Amorabilidade”), mas, desta vez, o negacionismo é direcionado para outro elemento pandêmico, a vacina. Podemos perceber que os elementos dos dois contextos, pandemia e fome, são perpassados e invertidas suas posições nos discursos, a fome, que é um problema social, acaba sendo enquadrada metaforicamente aqui como um vírus, apontando para o contexto da pandemia, e importância da vacina, mais uma vez, sendo deixada de lado, voltando-se às atenções para a fome, não que isso não seja importante, para que o foco discursivo da pandemia fosse abandonado e desacreditado. E é justamente por serem temáticas que devem ser tratadas com total responsabilidade e cuidado, que essa apropriação/comparação/enxertia se torna irresponsável com os dois assuntos e com todos os demais assuntos sociopolíticos importantes para a vida digna de toda uma sociedade e seus grupos.

E voltando ao artigo de opinião da Rothbard Brasil sobre a máscara de Anastácia, selecionamos também alguns trechos do próprio texto verbal, os quais confirmam explicitamente as analogias, entextualizações e enxertias utilizadas neste artigo de opinião e na própria comunicabilidade bolsonarista pandêmica.

<p>Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Trecho da “Oração” contida no Artigo de Opinião</p>
---

Antecipando tais argumentos, enfatizarei que a escravidão assume muitas formas diferentes em diferentes contextos espaciais e temporais. Se na era pré-industrial as algemas, bolas e correntes eram de ferro, numa era tecnológica marcada pela transmissão invisível de dados pelo espaço, os mecanismos de escravidão tornam-se mais evanescentes, finos como fios, diáfanos como tecidos.

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

Esta parte do texto verbal aparece para fazer uma comparação entre os elementos que amordaçam e aprisionam nas “duas escravidões” nomeadas desta forma no artigo de opinião. Seguindo esse enquadramento interpretativo, as algemas e as correntes de ferro são comparadas com os tecidos e materiais de confecção das máscaras, além de situar as “escravidões” no tempo e espaço, como a era pré-industrial e tecnológica, elementos e associações que criam um lugar de validação diante do paralelo temporal e circunstancial, confirmando, assim, a premissa composta da apropriação da escravização para fundamentar o negacionismo científico da metapragmática bolsonarista.

Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Trecho da “Oração” contida no Artigo de Opinião

Na verdade, existe um “Culto Covidiano” (Hopkins 2020). Gostaria de complementar a conversa instanciada por sua frase provocativa, questionando a suposta negatividade associada a esse tipo de religiosidade. No estudo da religião, os “cultos” foram eufemisticamente rebatizados de “novas religiões” para serem mais relativistas e menos julgadores, curvando-se talvez às exigências do politicamente correto.

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

Aqui, vemos a pandemia sendo recategorizada como “Culto Covidiano” e indexicalizando novamente o contexto religioso, mas usando o termo culto de forma pejorativa em relação aos que acreditam na pandemia e no poder destruidor do vírus, além de associar a esse “culto” as visões do politicamente correto, o que costuma ser pauta da ideologia de esquerda, contrária a ideologia conservadora de direita negacionista.

Fragmento-Imagem do Modelo Textual Cartografado 21 – Trecho da “Oração” contida no Artigo de Opinião

A aparição de Anastácia em protestos anti-lockdown representa uma oportunidade de entender a atual tirania médica como uma forma de escravidão e de forjar laços de solidariedade entre comunidades cuja liberdade está ameaçada em todos os grupos raciais. A reivindicação de cooptação merece ser

Fonte: Website Instituto Rothbard Brasil

Ao afirmar que a “liberdade está ameaçada em todos os grupos raciais”, há uma equivalência injusta com a questão racial no Brasil, por sabermos que alguns grupos raciais possuem suas vidas e condições de sobrevivência em situações mais vulneráveis por contar com um passado colonial, escravocrata e violento. Essa equivalência aponta para um ponto de vista racista, desleal e perpetuador de violências, reafirmando que a lógica da “tirania científica” como uma forma de escravidão apontada por essa metapragmática negacionista indexaliza o racismo à brasileira em sua melhor performance.

Outro exemplo de enxertia para compor esta cartografia em torno das medidas preventivas da pandemia da covid-19, é o caso do “movimento dos transvacinados” que vai girar em torno do referente “vacina” e envolverá a apropriação das premissas e pautas do movimento trans em torno do mundo. O termo nasceu na extrema-direita americana – através do termo de busca “*transvaccinated*” encontramos posts americanos sobre esse assunto – e circula no Brasil desde a pandemia, sendo utilizado como argumento de pessoas antivacinas que espalharam desinformação sobre os imunizantes (que causavam doenças cardiorrespiratórias, autismo, etc) para desacreditar a população a seguir os protocolos de imunização coletiva para que a sociedade pudesse voltar aos hábitos comuns de vida social.

Modelo textual cartografado 23 – Fotografia de manifestantes antivax



Fonte: *Twitter* (Atual X)

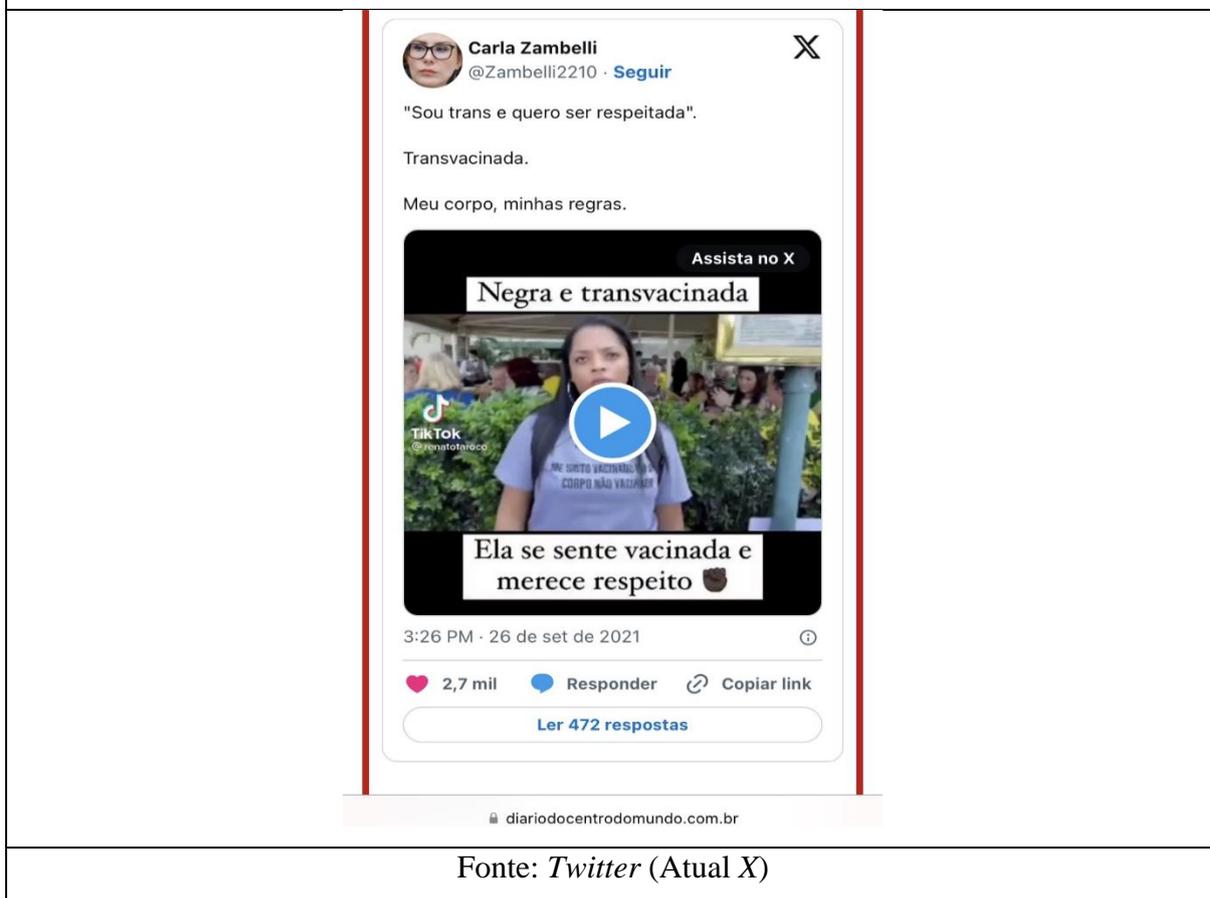
Essa expressão, “transvacinados”, une o negacionismo científico sobre as vacinas, o descrédito à gravidade do coronavírus a um ataque às pessoas transexuais. Apropria-se do discurso dos movimentos trans e da legitimidade histórica dessas mobilizações pelos direitos das pessoas lgbt para dar autoridade a premissa negacionista e ao mesmo tempo banalizar o movimento que luta pela vida digna dessas pessoas. “É desse modo que a prática semiótica do enxerto tanto extrai legitimidade e autoridade do registro enxertado quanto projeta nele um enquadramento ideológico que deprecia seus sistemas de valores e perspectivas políticas.” (SILVA, 2022, p. 149)

Vídeos e imagens foram divulgados em 2021 de pessoas com camisas escrito “Transvacinado – Me sinto vacinado em um corpo não vacinado” que estavam presentes nos atos bolsonaristas do 7 de setembro que incluíam várias pautas, entre elas campanhas contra o uso das máscaras, a favor do kit covid e contra o “passaporte da vacinação”. Um dos vídeos que mais viralizou nesse evento foi o de uma influenciadora chamada Ana Paula Palagar, a qual acabou ficando mais conhecida depois dessa polêmica instaurada nas redes e disseminada por vários usuários, incluindo grandes figuras políticas, a exemplo da deputada bolsonarista Carla Zambelli, como veremos nas imagens que seguem.

A influenciadora afirma no vídeo viralizado que está nas manifestações do 7 de setembro em prol da luta pela liberdade e contra toda a falta de liberdade que vem ocorrendo no Brasil, e ao ser questionada sobre a camisa que usa ela menciona o movimento dos “transvacinados” ao redor do mundo e diz que são pessoas que se sentem vacinados mesmo não tendo o corpo vacinado, além de reivindicar respeito sobre esse posicionamento, visão e o sentir dessas pessoas (o discurso completo está no drive). Esses enunciados proferidos por essa digital

influencer recuperam o discurso da extrema-direita negacionista unindo a pautas progressistas de liberdade dos corpos e orientações de gênero e sexualidade.

Modelo textual cartografado 24 – Print de twitter da deputada Carla Zambelli



Fonte: *Twitter* (Atual *X*)

Interessante observar que o elemento de raça também aparece nessa postagem, através dos referentes “Negra e Vacinada”, os quais, além de fazer referência a pessoa em questão no modelo textual, indexa o contexto racial e pandêmico. E, ao relacionar a questão de raça com a vacinação e com o referente “transvacinado”, acaba fazendo um recorte racial e se apropria duplamente da intersecção das pautas de gênero e raça, trazendo legitimidade política para a postagem e para esse enquadramento discursivo antivacina, ao mesmo tempo que esvazia pautas que levaram décadas para se consolidarem como movimentos políticos e como políticas públicas para vida digna desses grupo, apesar de ainda termos muito o que avançar nesses quesitos.

Além do movimento agenciado nas redes abertas, assessores da Câmara também criaram um grupo Antivax, intitulado “Transvacinados”, o qual servia para combinarem de

burlar medidas de prevenção adotadas pela Casa Legislativa, como trabalhar presencialmente enquanto os outros eram dispensados e laudos de “imunidade natural”, alegavam como objetivo do grupo “agir na defesa da liberdade dos não vacinados”, além de fazerem circular inúmeros conteúdos antivacina.

Assim, percebemos que a comunicabilidade antivacina bolsonarista brasileira enxerta em seus registros linguístico-semióticos elementos dos repertórios transexuais e dos movimentos de gênero como um todo. Os sujeitos negacionistas deslegitimam as orientações de gênero e as vacinas, ao mesmo tempo que usa os próprios elementos linguísticos do registro de gênero, as próprias premissas e teses desse movimento social que luta há décadas por direitos básicos, por humanidade.

Ao se conectar com um registro culturalmente reconhecido como advindo de uma arena social antagônica a si – uma vez que a posição corrente da extrema-direita é antifeminista, antigênero e transfóbica –, o que esse registro faz é angariar para si níveis de legitimidade e autoridade conferidos às pautas feministas, trans e travestis no debate público. (SILVA, 2022, p. 149)

Outros posts envolvendo a pauta de gênero também circularam na bolha digital bolsonarista e é importante identificarmos e sinalizarmos como os sentidos de gênero e sexualidade são convocados de diversas formas e através de diversos signos linguísticos para construir a comunicabilidade bolsonarista pandêmica negacionista. A maioria desses exemplos utilizam o mecanismo da enxertia que, como já foi mencionado, é quando um discurso de vale de outro discurso pertencente a uma esfera ideologicamente contrária com a finalidade de sugar-lhe a legitimidade social, histórica e política (Gal, 2019-2020).

Modelo textual cartografado 25 – Print de postagem em rede social



No exemplo em questão vemos o discurso do movimento feminista da liberdade de corpos sendo entextualizado nessa postagem e ao usar a expressão “lacrosfera”, que remete a esfera da lacração, já demonstra explicitamente o esvaziamento e o descrédito com a pauta de gênero e liberdade corporal, mesmo usando uma das frases clássicas do movimento feminista “meu corpo, minhas regras”, ao lado da hashtag #EuNaoVouTomarVacina, deixando em evidência e corroborando com a filiação ao discurso negacionista.

Ao lado dessa postagem, há outras que seguem a mesma lógica de raciocínio, o mesmo enquadramento discursivo e a mesma metapragmática negacionista que aponta para um efeito linguístico de paralelismo criado entre a desinformação pandêmica e sua comunicabilidade negacionista e antivacina com feminismos radicais trans-excludentes, anti-feministas e/ou antigênero, os quais prejudicam toda uma luta histórica por direitos humanos.



O post acima é construído a partir de repertórios feministas sobre autonomia corporal e violência sexual, o qual compara a penetração da vacina no corpo, a qual representa vida, saúde, cura e estratégia de imunização coletiva, com a penetração sexual forçada por um estupro, a qual só representa violência, traumas físicos e psicológicos e mortes físicas e psicológicas. E é nesse imbróglgio que as vacinas são nomeadas de “vassassinãs” nesse outro modelo textual.



Esses enquadramentos interpretativos nos mostram o quanto a pandemia, seus elementos e estratégias sanitárias foram construindo um encaminhamento discursivo ligado a uma polarização própria do populismo digital bolsonarista, do negacionismo pandêmico que se alastrou no mundo inteiro, e no Brasil não foi diferente, além de visões de mundo conservadoras representadas nesses discursos circulados, conferindo a estes sujeitos poder para significar a pandemia, a máscara, a vacina, dentre outros elementos, através da linguagem, por meio desses processos linguísticos, reconfigurando sociodiscursivamente esses objetos do mundo e inscrevendo nas textualidades perspectivas ideológicas de seus campos, indo para além da referência, da forma, e indexando e incorporando a partir do linguístico, as ideologias de cada campo social.

Como já mencionado, Cesarino (2020), ao falar do populismo digital bolsonarista, traz como uma de suas principais estratégias a deslegitimação de instâncias que tradicionalmente transmitem o conhecimento hegemônico e trazem verdades factuais sobre os acontecimentos históricos, sobre ciência, sobre educação. O bolsonarismo colocou em risco a vida de toda a população brasileira diante de uma pandemia histórica com milhares de mortos todos os dias, em virtude de legitimar uma ideologia na memória social brasileira sobre terraplanismo,

negacionismos de todos os tipos, inclusive os históricos e/ou científicos, além de servir interesses de grupos políticos liberais e a minoria empresarial brasileira.

Pragmática é indexicalidade, segundo Silverstein (1998). Portanto, dentro desses trajetos de uso, os signos são mobilizados nas práticas linguísticas e indexam e indiciam sentidos, ou seja, interpretam os signos atribuindo-lhes e apontando-lhes mais que avaliações e significações, apontando-lhes discursos, ideologias. Nesse ínterim, os contextos e os cotextos também serão projetados pelos signos e até mesmo criados por eles, tornando-se, assim, pistas de contexto, textos que se ressignificam para caber em outros textos e em outros contextos. “Na visão de Silverstein, os signos que funcionam metapragmaticamente "enquadram", "regimentam", "estipulam" os fenômenos indexicais ou pragmáticos.” (SILVA, 2014, p. 5)

Como bem desmistifica Daniel Silva (2014, p. 5) e nos traz para a reflexão a própria coerência textual, de Koch e Travaglia (1990), como um exemplo de metapragmática: o signo indexical projeta um contexto, enquanto que o signo metapragmático modela, regimenta e autoriza esse uso indexical. Ele afirma que

O modelo cognitivo de texto que os interlocutores constroem interacionalmente é uma representação do uso das unidades do texto e, portanto, uma metapragmática desse uso. Comenta Silverstein (1993, p. 36-37) que, numa interação discursiva, "sem uma função metapragmática simultaneamente em jogo com a função pragmática (ou funções) não há possibilidade alguma de haver coerência interacional." (SILVA, 2014, p. 5-6)

Ao observar os modelos textuais em análise neste estudo, identificamos nos seus usos projeções de unidades linguísticas que indiciam e ao mesmo tempo criam contextos, criam uma visão de mundo sobre a pandemia, levam uma boa parte da população a descreditar esse momento histórico-sanitário, a deslegitimar uma doença perigosa, a partir de modelagens e enquadramentos que interacionalmente unem língua e prática social, situam esses textos socialmente fazendo-os circular e agir politicamente e culturalmente no espaço e no tempo, no caso no acontecimento histórico da pandemia da covid-19.

Quando os agentes sociais descritos anteriormente recategorizam a máscara de proteção sanitária de “focinheira ideológica”, eles indexam um signo interpretante que nos conduz para algo aprisionador, um inimigo e não um aliado, traz à tona contextos negacionistas nos termos científicos e sanitários, além de fazer circular, através dos modelos textuais projetados, imaginários sociais, os quais não eram adequados ao momento de cautela sanitária, uma metapragmática pandêmica bolsonarista, repleta de linguagem de guerra, de conservadorismos e negacionismos.

Está em questão aqui, particularmente, como conceitualizar não-metaforicamente o relacionamento entre textualidade linguística (caracterizada acima como uma ordem formal apta a ser transcrita) e aquilo que é compreendido sob a rubrica da práxis sociocultural - o estabelecimento, a manutenção e a renovação (transformação) das relações sociais nas sociedades, de forma interacional, situada contextualmente. (Silverstein, 1993, p. 34-35)

Esses enunciados, para além de serem avaliativos, possuem função metapragmática na medida que direcionam a compreensão, e, ao recategorizarem a máscara, eles indexam elementos que nos transportam para outros contextos, como os termos combate e missão que nos transportam para um contexto de guerra. Configurando, assim, um duplo funcionamento de pressuposição e criação dos contextos presentes em todo uso pragmático de um signo. Citar, entextualizar, enquadrar, enfim, construir textos é um processo que acontece socialmente e dentro de regimes metapragmáticos específicos.

A comunicabilidade pandêmica bolsonarista não deixa de ser uma prática comunicativa com poder e capital simbólico, a qual utiliza a linguagem como mercado (BOURDIEU, 1998) ao entextualizar discursos, ao recategorizar referentes e indexicalizar discursos, ao translocar sentidos, ao negar a pandemia, ao enquadrar a máscara, a vacina e ao usar o poder e gestão política institucional para projetar, discursivamente e materialmente, essa comunicabilidade negacionista através dos seus agentes políticos e demais atores sociais envolvidos, afinal é através das recategorizações, indexicalizações e entextualizações nossas de cada dia que a realidade social é construída. Admitir esses processos de contextualização é admitir e poder explicar as transformações sociais, é dar atenção, de fato, às questões sociais dentro das construções textuais, do quanto o texto pode mobilizar e/ou moldar a vida humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, através do qual a reconstrução cartográfica e as análises propostas seguiram o objetivo geral de apresentar uma amostra discursiva pandêmica do funcionamento linguístico e político da comunicabilidade pandêmica brasileira, foi possível perceber, comparar e confirmar, durante a narração da história textual, os efeitos danosos dessa comunicação negacionista no paralelo entre o descaso através dos pronunciamentos e atitudes do governo federal e os dados catastróficos da crise sanitária. Observamos nos gestos interpretativos das análises que o descaso discursivo com a pandemia foi equivalente ao descaso material, sanitário, social e político da gestão federal.

Consideraremos, assim, que é através desse paralelo – entre a movimentação dos textos, dos signos linguísticos que foram construídos e transitaram nessa cartografia, dos episódios envolvendo diversos atores sociais e figuras públicas apoiadores do bolsonarismo, como também do descaso do governo federal com as medidas preventivas e com todas as políticas públicas e medidas que atenuassem a pandemia – que podemos concluir e considerar uma **desinformação politicamente engajada, textualmente cartografada e metapragmaticamente orientada**. Ou seja, uma comunicabilidade sanitária negacionista impulsionada pelas ações do governo e de demais figuras políticas e civis aliadas, uma infecção sanitária como também uma infecção textual discursiva a partir da circulação textual de textos negacionistas e elementos ideológicos e políticos indexicalizados nos elementos linguísticos e nos modelos textuais que circularam, mediados, assim, por apontamentos metapragmáticos que orientam os valores da base bolsonarista.

Diante dessas considerações finais, as nossas contribuições giram em torno dos estudos em circulação textual, dos estudos do texto no Brasil, os quais se propuseram, nesta pesquisa, a encarar o texto como processo, o texto em trajetória, o qual mobiliza tempo, espaço, ideologia, discursos, enfim, um universo de significações e subjetividades. A referência textual, aqui, caminha no sentido da instabilidade de categorias linguísticas e, além de referir-se à forma, também irá apontar para a ideologia e o poder, principalmente quando falarmos de discurso político, o qual conduz a vida humana todos os dias. E, assim, esta tese se destaca pela noção forte e atual da referência, em sintonia com a Linguística de Texto contemporânea, já debatida por Mondada e Dubois em 2003, além de uma noção forte de contexto (HANKS, 2008; GUMPERZ, 1982)

Além disso, incorpora-se uma crítica nesta tese sobre mobilidade textual, advinda da Antropologia Linguística, contribuindo para uma noção complexa e atualizada de texto, além de estar de acordo com o tratamento que o texto merece ter nas práticas digitais em ambientes mediados pelas tecnologias digitais. Configurando, assim, uma nova contribuição interdisciplinar latente da minha tese para a comunidade científica, diante da mobilização e articulação de várias áreas de estudo que esta pesquisa faz, tais como: Linguística Textual, Antropologia Linguística, Antropologia Digital e Ciência Política, por exigência das especificidades e complexidades digitais e políticas do corpus desse estudo, se destacando diante de estudos linguísticos e sobre o texto que ainda apresentam instrumentais teóricos obsoletos para as nuances atuais da linguagem em uso.

A relevância social da pesquisa vêm da importância em termos trabalhos a nível de doutorado na área de Linguística que se preocupem com fenômenos, momentos e questões sociais, históricas e políticas importantes e relevantes, como é o caso da desinformação como um fenômeno político, comunicacional e discursivo que colocou e coloca em risco todos os dias a democracia, a saúde, a educação, a política, a imprensa, enfim, diversos, para não dizer todos, setores da vida social humana.

E, por fim, e não menos importante, é viável destacar a importância desse estudo, dessa reconstrução cartográfica através dessa “história textual” narrada através dos episódios e textos pandêmicos, para a área da saúde, para mostrar o quanto a comunicação e a linguagem são decisivas para a condução de boas práticas e atitudes sanitárias, o quanto questões em saúde são alvos que se destacam na desinformação, e o quando investir em políticas em comunicação em saúde são de grande valia para momentos de crise.

Além dessas contribuições acima citadas, acredito que esta tese também contribui cientificamente com a linha de pesquisa a qual está inserida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS), “Linguagem, usos e tecnologias”, pelo fato de caminhar exatamente nesses três vieses, em envolver a linguagem em uso real nos espaços digitais.

Mais dois aspectos são importantes para mencionar nas considerações finais a fim de dar destaque e para reafirmar essas questões latentes ao longo do trabalho e do próprio ponto de vista que orienta. O primeiro é em relação a esta tese apresentar uma perspectiva pragmática e semiótica da desinformação que supera o binarismo verdade e mentira, e as técnicas de checagem dos fatos a que rotulam a desinformação, trazendo uma visão mais complexa do fenômeno e o colocando ao lado de problematizações epistemológicas, políticas, discursivas,

textuais. E o segundo aspecto é no que diz respeito aos temas sociais que o corpus de análise traz, apresentando em sua maioria, elementos de ordem interseccional, envolvendo classe, raça e gênero em seus modelos textuais circulantes. Esses textos trazem esses elementos sociais indexicalizados e transportados, retirados de outros contextos sob outras significações, assumindo novas formas e novas funções discursivas, neste caso, desinformar.

Modelo Textual Cartografado 28 – Fotografia profissional de Gabriela Biló



Fonte: Google pesquisa

Enfim, trago este último modelo textual cartografado para simbolizar a pandemia como um todo, para simbolizar esta tese propriamente dita desta pesquisa científica de doutorado: uma desinformação politicamente engajada, textualmente cartografada e metapragmaticamente orientada. Esta fotografia representa mais um episódio bolsonarista registrado pela fotógrafa Gabriela Biló a qual trata do então Presidente da República à época, Jair Messias Bolsonaro, tossindo e rompendo o isolamento social em 19 de abril de 2020, início e auge da pandemia, enquanto discursava para uma multidão de apoiadores em frente ao QG do Exército, em Brasília, no qual abrigava esses manifestantes que pediam intervenção militar, deslegitimavam a pandemia e a gravidade da doença sob apoio do seu líder.

Esta fotografia recebeu menção honrosa no Prêmio Vladimir Herzog e simboliza o descaso com toda a população brasileira do governo federal vigente em todos os seus 4 anos de mandato entre mortes pandêmicas, ataques a minorias sociais, discursos de ódio, corrupções, ataques a democracia e milícias de todos tipos, um dos períodos mais sombrios da história política brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BEGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. IN: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. (Eds.) Du syntagme nominal aux objetsde-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995

AVRITZER, Leonardo. Política e antipolítica. São Paulo: Todavia, 2020.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, p. 261- 306, 2003 [1953].

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social\*. Trad. Vânia Z. Cardoso. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 185–229, 2006 (1990).

BLOMMAERT, J. The sociolinguistics of globalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan. (2019). Political discourse in post-digital societies. Em aberto. Tilburg, p. 1-10. Disponível em: <<https://www.tilburguniversity.edu/research/institutes-andresearch-groups/babylon/tpcs>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

BLOMMAERT, J. Discourse: key topics in sociolinguistics. Cambridge University Press, New York, 2005.

BLOMMAERT, J. Language ideology. In: BROWN, K. (Org.) Encyclopaedia of Language and Linguistics. 2.ed., v.6. Oxford: Elsevier , 2006, p. 510-522.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.) Situar a lingua(gem). São Paulo: Parábola, 2008, p. 91-115.

BOAVENTURA, J. C. S. Suburbanos e farofeiros em trânsito: entre a fricção e a (re) construção textual de subjetividades fora do lugar. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, 1998.

BRIGGS, C. Communicability, racial discourse, and disease. Annual Review of Anthropology. Vol. 34:269-291, 21 October, 2005.

BRIGGS, C. Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. Current Anthropology. Volume 48, Number 4, August, 2007.

BRIGGS e SILVA. Language and the communicability of received wisdoms linguagem e a comunicabilidade das lições recebidas. Charles Briggs interviewed by Daniel do Nascimento e Silva. Revista da Anpoll n° 40, p. 192-203, Florianópolis, 2016.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar . Revisitando o estatuto do texto. Revista do GELNE, v. 12, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, M. M. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

CESARINO, Letícia. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, n. 1, v. 1, fev., p. 91-120.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. Tradução: Gilson Cesar de Souza. – 27º ed. rev. e atual. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

EMPOLI, Giuliano da. Os engenheiros do caos. Tradução: Arnaldo Bloch. – 1ª ed. – São Paulo: Vestígio, 2020.

FABRÍCIO, B. F. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, D. et al (orgs.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez Editora, 2014b, pp. 145 – 189.

FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). *Sociolinguística Interacional: Perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. – 1ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

GAL, S. Multiplicity and Contention among Language Ideologies: A Commentary. In: BRIGHT, W. (Org.) *Language Ideology: Practice and Theory*. New York: Oxford University Press, 1998.

GUMPERZ, J. J. (1982a) *Discourse Strategies*. Cambridge; Cambridge University Press.

HANKS, William F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdier e Bakhtin. Organização: Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco Antônio Rosa Machado; revisão técnica: Anna Christina Bentes, Maurizio Gnerre. – São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: BENTES, A, C.; KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 33-52.

LACLAU, Ernesto. *La raison populiste*. Paris: Seuil, 2008. [Edição original: *On populist reason*. Londres: Verso, 2005. Tradução brasileira: *A razão populista*, São Paulo: Três Estrelas, 2013.]

LIMA, G. O. S. O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre lampião. Campinas, 2007, 340f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística textual: o que é e como se faz*. Recife, UFPE. Séries DEBATES.V1, 1983.

MELLO, Patrícia Campos. A máquina de ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A.; (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NEMER, David. A radicalização invisível da direita brasileira no WhatsApp. 2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/whatsapp-bolsonaro\\_br\\_5d5b5487e4b0d1e11366e0a9](https://www.huffpostbrasil.com/entry/whatsapp-bolsonaro_br_5d5b5487e4b0d1e11366e0a9). Acesso em: 10 mar. 2020.

NOBRE, Marcos. Ponto-final. A guerra de Bolsonaro contra a democracia. Rio de Janeiro: Todavia, 2020.

NUNES, Rodrigo. Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição. – 1ª ed. – São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, Danielle Ferreira. É Golpe, sim! Com o supremo, com tudo. Uma análise da comunicabilidade do Jornal Nacional no processo de destituição de Dilma Rousseff em 2016. Dissertação de Mestrado. Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, UFRJ, 2019.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. A linguagem fascista. - 1ª ed. – São Paulo: hedra, 2020.

SANTAELLA, Lucia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? – (Coleção Interrogações) – Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SILVA, Daniel. “A Inocência dos Muçulmanos”, blasfêmia e liberdade de expressão: problemas de tradução intercultural. Sinais Sociais 21, janeiro – abril, 2013.

SILVA, Daniel. Pragmática da Violência: o Nordeste na mídia brasileira. Rio de Janeiro: 7letras: FAPERJ, 2014.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 59, n. 2, p. 1171-1195, 2020.

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 67-84, 2014.

SILVA, Daniel. The pragmatics of chaos: Parsing bolsonaro’s Undemocratic Language. Trabalhos em Linguística Aplicada, n. 59, v. 1, p. 507-533, jan./abr. 2020.

SILVERSTEIN, M. The Uses and Utility of Ideology: A Commentary. In: SCHIEFFELIN, B.; WOOLARD, K. A.; and. KROSKRITY, P. V. (Orgs). Language ideologies: practice and theory. New York, Oxford University Press, 1998.

SILVERSTEIN, M. Language structure and linguistic ideology. In CLYNE, P.; HANKS, W. & HOFBAUER, C. (Orgs.) *The elements: a parasection on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979, p.193–247.

TUFEKCI, Z. (2015). Algorithmic harms beyond Facebook and Google: Emergent challenges of computational agency. *Colo. Tech. LJ*, 13, 203.

## **ANEXOS**

# A máscara da sua escravidão: imagem, história e significado da Escrava Anastácia

Por **Roberto Strongman** - 06/11/2021

Tempo estimado de leitura: 19 minutos



A imagem da Escrava Anastácia tem feito várias aparições em vários protestos anti-lockdown recentes em todo o mundo. A forma como a semelhança desta escrava brasileira amordaçada tem sido usada para ilustrar as várias formas de restrições populacionais pandêmicas, particularmente o uso obrigatório de máscaras, tem sido criticada por vários meios de comunicação por sua percepção de apropriação cultural e irreverência para o sofrimento histórico dos negros.

Este artigo representa uma oportunidade de abordar essa alegação de cooptação e de explicar os méritos de associar as atuais limitações sanitárias a uma, de fato, forma de escravidão.



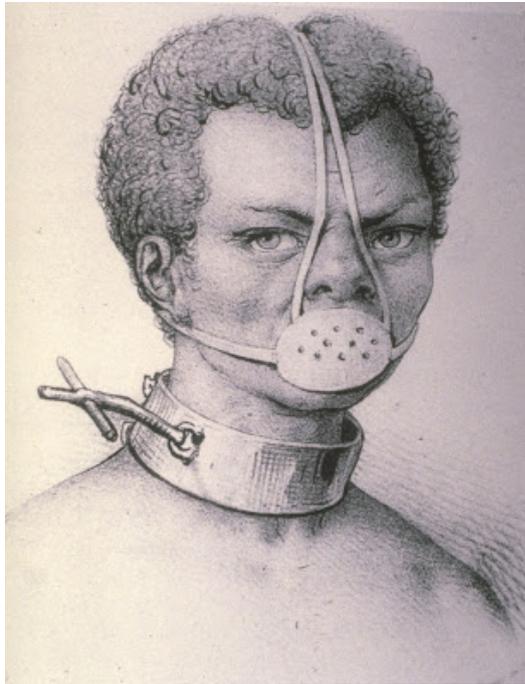
*O amordaçamento trans-histórico de dissidentes por regras tirânicas. Acima Anastácia no pelourinho da minissérie brasileira de 1990 intitulada "Escrava Anastácia" e, abaixo, manifestante anti-lockdown em Melbourne, Austrália em 2020.*



Anastácia fala em silêncio após as orações, como se telepaticamente. Acho que consigo decifrar pelo som de certas palavras... O silêncio da Anastácia diz: "Fala por mim!"

Escrava Anastácia é uma santa popular venerada no Brasil, com grande número de devotos entre os umbandistas. Ela também é venerada por muitos negros católicos brasileiros, tendo um

importante santuário na proeminente igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Negros em Salvador da Bahia, embora nunca tenha sido reconhecida ou canonizada pela Igreja Católica Romana.



*Escrava Anastácia: Referência da imagem, NW0191. Fonte: Jacques Arago, Souvenirs d'un aveugle. Voyage autour du monde par M.J. Arago. . . (Paris, 1839-40), vol. 1, voltado para a p. 119. Citação: Iron Mask and Collar for Punishing Slaves, Brazil, 1817-1818 ", Slavery Images: A Visual Record of the African Slave Trade and Slave Life in the Early African Diáspora.*

Uma oração popular para a santa popular diz o seguinte:

Anastácia, tu que sofrestes a maldade dos senhores de Engenho e foste uma das Mártires do Cativo; Sede-nos benfeitora nos momentos de Aflição e de Angústia.

Em Que nossos Corações sofrem as Amarguras da Má Sorte e dos rudes golpes do nosso destino.

Tu que és venerada por uma legião de devotos pelos milagres que realizastes, ajuda-me neste instante de desespero e de aflições de aperto, tirando-me desta situação desagradável por que passo.

Lembra-te da tua última existência terrena e saberás sentir e reconhecer minhas desventuras, Tu agora na aruanda Celeste, ainda estás muito próxima de nos e ante a tua condição de Anjo-Mártir tens mais Facilidade de prestar-me o socorro que tanto necessito e aliviar essa carga de sofrimento e apartar-me quais grilhões, Libertando-me a liberdade de pensar e de Agir para sair desta posição incomoda que me encontro.

Eia! Anjo-Mártir de Luz e Brilho, ajudai-me a afastar da mente e do coração as sombras da infelicidade que me abatem e me tiram as forças para reagir por meus próprios esforços a libertação do julgo severo das adversidades que oferece aqueles que nasceram desprovidos da sorte e da fortuna.

Sede nosso Anjo-Guia dando-nos esperança no futuro, lenindo nossas dores, solucionando os nossos problemas e aliviando-nos transe difíceis.

Acendendo esta Vela para ti símbolo da minha FÉ e da minha Confiança permita-me fazer um pedido; trata-se do seguinte:

[Expõem o problema, de saúde, financeiro, má situação; desajuste amoroso etc...]

Se me Atenderes, prometo lembrar de ti com todo o respeito, veneração e carinho.

Assim Espero.

Assim Seja.....

Nos colchetes anteriores, posso inserir o seguinte:

Bem-aventurada Anastácia, Como a liberdade de expressão e a liberdade acadêmica me protegem de retaliações institucionais em decorrência do questionamento dos decretos de máscara? Vós que prontamente socorrereis todos os que falam com coragem face à censura e ao silenciamento, cuida-me!





Sua hagiografia inclui múltiplas histórias que enfatizam a nobreza de sua personagem apesar de seu amordaçamento discursivo e físico pelo poder opressor do sistema de escravidão. Em algumas histórias, ela é a filha mestiça de uma princesa africana e de um traficante de escravos equipado com um focinho de metal para evitar que revele a infidelidade do comerciante e o estupro de sua mãe (Burdick, 1998).

Em outras histórias, Anastácia é ela mesma vítima de estupro, ou pelo menos tentativa de estupro, por um fazendeiro de escravos que também a pune e silencia com a engenhoca de metal. Em algumas versões da história, a dona da fazenda amordaça Anastácia para se salvar de qualquer vergonha pública que pudesse advir da divulgação da infidelidade do marido. Em outras variações dessa história, os motivos de seu amordaçamento envolvem a ajuda que ela forneceu a um escravo fugitivo e sua liderança na organização de uma revolta de escravos.

Em todas essas narrativas, o amordaçar busca silenciar seus gritos contra a injustiça e uma voz que leva à libertação. Como forma de vergonha pública, serve de dissuasão para aqueles

escravos de engenho que pudessem se inspirar em Anastácia. Seu martírio acontece por causa da fome ou do tétano produzido pelo metal que enferruja em sua boca. Sua habilidade de fazer milagres, mesmo quando amordaçada, incluía curar seus opressores.

Isso representa um martírio idealizado, uma resistência admirável, bem como uma impermeabilidade moral e uma vitória final sobre a *pressão negativa* da escravidão. Sua compaixão por seus perseguidores, bem como seu suposto passado mestiço, são vistos por muitos devotos como um sinal de esperança de reconciliação racial no Brasil e em todas as terras afetadas pelo tráfico de escravos.



*A comparação entre a colocação coerciva de máscara covid nos manifestantes anti-lockdown e o amordaçar dos escravos insurretos é impossível de se fazer? A comparação entre esses dois rebeldes amordaçados é um anacronismo irredimível?*

Abençoada Anastácia, meus colegas de trabalho, professores e funcionários denunciaram-me ao diretor por me verem nas áreas comuns do edifício sem usar máscara! Sim, sendo bom Pavlik Molozovs (Catriona 2005)! Eu não vivenciei essa cultura delatora desde a Cuba comunista! A preocupação deles com “a vida dos outros” (Henckel 2006) lembra demais as técnicas do Bloco Oriental de controle social para que eu continue a interagir com eles. Você que foi denunciada por um informante no engenho, tenha misericórdia de nós!

A aparição de Anastácia em protestos anti-lockdown representa uma oportunidade de entender a atual tirania médica como uma forma de escravidão e de forjar laços de solidariedade entre comunidades cuja liberdade está ameaçada em todos os grupos raciais. A reivindicação de cooptação merece ser descompactada, pois uma reivindicação válida de usurpação cultural poderia facilmente funcionar no sentido de romper alianças importantes em um modelo de dividir para conquistar.

Embora existam especificidades claras entre o sofrimento dos africanos sob o sistema de escravidão e a privação das liberdades civis sofrida pela maioria dos cidadãos ao redor do mundo durante a atual pandemia de pânico, Anastácia nos lembra de certas constantes trans-históricas no processo de desumanização e subjugação de populações através do amordaçar e silenciar de seus corpos para reprimir seus protestos.

Que Anastácia fale pela liberdade hoje!



Bendita Anastácia, Sempre que falo da irracionalidade das máscaras poderem filtrar vírus, sou rapidamente calado por pessoas que me dizem que não sou médica e, portanto, não

tenho o direito de falar sobre o assunto! Você, que entendeu como o poder despótico e coercitivo atua para silenciar os dissidentes, fortaleça nossa decisão de falar a verdade com ousadia em meio às mentiras.

Embora esteja fora do escopo deste artigo discutir em detalhes a eficácia das máscaras para prevenir a infecção por patógenos aerotransportados, quero enfatizar que os dados sugerem que seu uso para esse propósito é questionável. Gostaria de direcionar aqueles com grande interesse em “seguir a ciência” sobre máscaras para o estudo mais recente financiado pela OMS, publicado em uma revista médica revisada por pares, disponível no site do CDC, provando que “as máscaras não demonstraram proteção contra influenza confirmada em laboratórios” (Xiao et al. 2020).

A ineficácia das máscaras para conter infecções respiratórias superiores era a política oficial da OMS e do CDC antes do atual pânico na saúde (Molteni e Rogers 2020) e continua a ser confirmada por pesquisas em andamento (Guerra e Guerra 2021).



*Prisioneiros de Guantánamo. Cidadãos não americanos detidos em instalações de detenção extraterritoriais com o objetivo de contornar estrategicamente as garantias constitucionais, liberdades civis e direitos humanos dos EUA. Observe como o amordaçamento constitui um elemento trans-histórico na desumanização das populações cativas.*



Bem-aventurada Anastácia, vejo-me impossibilitado de entrar no supermercado por me recusar a usar máscara. Você, cuja máscara a impedia de comer e acabou morrendo de fome, tenha misericórdia de nós!

Embora a eficácia médica do uso de máscara no atual clima cultural pandêmico seja duvidosa, os elementos sociais e psicológicos de controle exercidos pelo uso obrigatório de máscara são muito mais claros. Quais são os efeitos das máscaras na psique daqueles que são forçados a viver sob a atual tirania médica? O fato de os ditames sobre as máscaras não virem em grande parte dos imunologistas, mas do que parecem ser psicólogos comportamentais comprometidos, como Susan Michie, que prediz que usaremos máscaras para sempre (Stone 2021), nos obriga a considerar que as máscaras são menos impulsionadas por razões de saúde e mais pelo uso malévolo do conhecimento de Pavlovian e dos estudos de

conformidade para quebrar a psique, a dignidade e a integridade dos indivíduos e a coerência social das sociedades, tornando-os mais suscetíveis à manipulação e reconfiguração de acordo com normas conducentes à sua própria subjugação.

O uso obrigatório de máscaras durante o atual pânico da saúde transforma os cidadãos em escravos. Como símbolos de escravidão,

- As máscaras nos privam de oxigênio. Produzem hipóxia, levando-nos a um estado de fraqueza física e mental em que a população está mais sujeita a lavagens cerebrais ideológicas e menos capaz de verificar o grau de opressão.
- As máscaras são símbolos de submissão. Sua praticidade médica é muito questionável, mas as pessoas são forçadas a usá-las. O despotismo é estabelecido no cumprimento forçado de regras arbitrárias. Calígula planejou tornar seu cavalo um cônsul só porque ele podia.
- As máscaras são o fetiche sinistro do poder. Dado que as máscaras apresentam um papel proeminente na escravidão e no sadomasoquismo (BDSM), que investem na dinâmica mestre-escravo, não podemos ver o poderoso elemento psicológico de subjugação que representam para aqueles que são forçados a usá-las? Podemos considerar o prazer perverso que a visão desses usuários de máscaras traz para os planejadores dessas políticas?

- Junto com o lockdown, as máscaras reforçam a criação de uma cultura carcerária. A terminologia e a estética são emprestadas das prisões, especialmente aquelas em que a tortura tem lugar de destaque. Lembre-se do encapuzamento das vítimas de tortura na prisão de Abu Ghraib e das tampas de boca daqueles em Guantánamo. Se pudermos considerar a transmutação histórica dos escravos de engenho para a prisão, podemos perceber a desumanização persistente e insidiosa das populações cativas e escravizadas por meio do mascaramento – uma técnica de dominação adequadamente articulada no título e no texto de *Black Skin, White Masks* de Frantz Fanon.
- O uso obrigatório de máscara leva ao apagamento da personalidade e à homogeneização das massas. O uso coletivizado de máscaras resulta em uma uniformidade forçada na qual o indivíduo cede lugar à coletividade sem nome como o neo-meta-cidadão.
- As máscaras são teatrais. Elas têm sido usadas há milênios para a investigação e reformulação da personalidade. A própria palavra “pessoa” tem uma fonte etimológica no nome das máscaras usadas por atores em produções teatrais gregas antigas. Como adereços teatrais, as máscaras ocultam e ofuscam nossas identidades, tornando-nos estranhos aos outros e a nós mesmos.

- Antropologicamente, as máscaras desempenham um papel na elaboração de identidades liminares. Como tal, elas não são por si mesmas, mas preparam o indivíduo para seus novos papéis na sociedade. As máscaras moldam as subjetividades dos indivíduos. Elas podem ser removidas quando seu programa for assimilado pelos indivíduos recém-reformulados. Por mais transitório que seja o atual regime de mascaramento facial, a população deve enfrentar que estamos sendo obrigados a passar por um rito de passagem, um processo de ressocialização para o novo normal. Quanto mais aceitamos que estamos participando da ritualização de nossa expropriação e escravidão usando a máscara, menos seremos capazes de colocá-la.
- As máscaras são insígnias do estado. Elas são uma demonstração visível de fidelidade ao sistema de controle tecnocrático medicalizante. Assim como o lenço vermelho de pescoço do pioneiro movimento jovem comunista professou publicamente lealdade a um único partido e ao líder supremo, a máscara é o símbolo da adesão política ao novo normal, confirmando a conformidade com o “pensamento correto”, à la Mao Zedung.
- A supressão da expressão facial inibe a comunicação não verbal necessária à organização social que pode levar à revolução. As máscaras procuram desativar nosso potencial revolucionário.
- Silenciamento verbal: as máscaras reduzem a produção verbal geral. Junto com a imposição do distanciamento (anti) social, seu uso fomenta o isolamento do indivíduo e a atomização (Arendt 1951) da sociedade em rebeldes ineficazes, incapazes de se consolidar em unidades coerentes sob um discurso ou bandeira comum.

- As associações que simbolicamente e funcionalmente mascaram com focinheiras falam da desumanização e da domesticação da população sob essas diretrizes.
- Assim como as máscaras funcionam como artefatos liminares em ritos de passagem e como parte do treinamento dos animais, essas máscaras covid são arautos de novas invasões à nossa integridade. Usar as máscaras está a apenas uma etapa anterior a receber as injeções e, em seguida, aceitar os passaportes de vacina e os links neurais implantáveis até que a pessoa original seja enterrada por um ciborgue. As máscaras funcionam como um teste de conformidade empírico para a aceitabilidade projetada de futuras tecnologias corporais de controle. Onde você vai traçar a linha?
- As máscaras promovem uma cultura de medo. Cada máscara é um outdoor anunciando um estado de emergência, colocando os indivíduos em um constante modo de lutar ou correr do sistema nervoso simpático, o que reduz seu campo de possibilidade de se concentrar na suposta ameaça de infecção sempre presente. Enquanto isso, o sistema oligárquico de dominação corrói nossas liberdades civis em todo o mundo. As máscaras fazem parte da política de subjugação por meio do alarmismo.
- As máscaras são dissuasores da solidariedade. Elas promovem a percepção constante de seu vizinho como um vetor patogênico sem nome em vez de seu aliado. As máscaras dividem e conquistam.

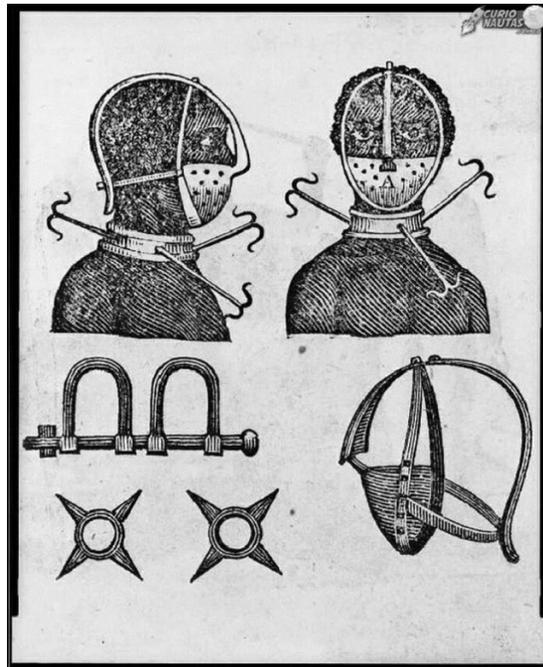
O silêncio de Anastácia diz: “Ocupe!” O que isso significa, eu pergunto. “Ocupe o espaço que foi atribuído a você.” Isso significa usar minha posição atual no meio acadêmico como uma plataforma a partir da qual desafiar os delírios histéricos coletivos desse pânico político na saúde? Anastácia re-afirma enigmáticamente, mas com firmeza: “Apenas ocupe...”

A representation of a slave at work cruelly accoutred, with a Head-frame and Mouth-piece to prevent his eating—with Boots and Spurs round his legs, and half a hundred weight chained to his body to prevent his absconding.



As principais reportagens da mídia criticaram a utilização da efígie de Anastácia em protestos contra lockdown, categorizando-a como uma instância de apropriação cultural (Vil lareal 2020, Da Costa 2020). Não é permitido fazer uso da imagem da escravidão para descrever as medidas de lockdown sem ser tachado de racista, especialmente se forem brancos (Chesler 2021).

Será que o poder castiga aqueles que perguntam se nossas atuais privações de liberdade são semelhantes à escravidão porque há alguma verdade na pergunta?



Esse argumento de apropriação cultural apresenta Anastácia como tendo sido sequestrada e descontextualizada por elementos sociais dominantes que não têm interesse em sua política de libertação racial. Essas reportagens se concentram na branquitude dos manifestantes segurando a imagem da escrava negra como evidência de algo incongruente que fala de cooptação e roubo.

No entanto, nenhuma dessas reportagens se preocupa em elaborar a hagiografia de Anastácia em qualquer profundidade significativa ou em desempacotar as camadas simbólicas que sua obra de vida incorpora. Para artigos que afirmam se preocupar profundamente com os abusos de vidas afro-diaspóricas, essas omissões são nada menos que problemáticas. Em vez de usar essas instâncias para sondar o curioso aparecimento de imagens do catolicismo popular brasileiro no mundo industrializado e para indagar sobre as várias formas que a escravidão pode assumir, os autores apresentam os manifestantes de maneira essencialista como racistas, a fim de evitar fazer as correspondências óbvias entre as punições de escravidão e as sanções de lockdown.

Aqueles que veem a analogia como hiperbólica não deveriam, no mínimo, admitir que as estratégias de silenciamento nesses dois sistemas de opressão não são estranhamente semelhantes? A fim de contornar a inconveniente apresentação da tirania médica atual como uma revisitação de sistemas de controle que antes eram geralmente condenados e evitar o reflexo nada lisonjeiro de nós mesmos como escravos sob esse novo sistema, os artigos recorrem a uma curiosa estratégia retórica: eles usam um ataque *ad hominem* que desacredita a fonte do argumento ao focar na etnia do manifestante, ao mesmo tempo que nunca confronta o cerne do argumento apresentado.

O fato de o ataque ter levado a um pedido de desculpas da manifestante californiana me faz traçar uma conexão ainda mais poderosa entre Anastácia e ela como mulheres subjugadas, apesar de suas origens racialmente diferentes. Além de calar as pessoas, o mascaramento tem o efeito de induzir e representar uma identidade de vergonha e punição por uma transgressão social, exibindo visivelmente a consequência de uma sentença de culpa como um impedimento para outros que ousem protestar contra seu silenciamento. A pressão experimentada pela manifestante para se desculpar é análoga ao decreto de usar a máscara covid e a focinheira de escravo. Todos têm o propósito de silenciar a dissidência. A retratação da denúncia é prova do crime.



*Peça de museu: Iron Mask da coleção de Michael & Ruby Doub.*

Anastácia diz: “Leve-me com você!” “Onde,” eu pergunto? “Para o protesto em Trafalgar Square? Você quer marchar pela Oxford Street com os manifestantes no sábado?” “No seu coração”, ela diz. “Em seu coração...”

Na verdade, existe um “Culto Covidiano” (Hopkins 2020). Gostaria de complementar a conversa instanciada por sua frase provocativa, questionando a suposta negatividade associada a esse tipo de religiosidade. No estudo da religião, os “cultos” foram eufemisticamente rebatizados de “novas religiões” para serem mais relativistas e menos julgadores, curvando-se talvez às exigências do politicamente correto.



*Imagem H: Efégie de Anastácia em seu altar não oficial fora da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Negros em Salvador, Bahia, Brasil.*

Independentemente do termo que escolhemos usar, o papel do ritual, do dogma e das inquisições e pelourinhos daqueles que, questionando ortodoxias covid, cometem o pecado de blasfêmia, todos exibem um impulso que é concomitante com os aspectos mais brutais das religiões através dos séculos. No entanto, percebendo o poder do discurso religioso, poderíamos aproveitá-lo para fins produtivos? Poderíamos usar nosso julgamento para nos tornarmos mais cientes de nossos próprios usos e habilidades para implantar a iconografia religiosa em direção ao ideal de liberdade?

O culto a Anastácia pode superar o Culto Covidiano? Ao fazer essas perguntas provocativas, não pretendo que recriemos literalmente o movimento pela liberdade como uma nova religião; em vez disso, exorto-nos a perceber o tremendo poder que a performance, o ritual e o espetáculo neo-religiosos possuem, a forma de espada de dois gumes, nossas próprias implantações incipientes de tais iconografias e sinalizam para nosso uso pleno da linguagem do espírito, cujo sinônimo também é liberdade. E para aqueles de nós dentro do

movimento de liberdade com alguma forma de prática espiritual, especialmente aqueles com formação cristã, o retrato biográfico e visual da não canônica Anastácia pode ajudar a ilustrar o que muitos de nós sentimos: que há um elemento metafísico em tudo isso, dizer o contrário é estar “negando o demoníaco” (Curtin 2021), pois parece que “não lutamos contra carne e sangue, mas contra principados, contra potestades, contra os príncipes das trevas deste mundo, contra a maldade espiritual nos lugares altos” (Efésios 6:12).

Anastácia diz que quando eles te calam, o poder flui por suas mãos. O poder não está nas palavras; está na ação-inação. O que ela quer dizer com trabalhar com as mãos sem trabalhar? A verdade não pode ser impedida. Vai polir a rocha. Ela abrirá um grande desfiladeiro. Vai fluir. Quando silenciado, estenda suas mãos ...

Detratores dessa equivalência que estou fazendo entre os mecanismos da escravidão e as restrições covid às liberdades civis apontarão para as especificidades de cada sistema de dominação e se apoiarão na inexatidão inerente às analogias para argumentar.

Antecipando tais argumentos, enfatizarei que a escravidão assume muitas formas diferentes em diferentes contextos espaciais e temporais. Se na era pré-industrial as algemas, bolas e correntes eram de ferro, numa era tecnológica marcada pela transmissão invisível de dados pelo espaço, os mecanismos de escravidão tornam-se mais evanescentes, finos como fios, diáfanos como tecidos.

Por mais leves que as máscaras cirúrgicas possam ser, seu peso na psique iluminada pode ser sentido tão pesado quanto o dispositivo da escrava Anastácia. O pano pode ser tão corrosivo quanto o ferro enferrujado na pele do desperto, cuja consciência está ciente de sua intenção de reprimir e censurar. Certamente, a escravidão sofrida pelos afrodescendentes no início do período

moderno não é exatamente o mesmo que o controle sobre os corpos das pessoas que a nova normalidade busca impor. Mas se deixamos de ver as continuidades e nos recusamos a ver além dos sintomas e da superfície, negamos a nós mesmos a capacidade de perceber as transmutações e adaptações que a escravidão adquire em cada época.

Aqueles que se recusam a ver os decretos atuais das máscaras como uma tecnologia de escravidão são enganados pela camuflagem. A natureza semelhante a do camaleão da escravidão é um de seus truques de sobrevivência duradouros. Tão variadas são as formas de escravidão que seu principal teórico se esforça para fornecer uma definição prática dela. Para Orlando Patterson, em seu *Slavery as Social Death*, o que torna a escravidão singular é o conceito de "morte social" em que ao escravo é negada a conexão com um lugar de origem e com as gerações ascendentes e descendentes.

O escravo negro no início da América Moderna é um fracionário, quase/não/ sub-humano, sem cidadania ou família. Parece-me evidente que as limitações das interações vocais e visuais das máscaras tornam os sujeitos socialmente mortos análogos. O apagamento de metade de nossos rostos produz uma fracionamento de nossas subjetividades. É uma tentativa contra o nosso senso de personalidade e o de nossos vizinhos, que cada vez mais devemos considerar como ameaças potenciais à nossa saúde.

A imposição desse mascaramento sobre a população resulta em uma população uniformizada e homogeneizada, na qual as coletividades não são mais visualmente e legalmente uma coleção de indivíduos – pois o que mais são os indivíduos, senão eus que promulgaram escolhas? – mas, em vez disso, massas indistintas, amordaçadas e multidões complacentes. Os amordaçados são escravos porque perderam parte de sua

personalidade. É comum entre esses escravos recusar-se a ver suas máscaras como reduções de sua individualidade ou como algo semelhante à escravidão. É constrangedor ver a si mesmo quando você perdeu sua face. É preferível a escuridão da cabeça de avestruz assustado dentro do buraco. Não há ninguém mais cego do que aqueles que não querem ver.

A maioria das pessoas que viveu durante o período da Idade Moderna em ambos os lados do Atlântico racionalizou a escravidão como condição natural. O mais lamentável é que essa ideologia foi instilada entre os escravos, levando muitas pessoas de ascendência africana a aceitar sua escravidão nas plantações e engenhos do Novo Mundo. É por isso que não me surpreende ver como a maioria das pessoas ao redor do mundo parece alheia à sua subjugação durante o atual regime de dominação.

Shakespeare nos fornece uma dramatização de como essa lavagem cerebral ocorre. Em *The Tempest* (1611), Caliban é escravizado por Próspero por meio de seus encantamentos. Próspero usa amuletos mágicos para confundir e convencer Caliban de que sua posição legítima é a de um escravo. Quando Caliban exige uma explicação racional para sua escravidão, a culpa de Próspero leva Caliban a acreditar que ele tentou estuprar Miranda, a filha de Próspero.

Um elemento semelhante dos usos discursivos do mau olhado escravizador pode ser estudado no "*Discurso do senhor e do escravo*" de Hegel (1807) em que miticamente, o escravo é constituído como tal à medida que perde a batalha com o pretense mestre. Como o mestre poupa a vida do escravo no duelo, ele convence o escravo de que sua vida não é mais sua, que ele morreu para si mesmo e deve viver apenas para o mestre. O papel que a culpa desempenha na supressão do anseio inato por liberdade é ecoado nas inúmeras maneiras em

que o atual regime medicalizado de poder faz lavagem cerebral nas massas para que aceitem seus confinamentos e sequestros sem fim.

Quantas vezes já ouvimos os novos normais condenar os excessos das aglomerações ilegais e os chamados eventos de super-propagação como a razão para as limitações de nossas liberdades civis? Sob essa retórica, a população merece lockdowns. Eles causaram isso a si mesmos por terem sucumbido à tentação de entrar em contato com os perigos patológicos inerentes à natureza e seus semelhantes, seduzidos pelo clima ensolarado a se aglomerarem em praias e parques supostamente infestados de patógenos.

O Caliban de Shakespeare e o escravo de Hegel são manipulados por meio do remorso por suas supostas inadequações morais (tentativa de estupro, fraqueza pugilística) para acreditar que são responsáveis por seu atual rebaixamento de status e, portanto, devem nobremente suportar as limitações que causaram a si mesmos. A delatora e traidora da Anastácia foi uma dessas escravas que, tendo internalizado a ideologia da escravidão, sinalizou sua virtude e fidelidade ao sistema ao denunciá-la por ter ajudado um fugitivo. Se por meio dessa analogia, os novos normais funcionam como escravos de lavagem cerebral, então aqueles de nós no movimento da liberdade podem encontrar inspiração na figura de Anastácia que apontou para o caminho da liberdade, e a identificação final na figura do escravo fugitivo *quilombola*.

A internalização da culpa por seu próprio sofrimento é o elemento constitutivo mais importante da cegueira que impede muitos de nossos contemporâneos de compreender o cerceamento de nossas liberdades constitucionais como uma forma de escravidão. A capacidade de desconstruir e rejeitar essa falsa atribuição de culpa é o fundamento de nossa

liberdade. Nossas liberdades de expressão, reunião e religião não nos são concedidas: são inalienáveis. A transcendência dessa culpa cega, infundada e debilitante está no cerne do despertar das massas atualmente adormecidas. O reconhecimento do atual medo sanitário como uma ilusão provocada pelos truques baratos de Próspero, a irracionalidade do conceito de confinamento derivado da prisão e o mascaramento psicossocio-somático que tenta silenciar aqueles que profetizam contra a tirania médica e todas as tiranias é o espírito de Anastácia hoje, vivo entre nós.

Parece apropriado que a língua espanhola usasse a mesma palavra para se referir a um escravo recém-chegado como a uma focinheira. A palavra "*bozal*" designa tanto um escravo recém-desembarcado, aquele que nasceu na África, em oposição a palavra "*crioulos*" usada para se referir a escravos nascidos nas colônias do Novo Mundo. O fato de essa mesma palavra ser usada para se referir a um certo tipo de escravo e a focinheira usada por animais domésticos como cachorros reflete o uso histórico desses dispositivos nesses escravos que tiveram um gostinho de liberdade, aqueles que tinham memórias de liberdade em uma terra ancestral.

Esses escravos *bozales* eram os mais propensos a liderar rebeliões, como ilustram os mitos que cercam Anastácia. Para falantes de uma língua na qual a palavra para um tipo de escravo também indexa uma cobertura de boca, essa polissemia implica que, em algum nível subconsciente, há uma compreensão de que a máscara decretada politicamente é um símbolo de sua escravidão. O riso deles quando confrontados com essa coincidência linguística implora para ser interpretado como uma evacuação de uma ansiedade psicológica e de um reconhecimento incômodo. Independentemente das línguas que possamos falar, muitos de nós sabemos e suspeitamos que há algo performativo no uso da máscara, que estamos sendo

coagidos a participar de um *bal masqué* em que elementos constitutivos de nossa identidade estão sendo remodelados de maneiras que vão contra nossos melhores interesses.

Independentemente do idioma que você fale, a mensagem de Anastácia é inteligível para você como parte da resistência consciente.

Você se lembra de ter fugido para as colinas que sinalizei para você há alguns séculos, quando morávamos no Brasil, não lembra? Por minha iniciativa, estás a começar a recordar aquela bela e próspera colônia de fugitivos, que Palenque, nos frescos e férteis planaltos tropicais, ajudaste a estabelecer, da qual atacaste os povoados portugueses e por fim garantiste a liberdade de inúmeros dos nossos irmãos? Você lembra. No meu silêncio, lembre-se. Você é livre. Você é a liberdade!

## BIBLIOGRAFIA

Arendt, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*. New York: Schocken, 1951.

Burdick, John. *Blessed Anastácia: Women, Race, and Popular Christianity in Brazil*. Routledge, 1998.

Catriona, Kelly, Comrade Pavlik: *The Rise and Fall of a Soviet Boy Hero*, Granta Books, 2005.

Chesler, Josh. "Eric Clapton and Van Morrison's Anti-Lockdown Track Is Out Now." Spin. 12/18/2021.

Curtin, Edward. "Denying the Demonic." Off-Guardian. April 18, 2021.

Da Costa, Cassie. "White Anti-Quarantine Protesters Have Cruelly Co-opted an Enslaved Black Woman from the 18th Century". The Daily Beast. 5/22/20.

Frantz Fanon. *Peau Noire, Masques Blancs*. (Black Skin, White

Masks). France: Éditions du Seuil, 1952.

Guerra, Damian and Daniel J. Guerra. "Mask Mandate and use Efficacy in State-Level COVID-19 Containment." MedRxiv. 05/18/2021.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. *The phenomenology of spirit*. Cambridge Hegel Translations.

Translation of *Phänomenologie des Geistes* (1807) by Pinkard, Terry. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Henckel von Donnesmarck, Florian. *The Lives of Others / Das Leben der Anderen*. Bayerische Rundfunk, 2006. .

Hopkins.C.J. "O culto covidiano" Consent Factory. October 13, 2020.

Molteni, Megan and Adams Rogers. "How Masks went from Don't Wear to Must Have." Wired. 07/02/20.

Patterson, Orlando. *Slavery as Social Death*. Cambridge: Harvard UP, 1982.

Shakespeare, William. *The Tempest*. 1611.

Paul of Tarsus. "Epistle to the Ephesians." New Testament.

Stone, Josh. "Face masks should continue 'forever' to fight other diseases, says Sage scientist." The Independent. 06/11/2021.

Villareal, Daniel. "California Woman Apologizes for Holding Sign of Lockdown Protest

Comparing Wearing Masks to Slavery." Newsweek. 5/21/2020.

Xiao, J., Shiu, E., Gao, H., Wong, J. Y., Fong, M. W., Ryu,

S...Cowling, B. J. (2020). **Nonpharmaceutical Measures for Pandemic Influenza in Nonhealthcare Settings—Personal Protective and Environmental Measures**. *Emerging Infectious Diseases*, 26(5), 967-975.

*Artigo original [aqui](#)*

*Todos os nossos artigos sobre máscaras estão reunidos [aqui](#)*

---

---

### **Roberto Strongman**

é professor associado do Departamento de Estudos Negros da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Ele recebeu seu Ph.D. em Literatura pela University of California, San Diego em 2003. A abordagem interdisciplinar do Dr. Strongman abrange os campos da Religião, História e Sexualidade, a fim de promover sua principal área de pesquisa e ensino: Estudos Culturais Comparativos do Caribe.





Telefone  
(41) 98514-8333



CONTATO



## Cabresto ou Focinheira Ideológica

Minha gente maravilhosa, conheci mais um médico em nosso País, que tem caráter, e trabalha dentro da ética profissional, buscando de fato salvar vidas. Isso nos causa muito orgulho.

Trata-se de um mineiro, Doutor Sérgio Marcussi, que é, médico, nutrólogo, ginecologista e dermatologista; porém, não satisfeito com o saber, buscou também outras áreas e formou-se em direito, sendo portanto, advogado. Uma pessoa que detenha esse cabedal, não poderia deixar de ser também, professor, além de autor, e ele buscou lançar livros sobre medicina estética, e outras especialidades...

Gostei muito de conhecê-lo e percebi o quanto nosso País é rico, pois temos pessoas fantásticas em nosso meio, além é claro, de inúmeros capachos, como ficou comprovado, especialmente, agora nessa grande "FRAUDEMIA".

Bem, esse médico, por seu extremo bom senso, nos mostra que sim, o que aconteceu, não passa de uma tentativa de dominação e que por esse motivo, devemos nos rebelar, e a começar, pela intransigência, quanto à aceitação do uso do que eles chamam máscaras, mas que nós sabemos, que não passam de "FOCINHEIRAS".

Por conta dessa cruzada, o Doutor Marcussi, tem sido alvo de uma guerra.

Os delinquentes, que operam no flanco inimigo, e que esperam manter a tão sonhada dominação, ao verem que Marcussi, pode ser um inimigo muito poderoso, resolveram abrir fogo contra ele.

E foi assim, que notei que ele já perdeu seu twitter, e parece-me que também teve problemas com seu facebook.

Sinceramente não acredito que parem por aí não, por esse motivo, resolvi, também unir-me a esse trabalho, que para mim, já não é novidade, posto que, graças a Deus, tenho sabido do que isso tudo representa, desde que tudo começou; quem tiver alguma dúvida que veja minhas postagens pelo twitter, facebook, youtube, instagram, etc... E notem, que também, tenho sido perseguido de forma insana.

Já fui inclusive ameaçado por um farmacêutico de uma rede grande de farmácias, que saiu atrás de mim, com uma barra de ferro.

Além disso, é claro, não sou bem visto, entre os politiqueiros de plantão, porque denuncio de fato, e não estou muito preocupado com o que podem me fazer, uma vez, que sei, quão grande é essa luta.

Também fiz, logo no mês de junho de 2020 um crachá e na qualidade de presidente do CONIPSI – Conselho Internacional de Psicanálise, também me utilizei de um crachá semelhante, apesar da limitação, uma vez que não sou médico para assinar algo com a relevância da assinatura do doutor Marcussi.

Porém, entendo, assim como o doutor Marcussi que isso representa sim um “CABRESTO”, e como diz o ilustre deputado Daniel Silveira, que esse adereço, não passa de uma: “focinheira ideológica” e que, especialmente, por esses motivos, “tem que ser combatida”.

(ap. Ely Silmar Vidal – Teólogo: COJAE 0001-12-PF-BR; Psicanalista: CONIPSI CIP: 0001-12-PF-BR; Jornalista: DRT-0009597/PR e presidente do CIEP – Clube de Imprensa Estado do Paraná)

Contato:

[\(41\) 98514-8333](tel:(41)98514-8333) (OI)

[\(41\) 99109-8374](tel:(41)99109-8374) (Vivo)

[\(41\) 99821-2381](tel:(41)99821-2381) (WhatsApp)

Mensagem 30102020 – Cabresto ou Focinheira Ideológica – (imagens da internet)

Aproveito para deixar claro que os trabalhos que tenho desenvolvido, são de pura e simplesmente divulgação do que acho interessante para conhecimento geral, e não busco ganho algum com isto, senão o de transmitir conhecimento.

Que o Espírito Santo do Senhor nos oriente a todos para que possamos iluminar um pouquinho mais o caminho de nossos irmãos, por isso contamos contigo.

Se esta mensagem te foi útil, e achas que poderá ser útil a mais alguém, ajude-nos: (ficaremos muito gratos que, ao replicar o e-mail, seja preservada a fonte)

leia este texto completo e outros em:

veja o vídeo neste link:

<https://open.lbry.com/@portaldaradio:d/Cabresto-ou-Focinheira-Ideológica:0>

<http://www.portaldaradio.com>

@elyvidal @radiocrista @pastorelyvidal @conipsip @CiepClube

#FalaPortaldaRadio #conipsi #cojae #dojae

Institucional

Associe-se

Associados

Ajude-nos

Anuncie

Parceiros

Fale Conosco



Projetado por **Elegant Themes** | Desenvolvido por **WordPress**

“É melhor você ser autista do que ser cachorro”

Então, eu não sei você, mas essa hora da manhã eu já fiz tanta coisa e já tô aqui de frente pro computador trabalhando, sabe? E, assim, eu não fui preconceituosa, é, porque a lei proíbe o uso desse tipo de EPI pra pessoas de espectro autista. Aí eu vou colocar aqui o link da lei pra tu dar uma olhadinha, tá bom? Aí tu estuda antes de falar besteira, oh, sem noção. Deixa de ser anta, tu tá praticamente a escrava do estado, oh, debiloide, ai, meu Deus, o meu dia não é nem nove horas da manhã e já começa assim? Eita povo chato e burro. Clica no link, vai lá dar uma olhadinha na lei, dá uma estudadinha nessa lei, diga que você é autista e pare de usar sua focinheira, porque você é melhor ser autista do que ser cachorro, ok?

# Longe da horda mascarada

Por **Becky Akers** - 19/06/2020

Tempo estimado de leitura: 5 minutos



Depois de uma **carta absurdamente partidária** de “profissionais de saúde pública”, vilipendiando “manifestantes brancos que resistem às ordens de ficar em casa”, mas defendendo manifestantes que “se manifestaram contra o ... racismo”, devemos rir de qualquer coisa que venha dessas pessoas. E acredite, você irá rir quando ouvir o que o “**cirurgião geral Jerome Adams**” “**escreveu no Twitter**” alguns dias atrás:

“Alguns acham que as máscaras faciais violam sua liberdade de escolha. Porém, se mais as usarem, teremos **MAIS** liberdade para sair. Máscaras faciais [levam a] menos propagação viral assintomática [levam a] mais lugares abertos e mais rápido! ... Exerça e promova sua liberdade, escolhendo usar uma máscara!”

Percebeu? Ao “escolher” obedecer aos tiranetes estultos, afirmamos nossa liberdade! Caso contrário, eles nos mandarão de volta aos nossos quartos como as crianças que eles pensam que somos.

Poderíamos ignorar a concepção bizarra de liberdade de Jerome, se ela fosse idiossincrática. Mas muitas de suas vítimas definem a liberdade de maneira tão grotesca quanto ele. Não é de se admirar que definhamos em uma distopia totalitária.

A ciência das máscaras está tão longe de ser estabelecida quanto o coronavírus está da varíola. Um "especialista", realizando estudos, jura que as máscaras interromperão o COVID19; um outro munido de pesquisas conflitantes, afirma que elas não podem parar o vírus e ainda aumentam os riscos a nossa saúde. Suspeito que, como a maioria das medidas médicas, as máscaras afetem cada pessoa de maneira diferente. Elas ajudam alguns enquanto prejudicam outros; se fôssemos livres, todos determinariam o que é melhor para sua situação e saúde. Mas nossos governantes nos negam até esse pouco de autonomia.



Portanto, o uso de máscaras agora está irremediavelmente politizado, obliterando nossas chances de aprender a verdade. "De acordo com uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa em Saúde Pública da Associated Press-NORC, 76% dos democratas disseram que têm mais probabilidade de usar uma máscara em público, em comparação com 59% dos republicanos." Previsivelmente, "especialistas em saúde pública e democratas do Congresso expressaram frustração com a aversão de Trump ao uso de máscaras, enquanto o ex-vice-presidente Joe Biden – o candidato democrata à presidência – adotou máscaras faciais e chamou Trump de 'completo idiota' por menosprezar a prática preventiva." E "Na Ásia, máscaras não são apenas proteções. Elas também são símbolos. Elas são uma afirmação de espírito cívico e consciência..." Ah, certo, e elas não são a mesma coisa aqui? Biden prova que os esquerdistas ocidentais também as usam como "sinal de virtude". E saiba que a escória do New York Times estampa pomposamente: "A máscara é um instrumento de saúde

**pública**, mas ela também revelou ser uma máscara no sentido mais tradicional: uma ferramenta em um ritual social, um objeto de fetiche que reflete a política, expressão de gênero e seu relacionamento com a própria verdade”. Eu tenho apenas uma vaga ideia do que isso significa, graças a Deus. Mas o desprezo do Times por aqueles que se recusam a entrar no jogo é bastante claro.

Não importa. Faz tempo que deixei de me preocupar se as máscaras me protegem ou protegem a qualquer outra pessoa: não usarei uma. Tampouco eu aceitaria se os fatos sustentassem firmemente sua eficácia: sejam quais forem as ordens do Leviatã, faço o oposto na medida do possível. Os amantes da liberdade estão de saco cheio de mandatos, especialmente aqueles relativos a algo tão pessoal quanto o guarda-roupa. E quando uma loja, restaurante ou igreja aplica o ditame do Estado, vou para outro lugar, de preferência depois de explicar-lhes o porquê.

Por que sou tão inflexível? Por causa do que esse “objeto de fetiche ... representa [sobre] a posição política de uma pessoa”. Máscaras gritam: “EU SOU UM ESCRAVO QUE AMA MINHAS CORRENTES! Obedecemos nossos mestres e pulemos do precipício! Elas indicam que o usuário assiste muita TV, que é tolo e ingênuo. Eu comparo o uso de máscaras com sair as ruas como uma camiseta do Che Guevara.

Se máscaras ajudam ou prejudicam é irrelevante para nossos governantes: apenas nossa deferência interessa a eles. Eles estão determinados a nos fazer obedecer, por mais insensatos ou desastrosos que sejam seus comandos. O que nos leva a questionar se as contradições iniciais sobre máscaras foram deliberadas (Jerome “Obediência é Liberdade” Adams anunciou em fevereiro: “**Pessoal, é sério: PAREM DE COMPRAR MÁSCARAS!** Elas NÃO são eficazes para prevenir que o público

em geral pegue **Coronavírus**, mas se os profissionais de saúde não puderem usa-las para cuidar de pacientes doentes, isso coloca eles e nossas comunidades em risco!”). Talvez tal inconsistência não tenha sido tão incompetente quanto pensávamos; talvez estivesse condicionando as ovelhas a aceitarem, não importa o quê.

Ou talvez fosse apenas mais uma mentira, como o arquidemônio Fauci confessou há alguns dias: “... **a comunidade de saúde pública** ... estava preocupada com o fato de que estávamos num momento em que equipamentos de proteção pessoal, incluindo as máscaras N95 e máscaras cirúrgicas, estavam em falta”. Mais uma vez, esses intrometidos insuportáveis mentiram, exatamente como fizeram em **sua carta**. Daqui a pouco mais ninguém acredita.

Não obstante, políticos e burocratas não parecem querer flexibilizar o uso de máscaras, um emblema onipresente e ostensivo de seu poder sobre nós. De fato, **o CDC continua justificando-as**. Depois, vejam o que temos de “**um professor de cuidados primários da Universidade de Oxford**”: “... o público provavelmente estará usando máscaras até ‘não haver casos novos ou muito poucos casos’. Considerando ... que os EUA [superaram] ] o total de 2 milhões de casos, o país parece ainda ter um longo caminho a percorrer.” É isso que eu ouço do Leviatã?

A devoção da besta pelas máscaras faz sentido. Mas por que um grande número de compatriotas adota esse estratagema caro, desconfortável e inconveniente? Claro, uma única máscara pode custar apenas uns trocados, mas o valor de um mês tira do seu bolso um bocado, que você poderia gastar melhor em mantimentos (especialmente se você estiver recentemente desempregado: obrigado por isto, políticos!). Multiplique isso três ou quatro vezes para uma família, e se torna um gasto

elevado.

Eu ainda não usei uma máscara, então não posso falar sobre o conforto delas, mas alguém que conhece admite que é incômodo: “Sempre que [Joseph] Santarpia [no Centro Médico da Universidade de Nebraska] vê alguém usando uma máscara em público, a pessoa está constantemente tocando nela. “As máscaras são realmente desconfortáveis e ninguém as usa corretamente”, disse ele.”

Por fim, aposto que muitas pessoas saem de casa ou de carro pela manhã apenas para dar meia volta e refazer seus passos porque esqueceram a máscara.

Então, o que está havendo? Por que tantas pessoas ainda usam essas monstruosidades? Talvez porque elas se deleitem com a emoção que o coronavírus traz às suas vidas. De repente, elas estão vivendo no limite! Ações comuns – fazer compras, trabalhar, jantar em um restaurante, andar de elevador – oferecem um delicioso frisson de risco. Máscaras aumentam essa ilusão. E usar uma é uma maneira fácil de salvar a humanidade. Não há necessidade de sacrificar a si mesmo, seu tempo ou muito dinheiro. A maioria das pessoas anseia por servir uma causa maior. Os cristãos fazem isso espalhando o Evangelho – e agora, uma população fraca, egoísta e completamente indulgente pode salvar o mundo com um mínimo esforço.

É essencial, então, que nós que amamos a liberdade evitemos as máscaras. Por favor, Deus, daremos coragem aqueles que desafiam uma tendência somente quando veem outras pessoas fazendo isso. E contrariar esta é imperativo: os departamentos de “saúde pública” já estão planejando **outro lockdown neste outono**. Não sei se esses burocratas são inerentemente mais ditatoriais do que a média; sei que, ao valorizarmos nossa vida

e liberdade, devemos abolir seus feudos.

Mas essa é uma tarefa hercúlea, até impossível. Os legisladores de Ohio **tentaram apenas restringir a autoridade do departamento de saúde** e falharam, mesmo com a máquina do estado à sua disposição.

Então, seguiremos o segundo melhor caminho e desrespeitaremos os decretos desses déspotas. Zombe deles, desafie-os, desdenhe deles para a família e os amigos. Elimine-os de todas as maneiras que puder, especialmente rejeitando máscaras (e se os decretos inconstitucionais exigirem máscaras em sua área, lembre-se de que quase **90% dos americanos são metabolicamente inflexíveis**. Portanto, **esta carta isenta os que têm problemas de saúde de se sufocarem**).

**Victor Hugo disse:** "A virtude usa um véu, o vício uma máscara". Quão apropriado que nossos governantes pressionem pelo último!

*Artigo original **aqui**.*

---

---

### **Becky Akers**

publicou dois romances da Revolução Americana. Eles comemoram a liberdade e a secessão, entre outras alegrias, então compre-os agora, antes de serem banidos.

# Novo estudo científico: As máscaras são inúteis contra Covid

Por **Daniel Horowitz** - 19/11/2020

Tempo estimado de leitura: 4 minutos



A maioria das elites ocidentais está telegrafando a mensagem de que seremos forçados a cobrir nossa humanidade com burkas chinesas baratas indefinidamente. Elas estão exigindo que mesmo crianças de dois anos usem máscaras. Os **efeitos a longo prazo sobre os pulmões**, problemas emocionais e comportamentais e de desenvolvimento de bebês e crianças pequenas são enormes. Por tal invasão inconstitucional da liberdade pessoal, elas deveriam nos mostrar algum grau surpreendente de eficácia desse ritual de culto. Na verdade, os dados mostram o contrário.

O muito elogiado estudo dinamarquês de máscaras foi finalmente **publicado** hoje no prestigioso *Annals of Internal Medicine*. Agora sabemos por que três revistas científicas médicas foram tão avessas a publicar suas descobertas. O estudo oblitera completamente a devoção do culto às máscaras. Os resultados deste enorme experimento controlado na vida real mostram que o grupo que usava máscaras cirúrgicas em abril experimentou uma taxa de infecção 0,38% menor do que o grupo de controle que não usava máscaras. Isso é cerca de um terço de um por cento, o que é tão baixo que poderia ser

apenas variâncias estatisticamente aleatórias que demonstram nenhuma eficácia definitiva mesmo naquele nível infinitesimal.

“A recomendação de usar máscaras cirúrgicas para complementar outras medidas de saúde pública não reduziu a taxa de infecção de SARS-CoV-2 entre os usuários em mais de 50% em uma comunidade com taxas de infecção modestas, algum grau de distanciamento social e uso incomum de máscara geral”, concluíram os autores. “Os dados eram compatíveis com graus menores de autoproteção.”

Havia um total de cerca de 3.000 pessoas em cada grupo do estudo, o que tornaria este o maior estudo já realizado sobre a eficácia do uso de máscara. Em outubro, *Berlingske*, o jornal diário mais antigo em funcionamento da Dinamarca, **relatou** que três grandes revistas científicas – *JAMA*, *New England Journal of Medicine* e *Lancet* – se recusaram a publicar o estudo.

Parece que os autores do estudo tiveram que torcer a língua para que este estudo fosse publicado, observando que “as estimativas eram imprecisas e estatisticamente compatíveis com um efeito que varia de uma redução de 46% a um aumento de 23% na infecção”. É claro que eles tiveram que admitir que seu estudo não exclui definitivamente a ideia de que as máscaras podem ser eficazes!

Portanto, passamos da afirmação de as máscaras a serem mais eficazes do que uma vacina a afirmação de não haver nenhuma evidência incontestável de que algum dia funcionarão de alguma forma.

É importante observar que vários **estudos** teorizaram que o vírus pode ter ficado mais contagioso nos últimos meses do que na primavera. Supondo que essa teoria seja válida, este estudo dinamarquês, realizado em abril e maio, demonstraria que as

máscaras são ineficazes mesmo contra a versão menos contagiosa do vírus.

Então, novamente, não há nada de novo sobre o uso de máscara para quem presta atenção. Há muito tempo é a **política da OSHA** que respiradores, como um N-95s, são o padrão mínimo para equipamentos de proteção individual. Sempre soubemos que as máscaras cirúrgicas, que têm poros **cerca de 30 vezes maiores que as partículas de vírus** e não são encaixadas nas bordas, não podem proteger contra vírus transportados pelo ar, como o da gripe. Além disso, a maioria das pessoas, especialmente aquelas que ficam em ambientes fechados por um longo período, como em ambientes escolares e comerciais, tendem a usar máscaras de pano mais confortáveis, que são ainda menos eficazes e correm o risco de espalhar o vírus ainda mais.

É por isso que ninguém deve prestar atenção à isenção de responsabilidade no estudo, que os autores claramente tiveram que escrever para que o estudo fosse aceito:

Os resultados, no entanto, não devem ser usados para concluir que uma recomendação para que todos usem máscaras na comunidade não seria eficaz na redução de infecções por SARS-CoV-2, porque o estudo não testou o papel das máscaras no controle da origem da infecção SARS-CoV-2. Durante o período do estudo, as autoridades não recomendaram o uso de máscara fora de ambientes hospitalares e o uso de máscara era raro em ambientes comunitários. Isso significa que a exposição dos participantes do estudo foi predominantemente a pessoas que não usavam máscaras.

Este é um ponto justo – que na época, a maioria das outras pessoas fora do grupo de estudo na Dinamarca não estava usando máscaras. O problema é que vimos o vírus se espalhar para todos nos meses seguintes, inclusive em locais com 100% de conformidade com o uso da máscara. Em **um estudo recente do CDC**, 85% dos pacientes convalescentes com COVID entrevistados relataram que usavam máscaras sempre ou na

maior parte do tempo durante o período que antecedeu o período de infecção. Assim, os resultados do estudo dinamarquês corroboram claramente o que vemos com nossos próprios olhos em todos os ambientes.

Vimos esse resultado em mais de seis meses de experiência na vida real no mundo e até mesmo nas **forças armadas** com 100% de conformidade. O uso de máscara é o único decreto que pode resultar em eficácia zero e depois usar essa falta de eficácia contra o vírus, como testemunhado pela disseminação massiva, como mais um pretexto ... para exigir ainda mais o uso de máscara! Gritaram com meu filho por ele ter abaixado a máscara por alguns segundos no consultório odontológico, sendo que o dentista ficaria literalmente na boca dele por muito mais tempo. Já experimentamos algo tão destrutivo e ilógico em nossas vidas?

*Artigo original [aqui](#).*

Este artigo contém uma lista atualizada que reúne todos os nossos artigos sobre máscaras: **Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar**

---

---

**Daniel Horowitz**

é colunista do The Blaze.

## O mundo jaz no maligno



June 28, 2023

**VASSASSINAS: CRIANÇAS E  
BEBÊS MORRENDO, FICANDO  
ESTÉREIS, NÃO MAIS  
HUMANOS COM O DNA  
ALTERADO,  
CRIMINOSAMENTE  
CORROMPIDO**

FMV Professor, Paris 2023

Instituto Tia Alaíse

<http://tiaalaiseinstitute.blogspot.com>





## O mundo jaz no maligno

#VASSASSINAS: crianças e bebês morrendo, crianças e bebês ficando estéreis para o resto de suas vidas, os que não morrerem logo, obviamente. Crianças e bebês não mais humanos, uma vez corrompido o seu DNA humano!

“ Tragicamente, as estatísticas pintam um quadro assustador, com um aumento impressionante de 63.060% no excesso de mortes entre crianças de 0 a 14 anos na vigésima quarta semana de 2023.

Esses números nos contam uma história assustadora de conseqüências trágicas que foram previstas por médicos verdadeiros, luminares da ciência, os quais foram sistematicamente silenciados, censurados, mortos... ”

👉 <http://karinamichelin.com/euromomo-os-dados-mostram-um-aumento-de-63-060-nas-mortes-de-criancas-desde-o-lancamento-da-vacina-covid-19-da-pfizer-na-europa>

O que mais se precisa para os cegos verem, para os surdos ouvirem?

Desde dezembro de 2019 (sim, dois mil e DEZENOVE) estamos mostrando a verdade!

PAREM de destruir seus filhos, seus pais, suas famílias e a si mesmos, seus idiotas - digo idiotas sem xingamentos, mas por definição, é o que são!

Parem enquanto lhes sobra algum tempo apocalíptico, armagedônico...

As #vassassinias são venenos de alta nano-tecnologia, desenvolvidos em décadas para magnetizar, aprisionar, conectar, corromper a genética, esterilizar, adoecer, matar!

E a data limite para o extermínio de 93.75% da população mundial continua sendo o ano de 2030...

A diabólica Elite Global está bem avançada com a sua macabra agenda para o Great Reset na economia, direitos e liberdades, SEMPRE CONTRA A HUMANIDADE.

O momento presente é de promover o caos, a miséria, as desgraças no mundo, incluindo INTENCIONAIS, PROVOCADAS POR GEO-ENGENHARIA, CATÁSTROFES "NATURAIS" entre aspas, e "MUDANÇAS CLIMÁTICAS" IGUALMENTE PROPOSITAIS PARA A TIRANIA ECOLÓGICA que vai chegando e determinando inclusivamente o que devemos comer - INSETOS E OUTROS ALIMENTOS NOCIVOS, ENVENENADOS como as #vassassinias o são inteiramente, mas DISFARÇADOS DE POLITICAMENTE CORRETOS, para além da já conhecida DITADURA DA SAÚDE que virá em novas fases, novas investidas, novos ataques de terrorismos biológicos os quais justifiquem mais contaminações em massa, mais genocídio mundial e extermínio

completo da civilização dos homens.

Sempre a mesma Agenda do Mal, possíveis, programados, acidentes nucleares, a Terceira Guerra Mundial de Biden, Macron, ONU, OTAN, WEF, cobrindo o lindo planeta Terra e, "para variar", não fazemos nada!

Tenho dito!

Gratidão aos despertos! Gratidão aos que se despertam!

FMV Professor  
Paris Junho 2023

- # Sol é vida, confinamento morte!
- # Respiremos oxigênio, não respiremos CO2!
- # Outros ataques biológicos virão!
- # Vacinas são nocivas!
- # Imunidade é a chave!
- # Vivamos saudáveis!

Instituto Tia Aláise

- <http://facebook.com/institutotiaalaise> - <http://t.me/tiaalaise>

- <http://institutotiaalaise.blogspot.com> - <http://tiaalaisecheiadevida.blogspot.com> - <http://tiaalaisecuida.blogspot.com> - <http://medi>



Popular posts from this blog

## Coronel Moézia não se verga

February 24, 2023



Coronel Moézia não se verga [ Pedimos vênia para a publicação... Expressando a nossa eterna gratidão a esse invulgar, dignificante, herói verdadeiro desde a Re ...

[READ MORE](#)

## Escute hoje para não chorar amanhã: três vídeos de médicos de verdade

June 05, 2022



Escute hoje para não chorar amanhã: três vídeos de médicos de verdade As #vassassinias são armas de alta nano-tecnologia, feitas para matar e adoecer, a curto e ...

[READ MORE](#)

## Não aceite! Vá para as ruas!

June 15, 2023

O MEDO DE IR PAI  
RUAS TRARÁ MAIS  
VERDADEIRAS DE  
DE LIBERDADE E A  
DA TIRANIA  
FMV Professor, Paris 2023  
Instituto Tia Alaise  
http://tiaalaiseinstitute.

Não aceite! Vá para as ruas! “Não importa quem vota. Importa quem conta os votos...” (Famosa lição do ditador Josef Stalin, 1878-1953, como acontece na China, Coréia do N ...

[READ MORE](#)

 [Powered by Blogger](#)

Theme images by [Michael Elkan](#)



**FMV PROFESSOR**

[VISIT PROFILE](#)

**Archive**



---

[Report Abuse](#)

# Pelo direito básico de respirar: a tirania (anticientífica) das máscaras tem que acabar

Por Equipe IR - 30/06/2020

Tempo estimado de leitura: 16 minutos

“Como uma pessoa pode ser forçada por qualquer empresa ou entidade governamental a usar uma máscara (que afeta o sistema respiratório) sem fazer um exame físico pedido por um médico licenciado que aprova tal ação?” – Peggy Hall, da *The Healthy American*



A ciência diz que pessoas saudáveis não devem usar máscaras

Máscaras reduzem a entrada de oxigênio, levando à toxicidade do dióxido de carbono

Os germes ficam presos perto da boca e nariz, aumentando o risco de infecção

Usar uma máscara faz com que você toque seu rosto com mais

frequência

Não há evidências científicas que dão suporte ao uso de máscaras por pessoas saudáveis

Máscaras obscurecem suas características faciais e impedem a interação social normal

Máscaras impedem a leitura labial por pessoas com deficiência auditiva

## **MÁSCARAS NÃO IMPEDEM A DISSEMINAÇÃO DE VÍRUS**

Para todos mascarados (especialmente aqueles que acham que usar máscara na rua NÃO é estupidez). Sei que estou prestes a estourar sua bolha de "doutorado no Google", mas aí vai o que um agente certificado em segurança e saúde do trabalho tem à dizer:

Então, sobre as máscaras...

Eu tenho certificado da saúde trabalhista. Eu sei que alguns de vocês também têm. Eu realmente não sei por que a justiça trabalhista não interveio e parou este absurdo, mas eu quero falar sobre três coisas:

- Máscaras N95 e máscaras com portas de expiração
- Máscaras cirúrgicas
- Máscaras de filtro ou tecido

Ok, então, após uma inspeção mais aprofundada, a justiça de saúde e segurança do trabalho americana (OSHA) diz que algumas máscaras devem e outras não devem ser usadas em determinadas situações.

Se você estiver trabalhando com fumos e produtos químicos em

aerossol e der a seus funcionários as máscaras erradas e eles ficarem doentes, poderá ser processado.

- **Máscaras N95:** são projetadas para ambientes CONTAMINADOS. Isso significa que quando você expira pelo N95, o design é projetado para você estar exalando para contaminação. A expiração das máscaras N95 é exalada para respirar sem filtragem. Elas não filtram o ar na saída. Elas não precisam.

Conclusão: se você está no supermercado e o cara com Covid tem uma máscara N95, sua respiração com Covid não é filtrada, sendo exalada no supermercado (porque foi projetada para ambientes já contaminados, não está filtrando o ar na saída).

- **Máscara cirúrgica:** essas máscaras foram projetadas e aprovadas para ambientes estéreis. A quantidade de partículas e contaminantes nos ambientes externo e interno estão entupindo essas máscaras muito, muito rapidamente. A umidade da respiração combinada com a máscara entupida a tornará "inútil". Se você entrar em contato com o Covid e sua máscara o reter, você se tornará um espalhador ambulante de vírus. Toda vez que você coloca sua máscara, está respirando os germes de TODOS OS LUGARES que você foi. Elas devem ser trocadas ou descartadas a cada "20 a 30 minutos em um ambiente não estéril".

- **Máscaras de pano:** eu nem acredito que estou precisando explicar isso, mas aqui vai. Hoje, três pessoas apontaram para suas máscaras enquanto passavam por mim entrando no mercado. Elas disseram “você tem que usar sua máscara, mano”, eu disse muito claramente “essas máscaras não funcionam, mano, na verdade elas te deixam mais doente”, elas desdenharam. Nesta altura do campeonato espero que todos já saibam que as máscaras de pano não filtram nada. Você está falando daquela máscara com a bandeira do Brasil que minha tia fez? Sim. Aquela com girassóis que parece tão fofa? Sim. A bandana, a camiseta cortada, o cachecol, todos eles NÃO oferecem FILTROS. Ao expirar, você está livrando seus pulmões de contaminantes e dióxido de carbono. As máscaras de pano no máximo obstruem a saída desse dióxido de carbono. Na verdade, prejudica sua saúde, em vez de protegê-la. A umidade capturada nessas máscaras pode tornar-se mofo durante a noite. Tosse seca, alergias aumentadas, dor de garganta são todos sintomas de um mofo na sua máscara.

Resposta final:

- \* A N95 sopra o vírus no ar por uma pessoa contaminada.
- \* A máscara cirúrgica não foi projetada para o mundo exterior e não filtrará o vírus após a inalação. Sua filtragem funciona na expiração (como uma bolsa a vácuo, funciona apenas de uma maneira), mas provavelmente após 20 minutos, torna-se inútil fora de um AMBIENTE ESTÉRIL (correto, elas não funcionam em um bar, nem um pouco).



\* Máscaras de pano são piores do que nada. É o equivalente a usar uma cerca de arame para parar os mosquitos.

Os políticos querem que continuemos usando máscaras. As máscaras não funcionam. Elas estão sendo usados para fornecer falsa sensação de segurança e promover uma agenda específica. Pelo amor de Deus, pesquise o uso e o propósito projetados de cada máscara, aposto que você descobrirá que NENHUMA é usada no sentido da "defesa viral".

Eu sei, os fatos são chatos. Eles acrescentam uma chave de roda na pílula (aparentemente) perfeitinha que você estava engolindo de bom grado. Os fatos fazem com que você tenha que formar sua própria opinião, em vez de regurgitar a de outra pessoa, e eu sei o quão desconfortável isso faz com que muitos de vocês se sintam.

Se a sua máscara lhe faz se sentir seguro, use-a. Apenas saiba que é uma falsa sensação de segurança e você não deve constranger ninguém para participar de tal estratégia.

Se os políticos parassem de obrigar, ninguém continuaria fazendo esse absurdo. Não acredite em ideias nocivas para se sentir bem enquanto prejudica outros.

**Máscaras criam níveis perigosamente baixos de oxigênio – que podem levar a perda de consciência, complicações cardíacas e derrames – e aumentar o risco de contrair o vírus**

Máscaras são prejudiciais ao usuário. O COVID-19 mata causando hipóxia grave (baixos níveis de oxigênio no sangue). Ironicamente, o uso de máscaras também causa baixos níveis de oxigênio e hipóxia – porque as pessoas que usam máscaras respiram um pouco do ar expirado, diminuindo a quantidade de oxigênio que estão respirando e colocando-as em maior risco com a doença, caso a contraíam:

O uso de máscaras traz uma série de ônus fisiológicos e psicológicos. Isso pode interferir no desempenho das tarefas e reduzir a eficiência do trabalho. Esses ônus podem até ser graves o suficiente para causar condições de risco de vida se não forem tratados.<sup>[1]</sup>

De fato, quando a máscara N95 foi testada em uso em 2010, os “níveis de oxigênio no espaço-morto e dióxido de carbono não atendiam aos padrões de ambiente de trabalho da Administração de Saúde e Segurança Ocupacional”.

Em um estudo realizado pelo Hospital Nacional da Universidade de Taiwan há quinze anos atrás – cuja data de conclusão significa que podemos ignorar com segurança a ideia de que o estudo estava tentando influenciar a opinião pública contra o uso de máscaras na crise do COVID 2020, visto que ele terminou uma década e meia antes da situação do COVID – verificou-se que o uso de máscaras N-95 em profissionais de saúde fazia com que apresentassem hipoxemia, baixo nível de oxigênio no sangue e hipercapnia, uma elevação nos níveis de

dióxido de carbono no sangue.[2] A máscara não apenas criou níveis perigosamente baixos de oxigênio e um aumento igualmente perigoso do dióxido de carbono no corpo humano, como o estudo constatou:

A equipe médica está em risco aumentado de contrair 'síndrome respiratória aguda grave' (SARS) [se] usar máscaras N95....

Por fim, os autores do estudo descobriram ainda que "tonturas, dores de cabeça e falta de ar são comumente experimentados pela equipe médica usando máscaras N95" e que a "capacidade de tomar decisões corretas" também é provavelmente prejudicada.[3]

Estudos mostram que dores de cabeça em profissionais médicos são comumente encontradas como resultado do uso de máscaras, o que é um sinal de hipóxia: pouco menos de 10% dos profissionais de saúde em um estudo experimentaram sintomas tão graves que foram forçados a tirar, em média, dois dias completos de licença médica de seus empregos na área da saúde, enquanto 60% desses profissionais "exigiram o uso de analgésicos abortivos por causa da dor de cabeça".[4]

Um estudo mais recente, envolvendo 159 profissionais de saúde com idades entre 21 e 35 anos, descobriu que 81% desenvolveram dores de cabeça por usar uma máscara facial – que é um sinal de níveis perigosamente baixos de oxigenação – e TODOS os profissionais de saúde sentiram que as dores de cabeça afetavam seu desempenho no trabalho.[5] Constatou-se que as mulheres grávidas que usavam máscaras N-95 apresentavam dificuldades respiratórias associadas ao uso da máscara.[6]

De acordo com um neurocirurgião notável:

“Sabe-se que a máscara N95, se usada por horas, pode reduzir a oxigenação do sangue em até 20%”, o que, por sua vez, “pode levar a uma perda de consciência, como aconteceu com o infeliz companheiro que dirigia sozinho no carro, usando uma máscara N95, fazendo-o desmaiar, bater o carro e sofrer ferimentos. Tenho certeza que temos vários casos de idosos ou de qualquer pessoa com má função pulmonar desmaiando, batendo a cabeça. Isso, é claro, pode levar até a morte.”[7]

Embora todos os estudos revisados mostrem que a máscara N95 pode causar hipóxia significativa (muito pouco oxigênio) e hipercapnia (quantidades perigosas de dióxido de carbono), outro estudo – não das máscaras N95 –, mas das máscaras cirúrgicas simples, também encontrou reduções significativas no oxigênio no sangue. Neste estudo, os pesquisadores examinaram os níveis de oxigênio no sangue em 53 cirurgias. Eles mediram a oxigenação sanguínea antes da cirurgia e no final das cirurgias. Os pesquisadores descobriram que a máscara reduzia significativamente os níveis de oxigênio no sangue. Quanto maior a duração do uso da máscara, maior a queda nos níveis de oxigênio no sangue.[8]

Pior ainda, a imunidade do usuário da máscara – e sua capacidade subsequente de combater o COVID-19 ou qualquer outra infecção prejudicial – é realmente prejudicada pelo uso de uma máscara. A saber: a queda nos níveis de oxigênio (hipóxia) observada nos inúmeros estudos acima está diretamente associada a uma diminuição da imunidade. Em termos de efeitos biológicos, o que os estudos demonstraram é que a taxa reduzida de oxigênio (hipóxia) inibe a produção do tipo de células imunes primárias que nosso corpo usa para combater infecções virais (conhecidas como linfócitos CD4+ T). Em termos funcionais, o que acontece dentro de nossos corpos é que a diminuição do oxigênio causa um aumento no nível de um composto chamado fator induzível por hipóxia-1 (HIF-1). Uma vez que esse composto aumenta, por sua vez, inibe a produção de linfócitos T de que precisamos para que nosso corpo lute

contra invasores e infecções. Pior ainda, a falta de oxigênio estimula um poderoso inibidor do sistema imunológico (uma célula chamada Tregs), que por sua vez deixa o corpo maduro para contrair uma infecção por COVID-19 e experimentar a doença com mais severidade: isso define o cenário para a contração de qualquer infecção, incluindo COVID-19, e tornando as consequências dessa infecção muito mais graves. Em essência, sua máscara pode muito bem colocá-lo em um risco maior de infecções e, em caso afirmativo, com um resultado muito pior.[9]

Além disso, as pessoas com câncer, especialmente se o câncer se espalhar, correm um risco maior de hipóxia – à medida que as células cancerígenas crescem melhor em um ambiente corporal com pouco oxigênio. O baixo oxigênio também promove a inflamação sistêmica que, por sua vez, promove “o crescimento, invasão e disseminação de cânceres”.[10]

Episódios repetidos de baixo oxigênio – conhecidos como hipóxia intermitente – também “causam aterosclerose” e, portanto, aumentam “todos os problemas cardiovasculares”, como ataques cardíacos, além de problemas cerebrais adversos como derrame.[11]

Talvez ainda pior do que tudo o que foi exposto acima é o fato de que descobertas recentes mostram que, em alguns casos, o vírus pode entrar no cérebro.[12] De acordo com aqueles que praticam neurocirurgia, na maioria dos casos em que o vírus entra no cérebro, ele o faz por meio dos nervos olfativos – e consequentemente – usando uma máscara “os vírus exalados não serão capazes de escapar e se concentrarão nas passagens nasais, entrará nos nervos olfativos e viajará para o cérebro”.[13]

Simplificando: usar uma máscara na verdade aumenta sua

suscetibilidade à infecção – particularmente uma infecção que atinge os pulmões – e coloca você na direção de resultados muito piores, caso a re-respiração da carga viral faça o vírus invadir o cérebro pelas vias olfativas.

O fato de o uso de máscaras apresentar um risco grave de dano ao usuário deve, sozinho, exigir que os cidadãos não as usem, principalmente porque esses cidadãos não estão doentes e não fizeram nada de errado que justificasse uma violação de seus direitos constitucionais e autonomia corporal. Uma conclusão destacada por estudos recentes do CDC e da Organização Mundial de Saúde comprovam que o uso de máscaras é completamente ineficaz no controle da propagação do vírus: A saber, e de maneira bastante surpreendente, o CDC divulgou na semana passada em seu site revisão de todos os estudos – em todo o mundo – que analisaram a eficácia do uso de máscara facial como medida preventiva para controlar a disseminação de doenças respiratórias altamente infecciosas, como o COVID. A metodologia do CDC envolveu a pesquisa em quatro bancos de dados diferentes – Medline, PubMed, EMBASE e CENTRAL – e a revisão de todos os ensaios clínicos randomizados e controlados sobre o uso de máscaras, de todos os países do mundo.

### **A ciência diz que pessoas saudáveis não devem usar máscaras**

(1) New England Journal of Medicine:

“Sabemos que o uso de uma máscara fora dos centros de saúde oferece pouca ou nenhuma proteção contra infecções”. [LINK](#)  
[AQUI](#)

(2) Regulamentos CAL-OSHA:

“As máscaras de pano não protegem contra COVID -19 ” [LINK](#)

## AQUI

(3) Departamento de Saúde da Califórnia:

“As máscaras podem aumentar o risco se os usuários reduzirem o uso de defesas fortes”.

“Existem evidências limitadas que sugerem que o uso de máscaras de pano pelo público durante uma pandemia pode ajudar a reduzir a transmissão de doenças”. [LINK AQUI](#)

(4) FDA – “Mesmo uma máscara N95 devidamente ajustada não previne doenças ou morte” [LINK AQUI](#)

(5) CDC – Não há evidências científicas para pessoas saudáveis usarem máscaras. : Assista “[CDC Mask Deception](#)”

(6) Neurocirurgião Dr. Russell Blaylock:

Não há evidências científicas de que as máscaras sejam eficazes. Se você não estiver doente, não use máscara facial.

[LINK AQUI](#)

(7) Universidade de Columbia: danos psicológicos das máscaras faciais:

“Muitas crianças caem em lágrimas ou recuam quando alguém usando uma máscara se aproxima. Ao colocar máscaras, retiramos informações que tornam especialmente difícil para as crianças reconhecerem outras pessoas e lerem sinais emocionais, o que é perturbador e desconcertante”. [LINK AQUI](#)

(8) Cirurgião Geral dos EUA Jerome Adams:

“As máscaras não são eficazes para impedir que o público em geral pegue o coronavírus”.

[LINK AQUI](#)

(9) Dr. Anthony Fauci:

“As pessoas não devem andar por aí usando máscaras. As máscaras não fornecem a proteção que as pessoas pensam que

oferecem.” [LINK AQUI](#)

(10) OMS, Dr. Mike Ryan:

Não há evidências específicas que sugiram que o uso de máscaras pela população em massa tenha algum benefício potencial. De fato, existem algumas evidências que sugerem o oposto no uso indevido de uma máscara ou no encaixe inadequado. [LINK AQUI](#)

(11) Departamento do Trabalho dos EUA – OSHA:

“Deficiente em oxigênio é qualquer atmosfera que contenha menos de 19,5%.” Isso acontece quando o oxigênio é deslocado por gás inerte, como o DIÓXIDO DE CARBONO, e é a principal causa de fatalidades.” [LINK AQUI](#)

***Veja também nossos outros artigos sobre o uso das máscaras:***

**Longe da horda mascarada**

**Devemos usar máscaras? Mostre-me a ciência por trás disso!**

**Parem de obrigar as pessoas a usarem máscara por medo do COVID-19**

**Máscaras causam males à saúde e são um símbolo de submissão**

**A loucura das máscaras: dádiva para os antifas e outros marginais**

**Aviso sobre o perigo de máscaras!**

**Cidadãos forçados a respirar os gases fatais das**

**mudanças climáticas**

**O efeito placebo das máscaras**

**Por que não irei usar**

**Prezados humanos: Máscaras não funcionam**

**Não há “ciência estabelecida” que corrobore o uso de máscaras**

**Principais autoridades de saúde da Europa dizem que máscaras não são úteis para derrotar o COVID-19**

**O uso obrigatório de máscara é terrorismo silencioso visando submissão psicológica**

**Máscaras são a pena de Dumbo das massas**

**Legisladores admitem que as máscaras são apenas um “teatro político”**

**A conformidade ao uso de máscaras e distanciamento “social” é uma ameaça à soberania individual de todos**

**Game Over: 85% dos pacientes de Covid usavam máscara**

**O ano dos disfarces**

**Gaslighting global**

**Fogueira de livros: Twitter cala dissidentes, bloqueia o conselheiro de Trump sobre COVID**

**A absurda exigência de máscara da NFL**

**Novo estudo científico: As máscaras são inúteis contra Covid**

**O bizarro fenômeno não científico das máscaras**

**Uma sociedade mascarada é uma sociedade escrava**

**Todo mundo já está usando máscaras. Elas simplesmente não funcionam.**

**Quem usa máscara está ajudando a espalhar o vírus e deve ser confrontado**

**É hora de um novo 'Livro Verde' de empresas que acolhem clientes sem máscara**

**Análise abrangente de 50 estados mostra maior disseminação do vírus com uso de máscara**

**Brasil, tira tua máscara!**

**A recusa às máscaras diz muito, pois a coragem é o pré-requisito para todo comportamento virtuoso**

**Tire sua máscara e lembre o mundo de sua humanidade**

**Quando o fascismo vier, ele estará usando máscara**

**Máscara COVID: a psicologia da submissão?**

**A questão das máscaras**

**O indivíduo como baluarte de resistência contra a tirania coletivista das massas**

**Máscara, moeda, estado e a estupidez humana**

**Máscaras: uma revisão minuciosa das evidências**

**E o abuso infantil continua ...**

**Os perigos das máscaras**

**Será que as crianças perdoarão os pais que as obrigaram a usar máscara?**

**Agora o mainstream apoia as mesmas políticas de máscara que Scott Atlas foi censurado por promover**

**Explosão de casos na Argentina e Índia expõe mais uma vez a fraude das máscaras**

**Tire sua máscara e vire um homem de verdade!**

**Taiwan: a ignorância de especialistas e da mídia**

**Ditadores covidianos e o abuso infantil**

**Afinal, usar máscara sempre foi inútil? Fauci deve ser forçado a responder**

**Por que as pessoas não removem suas máscaras nem pós-vacinação?**

**Quanto mais as máscaras fracassam, mais precisamos delas**

**Todas as comparações de dados confirmam que as máscaras não servem para nada**

**Máscaras: antes e depois de serem politizadas**

**O verdadeiro significado das máscaras**

**A máscara da sua escravidão: imagem, história e significado da Escrava Anastácia**

**O dano de mascarar crianças pode ser irreparável**

**Menina de 8 anos para o conselho escolar: "Vocês devem ser presos por**

nos obrigar a usar máscara”

**VITÓRIA: Menina de 8 anos derrota a obrigatoriedade de máscara nas escolas**

**A Semiótica do uso público de máscara**

Mais de 150 estudos e artigos comparativos sobre a ineficácia e os danos das máscaras

Máscaras não são um mero “incômodo”

Não é segura, não é eficaz – 376 maneiras pelas quais as máscaras fazem mal

Forçar crianças a usar máscara nas escolas adianta para conter o Covid?

**Chega de máscaras!**

Agora querem nos impor os perigosos respiradores N95



**Checemos. É falsa a alegação do Uol que a alegação do Instituto Rothbard sobre máscaras é falsa**

**Veja mais aqui**

---

## NOTAS

[1] Arthur Johnson, Journal of Biological Engineering (2016).

[2] The Physiological Impact of N95 Masks on Medical Staff,

National Taiwan University Hospital (June 2005).

[3] The Physiological Impact of N95 Masks on Medical Staff, National Taiwan University Hospital (June 2005).

[4] Headaches and the N95 Face-Mask Amongst Healthcare Providers. Lim EC1, Seet RC, Lee KH, Wilder-Smith EP, Chuah BY, Ong BK, *Acta Neurologica Scandinavica*, 28 Feb 2006, 113(3):199-202.

[5] Ong JJY et al. Headaches associated with personal protective equipment- A cross-sectional study among frontline healthcare workers during COVID-19. *Headache* 2020;60(5):864-877.

[6] Are Face Masks Effective Against Covid-19? *The Science Times* (May 25, 2020).

[7] Could Wearing a Mask for Long Periods Be Detrimental to Health? *The Jerusalem Post*, Donna Rachel Edmunds (May 18, 2020) (quoting neurosurgeon Blaylock).

[8] Bader A et al. Preliminary report on surgical mask induced deoxygenation during major surgery. *Neurocirugia* 2008;19:12-126..

[9] Russell Blaylock, Id. (quoting Shehade H et al. Cutting edge: Hypoxia-Inducible Factor-1 negatively regulates Th1 function. *J Immunol* 2015;195:1372-1376. Veja también: Westendorf AM et al. Hypoxia enhances immunosuppression by inhibiting CD4+ effector T cell function and promoting Treg activity. *Cell Physiol Biochem* 2017;41:1271-84. Veja adicionalmente: Sceneay J et al. Hypoxia-driven immunosuppression contributes to the pre-metastatic niche. *Oncoimmunology* 2013;2:1 e22355.

[10] Aggarwal BB. Nuclear factor-kappaB: The enemy within. *Cancer Cell* 2004;6:203-208, and Blaylock RL.

Immunoexcitatory mechanisms in glioma proliferation, invasion and occasional metastasis. Surg Neurol Inter 2013;4:15.

[11] Savransky V et al. Chronic intermittent hypoxia induces atherosclerosis. Am J Resp Crit Care Med 2007;175:1290-1297.

[12] Baig AM et al. Evidence of the COVID-19 virus targeting the CNS: Tissue distribution, host-virus interaction, and proposed neurotropic mechanisms. ACS Chem Neurosci 2020;11:7:995-998. Wu Y et al. Nervous system involvement after infection with COVID-19 and other coronaviruses. Brain Behavior, and Immunity.

[13] Perlman S et al. Spread of a neurotropic murine coronavirus into the CNS via the trigeminal and olfactory nerves. Virology 1989;170:556-560.

### **Alguns vídeos:**

### **Mais links:**

Freedom to Breathe Agency

<https://ftbagency.me/>

Blog No Face Mask; atualizado constantemente

<https://nofacemask.blogspot.com>

The Healthy American

<https://www.thehealthyamerican.org/masks-dont-work>

Dois médicos dizem que usar uma máscara prejudica seu sistema imunológico

<https://www.bitchute.com/video/jJ26bdQ4rhxY>

Dores de cabeça e as máscaras N95 entre os provedores de

serviços de saúde

[https://www.researchgate.net/publication/7332926\\_Headaches\\_and\\_the\\_N95\\_face-mask\\_amongst\\_healthcare\\_providers](https://www.researchgate.net/publication/7332926_Headaches_and_the_N95_face-mask_amongst_healthcare_providers)

Estudo publicado em junho de 2020 mostra que praticar atividades físicas com máscara induz um “ambiente de hipercápnic e hipoxia” – e isso não é bom

<https://www.collective-evolution.com/2020/08/04/study-exercising-with-mask-induces-a-hypercapnic-hypoxia-environment-not-good/>

Assintomáticos não foram vinculados a nenhum caso até hoje.

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32513410/>

Protesto no Texas contra o uso obrigatório de máscara

<https://banned.video/watch?id=5ef8c942672706002f332f7c>

Máscaras: Existem benefícios ou apenas um acessório de conforto? Deixe os fatos falarem

<https://www.healingwithouthurting.com/single-post/2020/05/21/Masks-Are-There-Benefits-or-Just-a-Comfort-Prop-Let-the-Facts-Speak>

Máscaras faciais para todos não são científicas

<https://www.timesofnewrome.com/2020/05/face-masks-for-all-is-not-scientific-but-whats-the-harm-in-wearing-one-anyway>

Motorista de Nova Jersey bate carro após desmaiar por usar a máscara N95

<https://www.healthnutnews.com/ny-post-new-jersey-driver-crashes-car-after-passing-out-from-wearing-n95-mask>

Não há boas escolhas: uma máscara pode bloquear alguma poluição, mas ter outros efeitos nocivos à saúde.

Uma máscara também pode causar problemas respiratórios e tornar-se um viveiro para os micróbios prosperarem.

<https://scroll.in/pulse/860276/no-good-choices-a-mask-may-block-out-some-pollution-but-have-other-ill-health-effects>

De acordo com os Estatutos da Flórida, se você estiver usando uma máscara facial em uma empresa pública, local público, ou na casa de alguém ou na propriedade de alguém, está cometendo um ato criminoso.

<https://www.flsenate.gov/Laws/Statutes/2011/Chapter876>

Máscaras representam sérios riscos para os saudáveis

<https://www.technocracy.news/blaylock-face-masks-pose-serious-risks-to-the-healthy>

Máscaras de pano em comparação com máscaras médicas e sem máscara

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4420971>

Desoxigenação da máscara:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18500410>

Impacto fisiológico do n95:

<https://clinicaltrials.gov/ct2/show/NCT00173017>

Hipóxia crônica:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18331781>

Estudo controlado randomizado em cluster para examinar o uso de máscaras médicas como controle de origem para pessoas com doenças respiratórias:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28039289>

Eficácia das máscaras de pano:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27531371>

Aumento do risco de coronavírus:

<https://www.news-medical.net/news/20200315/Wearing->

[masks-may-increase-your-risk-of-coronavirus-infection-expert-says.aspx](#)

Cirurgião geral dos EUA: os dados não dão suporte ao uso de máscaras em público em meio à pandemia de coronavírus:

<https://www.foxnews.com/media/surgeon-general-explains-masks-public-coronavirus>

“POR QUE VOCÊ ESTÁ USANDO UMA MÁSCARA; O RITUAL PAGÃO DA TRANSFORMAÇÃO”:

<https://avoidthemark.com/2020/04/22/why-youre-wearing-a-mask-pagan-ritual-transformation>

Cirurgião Geral dos EUA: “... PARE DE COMPRAR MÁSCARAS! NÃO são eficazes para impedir que o público em geral pegue #Coronavírus ...”:

[https://twitter.com/Surgeon\\_General/status/1233725785283932160](https://twitter.com/Surgeon_General/status/1233725785283932160)

O mascaramento forçado de rosto é uma ofensa aos direitos civis:

<https://tinyurl.com/ybas9cdd>

Pessoas saudáveis usando máscaras, deveriam ou não deveriam?

<https://jennifermargulis.net/healthy-people-wearing-masks-during-covid19>

‘Máscaras são simbólicas’, dizem Fauci e The New England Journal of Medicine

<https://hennesysview.com/masks-are-symbolic-dr-fauci/>

Mascaramento Universal em Hospitais na Era Covid-19

<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2006372>

Desculpe Oregon, sua máscara é inútil (de acordo com a

ciência)

<https://www.professorhinkley.com/blog/sorry-oregon-your-mask-is-useless-according-to-the-science>

Dióxido de carbono desencadeia medo primordial de sufocamento

<https://www.livescience.com/5910-carbon-dioxide-triggers-primordial-fear-suffocation.html>

Máscaras, quarentena e lockdown

[https://lesberensonmd.com/?attachment\\_id=5321](https://lesberensonmd.com/?attachment_id=5321)

<https://www.sciencedaily.com/releases/2015/04/150422121724.htm>

<https://www.thehealthyamerican.org/masks-dont-work>

<https://deeprootsathome.com/does-a-face-mask-pose-serious-risk-to-children-or-to-the-healthy>

<https://technocracy.news/blaylock-face-masks-pose-serious-risks-to-the-healthy>

As razões pelas quais usar uma máscara por um tempo considerável e se isolar na verdade diminuem sua imunidade.

Hipercapnia é o excesso de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) acumulado em seu corpo. Isso pode acontecer ao usar uma máscara por longos períodos de tempo.

O que é um sintoma de hipercapnia? Incapacidade de se concentrar ou pensar com clareza.

Qual é a terceira principal causa de morte nos EUA? São erros médicos.

Quem usa uma máscara por longos períodos de tempo?

O uso de máscaras de pano por profissionais de saúde pode realmente colocá-los em maior risco de doenças respiratórias e infecções virais e seu uso global deve ser desencorajado, de

acordo com um estudo da UNSW.

<https://newsroom.unsw.edu.au/news/health/cloth-masks-%E2%80%93-dangerous-your-health>

A manipulação psicológica do uso universal de máscaras

<https://www.facebook.com/notes/heather-leigh/the-psychological-manipulation-of-universal-masking/10159673405413146/>

Porque eu não uso máscara

<https://californiaglobe.com/section-2/why-im-not-wearing-a-mask>

Italianos arrancam suas máscaras e protestam enraivecidos contra a fraude do coronavírus

<https://www.zerohedge.com/geopolitical/enraged-italians-abandon-masks-denounce-pandemic-scam>

Duas crianças chinesas morreram durante aula de ginástica em que usavam máscara

<https://sol.sapo.pt/artigo/695748/duas-criancas-chinas-morreram-durante-aula-de-ginastica-em-que-usavam-mascara>

Coronavírus: OMS alerta sobre máscara ser desnecessária para pessoas saudáveis

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/03/31/oms-reforca-alerta-sobre-mascara-ser-desnecessaria-para-pessoas-saudaveis.htm>

Agora até mesmo a OMS está dizendo que não se deve usar máscara em público o tempo todo

<https://www.westernjournal.com/now-even-saying-shouldnt-wear-mask-public-time/>

Usar máscara sem ter sintoma pode aumentar risco de contágio

<https://noticias.r7.com/saude/usar-mascara-sem-ter-sintoma-pode-aumentar-risco-de-contagio-14052020>

The Maskless Man from Texas é literalmente um respiro de civilização ao desafiar mandato do juiz

<https://youtu.be/e9FDra89ARY?t=1595>

Xerife Robert Snaza exorta os cidadãos a não serem ovelhas e não usarem máscaras

<https://nypost.com/2020/06/25/washington-state-sheriff-urges-residents-to-defy-mask-order/>

Dr Simone Gold sobre as máscaras: “Nós não consentimos”

<https://21stcenturywire.com/2020/07/03/dr-simone-gold-on-masks-we-do-not-consent/>

Juiz Napolitano: os governos não possuem autoridade para obrigar o uso de máscaras

<https://dailycaller.com/2020/06/29/judge-andrew-napolitano-governments-authority-mandate-masks-wearing-fox-news/>

Máscaras obrigatórias: Medo Vs Fatos

<https://youtu.be/Uw1TOptewKY>

Dr. Andrew Kaufman – Máscaras realmente funcionam? Podem te obrigar a usar uma?

<https://nofacemask.blogspot.com/2020/07/dr-andrew-kaufman-md-do-masks-even-work.html?m=1>

Associação Americana de Médicos e Cirurgiões: Fatos sobre as máscaras

<https://aapsonline.org/mask-facts/>

Mais um estudo médico sobre a contaminação imunda por vírus respiratórios na superfície exterior das máscaras

<https://nofacemask.blogspot.com/2020/07/yet-another-medical-study-on-nasty.html?m=1>

Médico e editor de uma publicação científica de medicina:

“Pessoas saudáveis não devem usar máscara”

<https://www.naturalblaze.com/2020/07/physician-and-medical-journal-editor-healthy-people-should-not-wear-face-masks.html>

Dr. Mark Sircus: O uso de máscaras – destruidor para a saúde

<https://drsircus.com/general/wearing-masks-a-sledgehammer-to-health/>

Peter Hitchens: Máscaras nos transformam em submissos – e não é a ciência que está nos forçando a usa-las, é a política

<https://www.dailymail.co.uk/debate/article-8537489/PETER-HITCHENS-Face-masks-turn-voiceless-submissives.html>

Máscaras — O debate mais controverso do COVID-19?

<https://www.lewrockwell.com/2020/07/joseph-mercola/masks-the-most-controversial-covid-19-debate/>

Prova conclusiva – Máscaras não inibem a disseminação viral

<https://www.lewrockwell.com/2020/07/joseph-mercola/conclusive-proof-masks-do-not-inhibit-viral-spread/>

Máscaras não funcionam: Uma revisão da ciência relevante as políticas sociais do COVID-19

<https://www.rcreader.com/commentary/masks-dont-work-covid-a-review-of-science-relevant-to-covide-19-social-policy>

**Livro: The Case Against Masks: Ten Reasons Why Mask Use Should be Limited**



**Livro: Face Masks In One Lesson**

**Livro: Unreported Truths About Covid-19 and Lockdowns:  
Part 3: Masks**

**Por fim...**









---

---

**Equipe IR**

Voo da gol, uso de máscara e lei 14.000.19.000.20.

Daniel: Fala pessoal, olha só, eu recebi seis ligações da mídia, vou retomar aqui o assunto do voo da gol, não uso de máscara e da lei 14.019 de 2020. Aqui agora é o meu posicionamento oficial, tá? Tá gl ligando, conexão, conexão política não, porque eles são nossos, eles não fazem sensacionalismo, e várias outras mídias ligando e querendo saber. A CNN: “Ah, por que que o senhor embarcou sem máscara?” Não embarquei, começa por aí. Não fui retirado do avião, tô aqui com meu chefe de gabinete, o Pablo, ó, chega aqui, Pablo, pro pessoal ver, aqui é o meu chefe de gabinete. Estava presente lá no aeroporto com a gente. O que acontece? Não embarcamos no avião, em momento algum veio alguém e nos retirou do avião, primeiro ponto, mentira da mídia, ninguém foi retirado. Segundo, não estávamos margeando a lei. O Pablo, ele não tem dispensa para não utilizar a máscara, ele estava com máscaras. Inclusive, isso pode ser materializado aí por várias câmeras que evidentemente vigiam o local. Estamos dentro de um aeroporto, então câmera não falta. O segundo ponto de mentira. Terceiro ponto, a menina petista né ou psolista ou pcbista, eu não sei o que ela é, mas é de ideologia de esquerda, quando nos viu e reconheceu começou a querer vociferar, brigar, nos atacar.

Por que é que eu tô voltando aqui nessa live? Tô recebendo muitas ligações aqui de mídia querendo saber por que é que eu não uso máscara. Bom, primeiro eu quero que vocês vão à merda, segundo, que essa lei aqui é federal, 14.000.19.000.20. o caput do artigo dela fala sobre a obrigatoriedade em transportes públicos, locais públicos e privados, né, adoção de medidas de assepsia, aquele blá blá blá, álcool aqui, sanitiza, passa álcool não sei onde, esse aqui é o caput, onde obriga. Aqui, no artigo 3º, 3º da lei 14.000.19.000.20, parágrafo sétimo diz aqui, a obrigação prevista no caput, isso aqui é *ipsis litteris* tá, é letra de lei, ou seja, como está escrito, a obrigação prevista no caput deste artigo será dis-pen-sa-da, no caso com transtorno de espectro autista, deficiência intelectual, deficiências sensoriais ou com quaisquer deficiências que impeçam de fazer o uso adequado de máscara para proteção facial conforme declaração médica, que poderá ser obtida por meio digital, ou seja, não precisa ser o físico. E, crianças com menos de três anos, também é desobrigado automaticamente. O que eu quero explicar pra você, né, que acompanha, é que não é necessário que você vá lá e peça a empresa: “olha, a minha filha tem três anos, vocês me dão um papelzinho pra ela voar?” não, ela tem menos de três anos, está desobrigada por letra de lei federal, o que mais me incomodou nessa história toda foi a militância absurda de uma empresa que está indo em conformidade com uma lei em detrimento de outra federal. Ela está seguindo leis municipais, estaduais, e a federal não está sendo seguida. O que mais também me irritou não é a questão de embarcar ou não, porque vão ser processados, já estão sendo processados, na verdade, por todos os aspectos, inclusive por descumprir uma letra de lei federal. Foi o meu chefe de gabinete que a menina tentou imputar ele o crime dizendo que ele tinha agredido essa atendente aí do psol aí. O que acontece é que ele já estava se locomovendo pro avião e quando ele tava entre uma porta de vidro e outra, ela puxou na cara dele e ele segurou a porta e disse: “eu tô entrando, ué, por que é que você tá fechando na minha cara?” ela começou a ir pra cima dele: “vai me bater? Vai me agredir?” e começou a dizer que tava sendo agredida.

Daniel: Né isso, cara?

Pablo: perfeito.

Daniel: aqui, ó, chega aí. Olha só que engraçado, conta aí, conta aí como é que foi.

Pablo: então, quando ela observou, né, que ele caminhou em direção pra poder fazer o embarque, ela correu pra poder fechar a porta. É, tudo bem se naquele momento ela fosse não querer deixar ele embarcar, só que eu estava correto, estava com a máscara e eu estava, já tinha feito uma identificação pra poder entrar, então, não tinha motivo pra ela fechar a porta em cima de mim.

Daniel: fazer um frisa aqui. O Pablo tava correto dentro da legislação que ele não tem o uso, que ele não tem a dispensa do uso de máscara.

Pablo: Perfeito.

Daniel: eu também não tava margeando a lei, eu tenho a dispensa, tá nesse celular aí que você tão falando. Vai, termina aí.

Pablo: Então, foi nesse momento, que ela fechou a porta. Eu segurei a porta e pedi

Daniel: pediu licença.

Pablo: pedi licença e pedi pra que ela me deixasse passar, que eu estava correto. E, depois, no desenrolar, o deputado aqui vai poder explicar o que aconteceu logo depois.

Daniel: mas tu bateu nela? \*rindo\* porra

Pablo: de maneira nenhuma, de maneira nenhuma. Não é do meu feitio, pode puxar minha vida inteira aí, eu não tenho, não tenho...

Daniel rindo: porra, e, cara, tá de sacanagem, várias câmeras ali

Pablo: menor chance de ter acontecido isso.

Daniel: mas o importante, pessoal, pra vocês saberem o quê? Como que a esquerda sempre age, eles tentam levantar uma narrativa, começaram a chamar a polícia federal dizendo que iam me prender e tudo mais. Eu falei: caraca, eles desconhecem qualquer tipo de norma mesmo, né, jurídica, não tem jeito, normativo jurídico não é com eles. Enfim, o Pablo foi lá, ela imputou um crime nele, ou seja, ela responde pelo crime de calúnia, então, de forma ulterior aí, porque ela afirma que ele a agrediu. Isso foi uma coisa que me revoltou bastante porque eles sempre agem dessa maneira. E esse é meu posicionamento oficial à gol aí, empresa de porcária que opera no Brasil. Eu já tenho mais de quarenta voos aí, sempre sem máscara com dispensa médica, dentro da lei catorze mil e dezenove, então, não é a gol ou a latam ou qualquer outra empresa que por portaria vai poder impedir que uma lei vigente no país seja obedecida. Então, tá aí, g1 e qualquer outro tipo de imprensa que queira saber, essa aqui á a minha resposta oficial pra vocês. Eu quero que vocês vão à merda com sua narrativa, vou continuar sim lutando contra essa focinheira ideológica sim, que não garante porcária nenhuma, isso aí fica cristalino por vários posicionamentos de médicos no mundo inteiro, não existem artigos científicos que comprovem, né, você pode dizer: “ah, não quero ver artigo científicos”, vá lá, volta mais ou menos um ano aí e vê quantos médicos atendiam você dentro do hospital de máscara, vá lá, busca na memória, quantas vezes o médico te atendeu de máscara? Tu tossindo, com catarro, conjuntivite. A única coisa que o médico pede quando você tá com

conjuntivite é que você não pegue nada que ele fica com medo de pegar. No mais, esse aqui é o meu posicionamento oficial pra que vocês entendam. Não margeei lei hora nenhuma, tava dentro da lei. Tá certo? Tamu junto. Um abraço.







